

ANL

REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS

ANL

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS**

Nº 43

Natal, Abril /Junho – 2015.

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/CJA Edições

Catlogação na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – V.1, n.1
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.

Número atual: 43, abr./jun.2015.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

Offset Editora

Rua Dr. Barata, 216 - Ribeira - Natal/RN - 59012-370

(84) 3344.3990 - editora@offsetgrafica.com.br

Sumário

ARTIGOS E ENSAIOS

7

UM CASCU DO AFETIVO - <i>O EDITOR</i>	8
AS MUITAS FLORES DE CÂMARA CASCU DO - <i>DIÓGENES DA CUNHA LIMA</i>	19
UM PASSEIO EM NATAL PELOS OLHOS DE PALMYRA - <i>DIVA MARIA CUNHA PEREIRA DE MACÊDO</i>	21
CONVIVÊNCIA CRÍTICA - MARIZE CASTRO: "DESAMPARADA PELO ESPLENDOR" - <i>HILDEBERTO BARBOSA FILHO</i>	34
NAVARRO POR COMPLETO - <i>GUSTAVO SOBRAL</i>	39
A PROSA MEMORIALISTA NA OBRA DE OCTACÍLIO ALECRIM - <i>CLOTILDE TAVARES</i>	54
MOSSORÓ E TIBAU EM VERSOS: ANTOLOGIA POÉTICA DE DAVID DE MEDEIROS LEITE E JOSÉ EDÍLSON SEGUNDO - <i>THIAGO GONZAGA</i>	61
A POESIA E O POEMA DO RN: MOMENTOS DECISIVOS - <i>MARCEL LÚCIO MATIAS RIBEIRO</i>	64
ENTRE TAPAS E FARPAS: AS BRIGAS DOS INTELLECTUAIS POTIGUARES - <i>MAIARA JULIANA GONÇALVES DA SILVA</i>	67
HOUE PLÁGIO? - <i>FRANCISCO MARTINS</i>	77
POLÍTICA E GRAÇA (UMA ANALOGIA RECORRENTE) - <i>SÔNIA MARIA FERNANDES FAUSTINO</i>	81
ADEMILDE FONSECA, A POTIGUAR NO CHORO BRASILEIRO - <i>LEIDE CÂMARA</i>	83
RELEMBRANDO GILBERTO AVELINO E ALVAMAR FURTADO - <i>VALÉRIO MESQUITA</i>	89

QUEIJARIA - <i>BENEDITO VASCONCELOS MENDES</i>	92
MEMORIAL DO LEGISLATIVO - <i>JURANDYR NAVARRO</i>	94
AOS MESTRES, COM CARINHO - <i>MANOEL ONOFRE JR.</i>	97
DEUS E JESUS CRISTO, MÉDICOS DOS MÉDICOS - <i>PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO</i>	102
CASA DO ESTUDANTE DO RIO GRANDE DO NORTE, BREVES ANOTAÇÕES - <i>CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES</i>	106
CONTOS E CRÔNICAS	125
NA ESTRADA - <i>NEWTON NAVARRO</i>	126
A DIVINAL BELEZA DA MULHER - <i>ELDER HERONILDES</i>	128
A LOTERIA- <i>EVANE LONGO</i>	130
BALÃO - <i>DAVID DE MEDEIROS LEITE</i>	133
POEMAS	137
OUTROS ROMANCES DE ALÇAÇUS - <i>PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO</i>	138
PÁSSARA - <i>MARIA MARIA GOMES</i>	145
MERGULHO MEUS OLHOS INSONES - <i>JOSÉ DE CASTRO</i>	146
EU QUASE NUNCA SEI - <i>TÂNIA LIMA</i>	149
NECROLÓGIO	151
ANNA REENCANTADA - <i>SÔNIA MARIA F. FAUSTINO</i>	152
AGRADECIMENTO - <i>DALIANA CASCUDO</i>	158



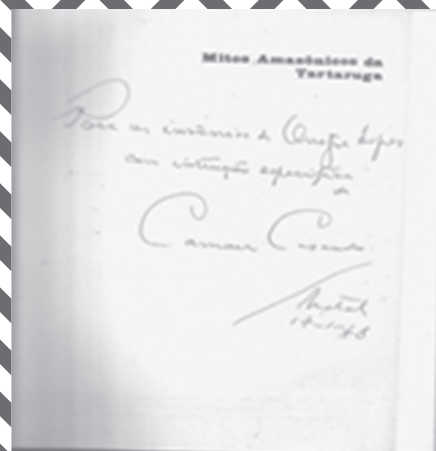
ARTIGOS E ENSAIOS

UM CASCU DO AFETIVO

Escritor, etnógrafo e folclorista de renome internacional, Luís da Câmara Cascudo era, também, uma grande figura humana, como atestam todos os que tiveram o privilégio de conviver com ele. Sempre bem humorado, informal, afetuoso, nele equivaliam-se inteligência e bondade. Muito do seu lado humano encontra-se nos livros “Um Brasileiro Feliz”, de Diógenes da Cunha Lima, e “ O Colecionador de Crepúsculos”, de Anna Maria Cascudo Barreto.

Nas próprias dedicatórias dos seus livros, ele extravasava o seu espírito fraternal, aliás, com muita criatividade. Vejamos, a seguir, algumas destas dedicatórias, que conseguimos coletar, com ajuda de escritores amigos e admiradores do Mestre: Diógenes da Cunha Lima, João Wilson Mendes Melo, Jorge O’Grady de Paiva, Manoel Onofre Jr., Maria Leneide Câmara de Oliveira, Nilson Patriota, Onofre Lopes, Sylvio Piza Pedroza e Vicente Serejo.

O editor.



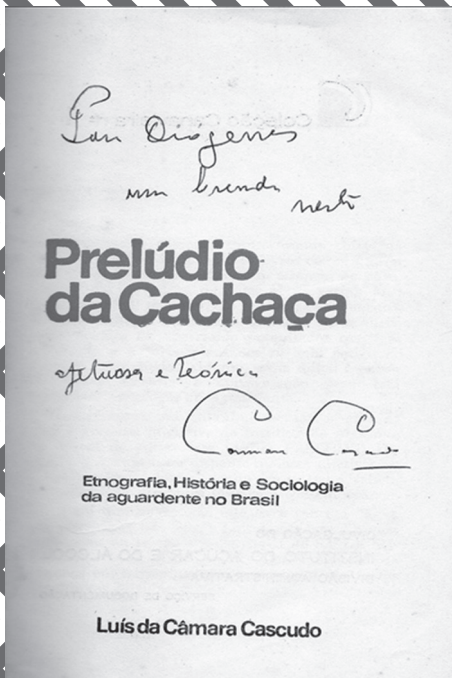
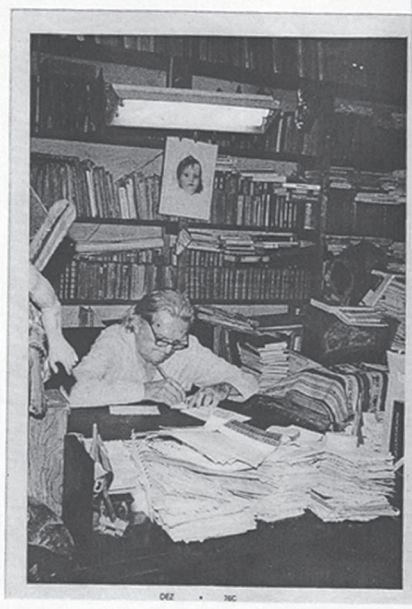


Foto com dedicação



No meu grande amigo
Diogenes vejo rampões
e o amor -
com gratidão
Câmara Cascudo

ao Sylvia Liza Pedrosa,
cujo afeto emocional ao
Povo diz-me das mais
profundas fontes tradicionais,
homenagem de seu
Luís da Câmara Cascudo
Cinco Livros do Povo

7-5-53.

CINCO LIVROS DO POVO

Dr. Nelson Patriota, sobrado honorário
a quem se dedica -
com gratidão
Luís da Câmara Cascudo
1953
Doação de
Nelson Patriota
Natal - 2002

**DIÓGENES DA CUNHA LIMA (1937). Poeta e escritor,
Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras,
advogado, ex-reitor da UFRN.**

Ao meu querido amigo Diógenes, cuja lâmpada é o coração – seu
grato Câmara Cascudo

Para Diógenes da Cunha Lima, minha companhia afetuosa.

Luís da Câmara Cascudo

Natal, 12 -X- 77, Dia da Criança.

Ao querido Diógenes, para que veja, com a lâmpada do humanismo,
como está presente na ronda do meu tempo –

Câmara Cascudo

(No livro “ Na Ronda do Tempo”)

Para Diógenes um brinde neste Prelúdio da Cachaça, afetuoso e teórico.

Câmara Cascudo

Natal, 24 - 11 -71

Para Diógenes da Cunha Lima o melhor açúcar desta sociologia – o
seu cambiteiro

Câmara Cascudo

Natal, 20-01-72

(No livro Sociologia do Açúcar)

Ao Diógenes, minha devoção natural –

Câmara Cascudo

VII -79 em Natal

Ao Diógenes da Cunha Lima inteiro e vivo no meu coração –

Luís da Câmara Cascudo

Natal – 30 – XII

JOÃO WILSON MENDES MELO (1921). Escritor e educador, membro da Academia Norte- rio-grandense de Letras.

Para o meu gola azul João Wilson, homenagem do velho professor

Câmara Cascudo

16-12-83

(No livro “Geografia dos Mitos Brasileiros”).

Obs. : “Gola Azul” era como Cascudo chamava os seus ex-alunos do Atheneu Norte-rio-grandense.

JORGE O´GRADY DE PAIVA (1909 - 2001). Sacerdote católico, escritor e educador, pertenceu à Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Ao querido Jorge O´ Grady de Paiva

- *ecce iterum*

Câmara Cascudo

Para Jorge O' Grady de Paiva

- o irmão que Deus me deu –

Luís da Câmara Cascudo

Natal, 1 – IX- 63

Para Jorge O' Grady de Paiva

este humilde Canto de Muro que seu nome ilumina de bondade,
talento e fraternal estima –

Luís da Câmara Cascudo

Natal, Dia da Padroeira - 1955

**MANOEL ONOFRE JR. (1943). Escritor e magistrado, membro
da Academia Norte-rio-grandense de Letras.**

Para Manoel Onofre, o meu **velho** Cruviana

Câmara Cascudo

(No livro “ O Tempo e Eu”).

Obs. : O apelido Cruviana era devido ao conto “ A Cruviana”, de autoria
de Manoel Onofre Jr.

Para o tão querido Cruviana

- com admiração pelo seu espírito e viva simpatia pela sua bondade.

Seu velho professor

Câmara Cascudo

6-IX- 71

(No livro “ Na Ronda do Tempo”)

Para Manoel Onofre Júnior
neste Canto de Muro
todos os ventos (ilegível) da cruviana-
Câmara Cascudo
23-07-70

**MARIA LENEIDE CÂMARA DE OLIVEIRA. Professora
aposentada, foi chefe do Departamento de História (UFRN) e
coordenadora do Curso.**

Para a prima Leneide Câmara
afetuosamente
Luís da Câmara Cascudo
23-VIII -83
(No livro “ Dicionário do Folclore Brasileiro”)

Para Leneide Câmara sossegar o espírito neste REDE DE DORMIR,
lembrança de Luís da Câmara Cascudo
23-VIII-83
(No livro “ Rede de Dormir”)

A Maria Leneide Câmara de Oliveira
uma presença fiel
deste velho
Câmara Cascudo
Natal, XII- 74
(No livro “ Civilização e Cultura”)

Para Maria Leneide Câmara de Oliveira combater as longas horas de insônia. Cordialmente

Câmara Cascudo

Natal, 8/XI/72

(No livro “ Ontem”)

Para Maria Leneide Câmara de Oliveira – muito do coração.

Luís da Camara Cascudo

Natal, 21- VII- 76

(No “ Livro das Velhas Figuras” - vol. I)

Para Maria Leneide Câmara de Oliveira, esta presença espiritual de uma grande alma emotiva.

Câmara Cascudo

Natal XII -74

(No livro “ Nosso Amigo Castriciano”)

NILSON PATRIOTA (1930-2008). Escritor e jornalista, pertenceu à Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Ao Exmo. Patriota, afetuosa presença de admiração e bem querer, deste seu

Luís da Câmara Cascudo

Natal, 30-XII- 75

(No livro “ Prelúdio e Fuga do Real”)

Para Nilson Patriota

Para suas insônias jornalísticas, afetuosamente

Luís da Câmara Cascudo

10-7-79

(No livro “ Mouros e Judeus na Tradição Popular do Brasil”)

Para Nilson Patriota

afetuosa homenagem do admirador em duas gerações

Luís da Câmara Cascudo

Natal, 16-01-1980

Ao Nilson Patriota, sobrinho honorário e vítima afetuosa, toda amizade de

Luís da Câmara Cascudo

Natal, 24-X- 79

(No livro “ Cinco Livros do Povo”)

ONOFRE LOPES (1907-1984). Médico e professor, primeiro Reitor da UFRN, presidiu a Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Para as insônias de Onofre Lopes

com intenção específica de

Câmara Cascudo

Natal, 17-1-78

(No livro “ Mitos Amazônicos da Tartaruga”, de Charles Frederik Hartt, tradução de Cascudo).

**SYLVIO PIZA PEDROZA (1918-1998). ex-Prefeito de Natal,
ex-Governador do Estado. Pertenceu à Academia Norte-rio-
grandense de Letras.**

Ao Sílvio Piza Pedroza
afetuosamente, em lembrança desse mundo que amamos –
Luís da Câmara Cascudo
Natal, 20-06- 52
(No livro “ Literatura Oral”)

Para Sylvio Piza Pedroza
a velha e fiel admiração jubilosa do seu velho professor
Luís da Câmara Cascudo
Brasília, 23-VIII-65
(No livro “Jangada”)

Para Sylvio Piza Pedroza
afetuosamente
Câmara Cascudo
Natal, 25-XII-74
(No livro “ Religião do Povo”)

Ao Syvio Piza Pedroza
cujo afeto emocional ao Povo dimana das mais profundas fontes
tradicionais, homenagem do seu
Luís da Câmara Cascudo
(No livro, “ Cinco Livros do Povo”)

Para Sylvio Piza Pedroza
afetuosa presença na pág. 70
deste seu velho
Câmara Cascudo
(No livro “ Ontem”)

Ao Sylvio Piza Pedroza
em nome de Charles Frederik Hartt, lembranças do tradutor –
Luís da Câmara Cascudo
(No livro “Os Mitos Amazônicos da Tartaruga”)

Para Sylvio Piza Pedroza
lembrança deste seu
Câmara Cascudo
(No livro “ Pequeno Manual do Doente Aprendiz”)

**VICENTE SEREJO (1951). Jornalista, professor e escritor,
membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.**

Para Vicente Alberto Serejo Gomes
esta viagem na nossa dimensão histórica para sua inteligente
curiosidade.

Votos
Câmara Cascudo
19-7-66
(No livro “ História do Rio Grande do Norte”.

Obs.: Vicente Serejo, nessa ocasião , tinha 15 anos de idade).

Para Vicente Alberto Serejo Gomes

essas páginas de vida e de morte.

Câmara Cascudo

Natal, 2-7-67

(No livro “ O Tempo e Eu”)

Este Joio é de Vicente Alberto Serejo Gomes.

Lembrança de

Câmara Cascudo

16-XII-70

Para Vicente Alberto Serejo Gomes

lembrança cordial de sua visita pessoal.

Câmara Cascudo

Natal, 2-VIII-62

AS MUITAS FLORES DE CÂMARA CASCUDO

Diogenes da Cunha Lima

A energia de espírito do cientista político Luís da Câmara Cascudo era bem alimentada pelas flores. Imagino que considerava as flores como símbolo da vida, uma perfeição efêmera.

Falávamos, um dia, sobre demonstração de saudade, e o mestre me contou o seguinte: soube do desaparecimento de seu amigo catalão mediterrâneo Eugenio D'Ores. A correspondência era toda pessoal, de maneira que ele não tinha como nem a quem comunicar a sua emoção. Escolheu uma flor vermelha e outra amarelo-ouro, e, ao entardecer, lançou-as no Rio Potengi. Disse-me ter confiado ao Oceano Atlântico a sua saudade. E que o vermelho representava a valentia, o amarelo a luz espiritual. Sobre as águas do rio e do mar as cores da Espanha.

Aos quatorze anos, morava na casa com um minibosque da Vila Amélia, o seu principado do Tirol. Cinquenta anos depois, registra, ainda sentia o odor penetrante dos resedás e bogaris.

Disse-me que fosse visitar a Santa Maria Novella em Florença, Igreja em que Dante rezava, levava flores-de-lis para receber iluminação de Nossa Senhora. Brinquei com ele, dizendo que era má a tradução das palavras de Jesus, “Olhai os lírios do campo”. Nos chãos percorridos por Jesus não haveria lírios, mas, pobres flores silvestres. A minha tradução seria: Olhai as xananas do campo.

Sobre Auta de Souza, ele afirmou: “Viveu como vivem os lírios, perfumando”.

Em frente à porta principal de sua casa havia um dedal-de-ouro ao qual o Mestre dizia sempre bom dia, boa tarde flor. Mas, para quebrar uma possível interpretação do seu lirismo, avisava que o beija-flor, sutil visitante das corolas, não vai lá buscar mel, mas caçar insetos.

Em crônica memorável, Câmara Cascudo lembra que as cercas vestidas de jasmim branco dão vontade de fazer soneto, anuncia e adjetiva velhas flores: bolas-de-ouro, glória-de-Dijon, rosa-chá, todo-ano, as-espetaculosas, estronda-mundo, até as delicadas rosas meninas, ainda depois se seguem as rosas-amélias, em nácar, as La Frances em porcelana, bouquet-de-noiva em cachos e as margaridas em bandos. Lembra o crisântemo multipetalado, indolente e heráldico, como se estivesse em brasão, Dhálias-serenas, os jasmims de laranja que caem como chuva de perfume quando se passa debaixo. Estão juntinhos os bem-casados.

Finalmente adverte: não falo em begônias, em violetas, em orquídeas, em parasitas de trato e de flores de luxo.

O nordestino Câmara Cascudo preferia usar sempre o verbo florar em vez de florir. Talvez a vogal aberta lhe desse maior sensação de amplitude das flores.

DIÓGENES DA CUNHA LIMA é poeta e escritor, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

UM PASSEIO EM NATAL PELOS OLHOS DE PALMYRA

Divia Maria Cunha Pereira de Macêdo

Dunas, rio, mar e verde pra tudo que é lado, oscilando à viração da brisa que vem lá das bandas da África, são os elementos que compõem os doze poemas de Palmyra Wanderley sobre Natal. Reunidos com o subtítulo “Rosas de sol e espuma,” foram publicados em 1929, no livro *Roseira Brava*. (WANDERLEY, 1965)

Sobre esta paisagem tropical, quase intocada, move-se prazerosamente um povo feliz, que canta, dança com a mesma tranquilidade com que bebe água e faz filhos.

Distante das grandes paixões e tristezas que sombreiam os dias e maltratam os versos, esses textos são mergulhos apaixonados nas paisagens luminosas da cidade menina que se derramam pelas páginas. Primitivos como a terra que lhes serve de tema, eles convidam os leitores à volúpia dos sentidos, para que, libertos dos grilhões deste mundo agoniado venham cá refrescar-se na lembrança do que foi a cidade antiga dos nossos avós.

São poemas longos, com número variado de estrofes, compostos de versos livres, quase sempre rimados, e oscilam entre a poesia e a prosa. O fato de ter escolhido um tema para o conjunto revela a presença de um projeto: traçar uma cartografia lírica da cidade Natal. Porém a falta de concisão e polimento do material poético compromete em parte o objetivo da escritora. A espontaneidade da matéria poética vertida no papel, talvez, pretenda alcançar o ritmo aparentemente descompromissado do modernismo. Isto é, o que a autora compreendia do movimento, ainda tão recente e circunscrito

ao eixo São Paulo-Rio. O Livro de Poemas de Jorge Fernandes, lançado em 1927, mexera com os nervos tradicionais da província, e esse poeta, apesar do entusiasmo e do apoio cascudiano a sua obra, era isolado e incompreendido. A poesia de Palmyra mostra-se aberta às novas propostas estéticas, ao diálogo, o que caracteriza sua obra como de transição.

Entre os recursos utilizados pela poetisa para enriquecer e dar vivacidade aos poemas, destacamos a inserção de trechos de modinhas populares, cantigas de roda, cantigas de ninar e canções do seu tempo, num processo dialógico, inclusive de recuperação da literatura oral.

Na intenção de valorizar os textos, recorre também ao repertório bíblico, aos mitos gregos e lendas populares. As referências revelam a cultura da poetisa, em tempos de muitas limitações à educação feminina e de altos índices de analfabetismo na população em geral. Palmyra é uma Wanderley e pertence à elite intelectual do estado. Junto com sua prima Carolina já fundara e dirigira, entre 1914 e 1915, a Revista Via Láctea, publicação direcionada ao público feminino.

As referências aos pintores, poetas, prosadores e músicos que participaram da formação do Rio Grande do Norte, fazem da autora uma “historiadora cultural”, preocupada em preservar não apenas a paisagem paradisíaca, mas os nomes daqueles que contribuíam para o aprimoramento intelectual da região.

Esse texto, foi originalmente publicado no volume Mulher e literatura no Rio Grande do Norte, organizado por Constância Lima Duarte.(DUARTE,1994,p55) Para esta nova publicação, ele foi reescrito, aumentado e dividido em duas partes, cada uma com seis poemas por ordem de publicação no livro. Na primeira parte são comentados os seguintes: Nossa Senhora do Potengi!; Petrópolis é a colina do sonho; ”Praia do meio ”gaivota de asas abertas; Areia Preta-flor do verão; Sinhá Rocas e Tirol é direitinho uma paisagem bíblica.

A pretensão do trabalho é divulgar a obra dessa poetisa, há décadas esgotada, que flagrou os momentos iniciais da cidade de Natal, quando esta ainda se embalava no berço de ouro da paisagem nativa.

Mas vamos à leitura dos poemas:

Salve Rainha do Potengi

Nossa viagem para o passado começa à margem esquerda do rio Potengi, onde nos surpreende a visão da cidade aurora saindo das águas na representação litúrgica de sua “santa padroeira de manto azulado”.

(...)

Metáfora recorrente em toda literatura, a água é mãe e matriz, símbolo universal de fertilidade e fecundidade, ligada à vida e à morte.

A imagem de mulher que se levanta das águas coaguladas assinala o início de um tempo sagrado, fundador da cidade brasileira e católica: Natal. Milagrosamente gerada, ela é dotada fartamente de bens naturais, sendo uma perfeita oferenda para o agrado dos céus. Segundo Câmara Cascudo existem dúvidas quanto ao ano em que Nossa Senhora aportou em Natal: 21 de novembro de 1753 ou 21 de novembro de 1756? Não há registro oficial do encontro da cidade com sua padroeira; apenas dúvidas quanto à data. Acrescenta o pesquisador que a cidade não teria mais de cem casas, a maior parte delas de taipa e cobertas de palha, e uma igreja matriz dedicada a Nossa Senhora da Apresentação. A imagem trazida pelas águas era de Nossa Senhora do Rosário, porque trazia no braço o menino Jesus e a mão na qual deveria levar um terço, estendida. Porém foi consagrada como Nossa Senhora da Apresentação, que já era venerada pelos fiéis.

Cascudo encerra o assunto com fina ironia: a “pastora, achou o seu rebanho, e o guiará serenamente para Deus. Só mesmo Nossa Senhora tem essa paciência...”(CASCUDO,1980,123)

(...)

“Nas dunas brancas que avisto ao longe,
Nas curvas verdes do teu perfil,
No sopro ameno da brisa clara,
No céu de tinta cor de anil;
Nos morros verdes tão veludosos,
Nos montes claros, brancos demais,
Nos arvoredos embandeirados,

(...)

Nas mangabeiras, nos coqueirais”

(...)

O poema é um hino religioso não muito diferente de alguns escritos por Auta de Sousa, mas a inclusão de novos elementos, como a valorização do folclore, dos costumes e da flora típica, revelam o interesse da poetisa em acrescentar aspectos novos a seu texto. A preocupação em dar um tratamento literário ao fato quase lendário do encontro de Nossa Senhora indicia as ambições do seu projeto literário, de acompanhar passo a passo a fundação e a transformação do espaço pobre e inculto em território abençoado para acolher um povo escolhido.

(...)

“Água corrente cantando um hino,
cachos de espuma tecendo rendas,
os passarinhos cantando hosanas!
Natal, presépio do Deus Menino,
cheirando a incenso das oferendas.”

(...)

Enfim, sacralizada pelo poder divino, a cidade torna-se apta a entrar no tempo histórico, que será mensurado pelas ações humanas sobre a edênica terra.

“Petrópolis é a colina do sonho”

Das margens do rio onde recebemos as bênçãos divinas, prosseguimos nosso passeio, escalando as colinas de Petrópolis. Transfigurado em pássaro ou cavaleiro real de capa verde, azul e amarela, o bairro é o próprio símbolo da brasilidade, hasteado no alto das dunas. Das alturas, pastoreia com olhos incansáveis os seus domínios.

Petrópolis, cavaleiro real
de capa azul, verde e amarela,
espia o mar da torre de um castelo feudal.

(...)

Olha o horizonte ao norte, em frente, o mar,
avista à esquerda o Potengi.
As dunas muito ao longe,
estiradas na praia,
parecendo um rebanho
a descansar deitado
na imensa solidão!...
Enquanto me parece vigiado

pelo pastor do tempo
em constante oração.

(...)

Feições distintas da cidade amada que se desenham diante dos olhos embevecidos da poetisa. Diante dessa paisagem privilegiada, toda arte é uma apropriação indébita, impossível de ser alcançada pelas palavras que escorregam entre dedos. Na tentativa de expressar as sensações que lhe provocam esse “locus amoenus”, o eu lírico recorre aos mitos gregos com seus cenários idealizados e as histórias infantis da Carochinha. A declaração feita no verso [Petrópolis] “o mais bonito bairro da cidade” só não pode ser levada mais a sério porque a mesma afirmação apaixonada é encontrada em outros poemas. Panteísta, o texto palmiriano entrega-se à volúpia da natureza luxuriosa, com o mesmo entusiasmo dos poetas românticos enredados na construção de uma identidade para o país a partir da exaltação da natureza tropical.

“Praia do Meio gaivota de asa aberta”

Um mergulho nas águas salgadas da Praia do Meio é o prazer seguinte que nos aguarda na viagem com a poetisa.

(...)

“Praia do Meio, gaivota
linda, no seu afã
tomando banho
com seu maiô cor da manhã.”

(...)

Gaiivota, moça enamorada a cismar ou borboleta de asas lantejouladas são as imagens a que recorre para expressar sua admiração pela beleza do lugar. Ao contrário de Petrópolis, a Praia do Meio é feminilizada e surge aos nossos olhos envolta numa toalha franjada de espumas do mar. Os versos desdobram-se no intuito de seduzir o leitor e envolvê-lo nas rendas que tece a praia rendeira para o seu enxoval. Sereia que com o seu canto atrai o incauto visitante:

(...)

“Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar,
Escolhei nesta roda
O que mais vos agradar.”

(...)

Porém é a cantiga de roda infantil que rompe o clima de sedução insinuado pelos versos e leva as crianças para a praia, num movimento secular de brincadeiras e banhos.

Para o eu lírico, a praia do Meio é uma “Coisa incerta,” ou apenas um “traço de união” entre o Forte e Areia Preta, que merece um poema mais longo.

“Areia preta-flor do verão”

Se Cascudo registra os fatos procurando a exatidão histórica, Palmyra os transfigura e vê na praia de Areia Preta, a “flor do verão,”

uma “Yara langorosa de olhos verdes” que dorme tristonha, na alva rede de espuma, acalentada pelo vento. As descrições da paisagem embaladas pela brisa marinha tecem uma aquarela vibrante, que pula da página para os olhos e destes para os outros sentidos numa festa de sons, cheiros e cores.

(...)

“ A brisa é quem nos traz
O som da serenata,
Num bafejo cheirando
A flor do cajueiro;
A resina escorrendo na alvorada;
O fruto azedo e doce,
Amadurecendo de madrugada.”

(...)

A evocação repetitiva do nome Areia Preta, movida pelos verbos “ver” e “rever”, assinala a força da lírica palmyriana e o desejo de compartilhar com o leitor da fruição “azeda e doce”, amadurecendo na madrugada das formas poéticas do estado natal.

A idealização do habitante principal da praia -o pescador - é o tema das várias estrofes. Transformado em personagem principal, ele acumula tantas qualidades que deveria, segundo o eu lírico, servir de modelo ao homem da cidade. O verso “Quem me dera casar com um pescador” é repetido algumas vezes no poema, que, enfim, se encerra com a afirmação do eu lírico “sou praieira,” assumindo fazer parte desse mundo natural e puro.

Os adjetivos “tristonha” ou “triste”, que aparecem ensombrando a praia, não encontram justificativa no texto. Talvez, a resposta esteja na última estrofe quando a poetisa vaticina:

(...)

“Areia Preta, eu te evoco revendo
Aquele morro quase desaparecendo,
Dentro da água revolta do teu mar.”

(...)

numa clara antevisão dos problemas ecológicos futuros causados pela falta de planejamento da cidade, quando as águas revoltadas das marés sobem e o morro desce.

“Sinhá Rocas”

Passo a passo, o itinerário poético segue seu curso e chega-se à próxima parada, ao bairro das Rocas, que cresceu por trás da praia do Meio, protegido pelo Forte dos Reis Magos, entre o rio e o mar.

(...)

“Á beira da água
Nasceu, um dia,
Ninguém estranhe,
Linda praieira
Tão desditosa,
Nasceu sem mãe...
A água salgada
Da maré rente
Encheu-lhe a boca...
E ela nem pode chorar, coitada!

Com a boca cheia de água salgada,
Que ainda amarga na sua boca

Cresceu sozinha, pobre garota,
Corre na praia, sempre vagando;
Deita na areia com os moradores
E passa os dias assobiando;
Escuta histórias da Carochinha
Na lua cheia,
Sobre as jangadas dos pescadores.

[...]

Veste vestido de algodãozinho,
Vive uma vida bem desigual
Canto do Mangue, Reis, Areal!

(...)

O poema mergulha na vida popular e simples que se desenvolveu na região, a partir da história dessa menina, em que é antropomorfizado o bairro, com seu vestido barato a correr pela beira da praia, nas noites de lua. O destino trabalhador do bairro é metaforizado pelo trabalho incessante dessa mulher, que não cessa de fiar, dias e noites, longas redes e tresmalhos de pesca.

O poema ressalta a fidelidade do bairro popular às tradições e aos costumes e o gosto por cantar e dançar.

(...)

“Brinca nos morros
Com a meninada
Mancha, ciranda, pinicainha
Da barra de vinte e cinco,
Mingorra, mingorra,
Tire essa mão que já está forra.
Boca de forno tirando bolo.
Para a avozinha.”

(...)

Os pescadores continuam tão idealizados como no poema anterior, Areia Preta, e suas jangadas de velas brancas lembram lírios brancos na tarde em floração.

“Tirol é direitinho uma paisagem bíblica”

Próxima estação do nosso itinerário poético, o Tirol é um recanto bucólico da cidade, constituído por sítios ou chácaras, com “bangalôs” escondidos no meio do arvoredo, motivo de deleite da poetisa. A descrição poética corresponde, levando em conta a diferença das linguagens, àquela feita por Câmara Cascudo nas suas memórias sobre o local.(CASCUDO,1968,62)

(...)

O poema é dinâmico e surpreende o leitor na sua evolução. Apela para que se apreenda as sensações despertadas pela energia da cidade nascente, batendo no coração da mata. O Tirol tinha ainda morros e lagoa, sítios com gado, curral, vaqueiros e até casa de farinha. As lavadeiras passavam com as trouxas de roupa na cabeça e as moças para o banho, cantando. Um close perfeito desse plástico instante é captado pelos versos palmyrianos e remete para o “Banho brasileiro” do poeta Jorge Fernandes.(FERNANDES,1927) O cheiro “passadista” das folhas de macassar, que as moças esfregam nos dedos, será lavado e levado pela enxurrada das águas modernistas, comportas abertas por esse poeta, com quem o poema se propõe dialogar.

(...)

A água fria e transparente
Da lagoa de Manuel Felipe,
Arrepiada, não seca,
Entre cajueiros escondida,
Lembra uma tela que pintou Lagreca.
Um bando de mocinhas
Vai ao banho,
Cantarolando-trá-lá-lá.
Esfrega, na ponta dos dedos,
Folhas de macassar,
Para sentir o cheiro passadista.
O chuá, chuá,
Da água escorregando, faz-me lembrar o “Banho
Brasileiro”
De Jorge Fernandes, poeta modernista.

Nuns quadros tão singelos,
as banhistas
chupam cajus vermelhos
e amarelos.

(...)

O poema é longo, dividido em estrofes irregulares, como a maior parte dos textos desse conjunto. Como o título já anuncia, o Tirol é comparado com Belém e com a Samaria, enfim a “Palestina Evocadora,” pela unção da natureza, que conduz a “Silêncio, paz e recolhimento,” além de oferecer os frutos da terra para alimentar a humanidade. Essa visão edênica, mais uma vez, revela a permanência de traços românticos na obra palmyriana. Marcas, que não desmerecem a sua poética, antes realçam o esforço do seu trabalho

intelectual, isolada numa província periférica do Brasil. Num universo de moças preparadas para o matrimônio, cuja educação resumia-se a prendas domésticas, ela faz o melhor que pode e eleva pelo poder da arte seu estado Natal.

Com esse texto, encerro a primeira parte do nosso passeio em Natal, pelos olhos de Palmyra Wanderley. Estou certa de que, diante da cidade de concreto, ferro e vidro em que habitamos, tais imagens parecem ser tiradas de uma outra vida, e geram o desejo de retroceder no tempo para preservar melhor o presente, que recebemos de graça dos nossos antepassados.

BIBLIOGRAFIA

- (1) Câmara Cascudo, Luís. In: Bairros exteriores e centrais (cap. XXIV). História da cidade do Natal. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Civilização Brasileira/INL-MEC, 1980.
- (2) Ibid, p. 226
- (3) Ibid, p. 227
- (4) Câmara Cascudo, Luís. “A casa no Tirol.” (Cap. XIV) IN: O tempo e eu. Natal, Imprensa Universitária, 1968.
- (5) Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain. In Dicionário de símbolos, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1988.
- (6) Fernandes, Jorge. Livro de Poemas, Natal, Fundação José Augusto, 1965.
- (7) Lima Duarte, Constância In: “Um passeio em Natal pelos olhos de Palmyra”. Natal, Editora do CCHLA-Nepan, 1994, p. 55 a 67.
- (8) Wanderley, Palmyra. Roseira Brava, Natal, Fundação José Augusto, 1965.

***DIVA MARIA CUNHA PEREIRA DE MACÊDO** é poeta, escritora e professora, autora de “Canto de Página”, “Resina” e outros livros. Ocupante da cadeira nº 30 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

MARIZE CASTRO: “DESAMPARADA PELO ESPLENDOR”

Hildeberto Barbosa Filho

Não se faz o poema sem uma aguda consciência acerca das possibilidades da palavra. No poema, é preciso que a palavra, em seus aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, adquira uma singularidade tal que, mesmo mantendo a significação ordinária do uso comum, traga, em si, e no contexto poemático, sentidos novos, insólitos, surpreendentes.

Se o poema pode ser compreendido como uma operação de ordem verbal e estilística, como um objeto de linguagem, nem por isto deixa de se constituir num movimento expressivo que se abre para a vida e para o mundo, numa relação constitutiva em que a função estética convive simultaneamente com a função comunicativa, contendo e segregando, ao mesmo tempo, como assinala Octavio Paz, “uma substância impalpável, rebelde a definições, chamada poesia”.

Ocorre-me esta reflexão, depois de ler e reler os poemas da norte-rio-grandense, Marize Castro, reunidos em “Habitar teu nome” (Natal: Una, 2011). E por que? Ora, porque o seu discurso lírico, em que pese a técnica inventiva no trato dos vocábulos, na incidência metafórica e, sobretudo, no desenho imprevisível das imagens poéticas, faz questão de preservar os predicados da poesia que se modulam na particularidade do olhar, no modo inesperado de captar e exprimir experiências, quer objetivas quer subjetivas, e numa sensibilidade que escapa ao peso do lugar comum, às formas convencionais e às situações automatizadas.

Para habitar este nome, ou seja, para conviver intimamente com esta poesia que se nos oferta numa espécie de androginia verbal atravessada por paradoxos e oximoros, deve-se parar, de saída, no paratexto da epígrafe de Octavio Paz, na tradução de Haroldo de Campos : “[...] é uma esplanada deserta o poema, o dito não está dito, o não dito é indizível”.

Como um sinal de alerta, estas palavras como que preparam a expectativa da recepção face a uma formulação poética, a princípio fechada, hermética, refinada em sua economia verbal e no seu impulso construtivista, porém carregada de sugestões e efeitos de sentido que nos põem no miolo mesmo das vivências afetuais. Ora, num percurso sutil em que a carga erótica da palavra se desloca do motivo concreto – o corpo, e sobremaneira o corpo feminino – para algo que o transcende; ora num diálogo intertextual em que o eu lírico, refletindo sua perplexidade e seu espanto diante do mistério do ser, faz com que a poesia – talvez este nome desabitado, “este nome dado ao vaporoso nada”, conforme Baudelaire – problematize a condição humana e tangencie os subúrbios da beleza.

“{...} te ter dentro de mim / é o que as pessoas neste imenso / mundo chamam / de céu” (p.47), são versos que podem elucidar, na componente do erotismo, a passagem do físico para o intangível, do concreto para o abstrato, do real para o sublime, a testemunhar que a poesia, como afirma Bachelard, “é uma metafísica instantânea”.

Já no poema “dentro” (p. 20), o corte intertextual tende a ampliar o raio de significação de uma circunstância comum, no caso um voo, uma viagem, que se distende numa metáfora-síntese intensamente provida de sugestões poéticas. Citemos alguns versos, a título probatório:

dentro deste pesado pássaro

tudo arde

sobrevoa Casablanca, Marrakesh, Agadir

não vim para ficar intacta

busco a nódoa, as fezes, o erro

.....

inclino-me melhor para enxergar este destino:

uma mente andrógina escrevendo versos

desamparada pelo esplendor

.....

mas não desisto:

no meu jardim, Rosa e Pessoa

reinam.

E reinam, eu diria, no paradigma que fornecem pela conjugação e urdidura das categorias poundianas da fanopeia, isto é, a espessura imagética, e da logopeia, ou seja, o complexo ideativo, que pode ser exemplificado em tantas passagens emblemáticas dessa poesia “pétrea”, como diz Nelson Patriota; “selvagem e indomável”,

no dizer de Henrique Marques-Samyn. Se de Rosa é possível verificar o processo de transfiguração mítica da linguagem, principalmente se nos ativermos ao tecido das imagens, de Pessoa, aproveita-se, dentro da autonomia vocal de uma poeta forte, a dialética do pensamento, sobremaneira se focarmos a lógica das antíteses e das contradições que mobiliza o andamento dos versos.

No poema da página 54, enuncia-se: “entre orquídeas, esquisitas alegrias / banham-se ao meio dia // se há mesmo um Deus, lá está Ele / implorando-me: leva-me contigo”. Imagem e pensamento se fundem, fazer e dizer se equilibram no limite exato da estesia. Vou dar mais um exemplo, transcrevendo o poema da página 26 como fecho deste parágrafo:

se me distancio, perco-me

em mar aberto, acerto-me

furtiva, saúdo a morte

para me tornar oásis

falta-me sorte

entre espectros, sou alegria

a loucura é minha bússola

única guia

se me aproximo, atinjo-me

asas me faltam, mas voar

é meu agasalho

- meu mais crível lastro.

Ainda há pouco toquei na questão do hermetismo desta poesia. Devo esclarecer, no entanto, que o hermetismo, aqui, não se confunde com obscuridade. A levamos em conta a tipologia que o crítico italiano Alfonso Berardinelli estabelece, em “Da prosa à poesia”, Marize Castro, com “Habitar teu nome”, e mesmo nos seus livros anteriores, passa ao largo da mera provocação e do jargão literário, assumindo, portanto, a solidão e a singularidade, a profundidade e o mistério, característicos da poesia da modernidade.

Sem se diluir na ginástica inventivo-experimental dos eternos epígonos das vanguardas, mas também sem aderir ao espontaneísmo sentimental da “poesia-solução”, Marize Castro parece apostar na autêntica poesia, isto é, naquela “hóspede invisível” e, no poema, como o púnico “vestígio de sua passagem”, para me valer das pertinentes palavras de Antonio Carlos Secchin.

HILDEBERTO BARBOSA FILHO é escritor, poeta e professor. Membro da Academia Paraibana de Letras. Autor de “Nem Morrer é Remédio”, “O Galo da Torre” e outros livros.

NAVARRO POR COMPLETO

Gustavo Sobral

Navarro está por toda a cidade. É o pintor do álbum futebol que alguém guardou, é o homem que vivia na Redinha junto aos pescadores. É um pôr-do-sol sobre o rio Potengi, é os marinheiros no cais, é a crônica nos arquivos da Tribuna do Norte, é aquele que era reconhecido em todos os bares. Personagem da cidade, Navarro é mito. Nascido em Natal/RN, em 1928, filho do classificador de algodão, Elpídio Soares Bilro, e de dona Celina, Celina Navarro Bilro, professora primária, começou a desenhar ainda menino. Estudou nos colégios tradicionais da cidade, foi aluno do Colégio Marista, tímido, metido nas coisas dele, segundo o primo e colega de turma Jurandyr Navarro¹; passou pelos bancos no secundário do tradicional Atheneu Norte-rio-grandense, destinando-se, como os demais, para a Faculdade de Direito no Recife/PE, mas terminou mesmo foi na escola de desenho de Lula Cardoso Aires, vivendo a efervescência cultural do Recife no final dos anos 1940.

Navarro se encontrou e voltou para Natal vestido de pintor com cachecol no pescoço². E daí para frente transformou a cidade. A primeira exposição de artes plásticas foi um estouro, no point da cidade, o Grande Ponto, no bairro de Cidade Alta, onde o comércio acontecia e a sociedade e os intelectuais se encontravam. O poeta Luís Carlos Guimarães avistou-o pela primeira vez cometendo

1 NAVARRO, Jurandyr. Newton, o mítico. In: ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: Edufrn, 2013

2 DUARTE, Ticiano. Newton e a rapaziada. In: ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: Edufrn, 2013

as suas excentricidades, lá estava Navarro tomando cerveja num sapato³. Era ele, Newton Navarro, quem na Sorveteria Cruzeiro, naquele ano de 1949, fazia a primeira exposição de arte moderna em Natal. O jornalista Woden Madruga⁴ era um menino naquele tempo, aquilo foi um estouro, desenhos que tinham até mulher nua, era um acontecimento para a época. Houve quem confundisse com o cartaz de um circo que aportava na cidade. Festejado na primeira exposição, Navarro viera para escrever seu nome no cenário cultural da cidade.

De lá para cá Navarro nunca parou. A cada década foi aprimorando cada vez mais o seu estilo e o seu traço. Filiado a geração de artistas brasileiros entre as bandeiras do figurativismo e do abstracionismo, Navarro vai rabiscar nos seus primeiros desenhos e telas a assinatura Di Navarro, engajando-se no movimento moderno que imperava no Brasil pela mãos e pinceis de Di Cavalcanti, Portinari e, lá na Europa, em Paris, pelo pernambucano Cicero Dias, amigo de Picasso. É em Recife que Navarro toma, além das primeiras lições formais de desenho e pintura, o contato com a arte moderna que vinha da Semana de 1922, e das primeiras exposições em terra brasileira de Anita Malfatti e Lasar Segall. Era arte moderna o que Navarro queria fazer, e o caminho foi o mesmo: explorar a brasilidade. A brasilidade que estava em Natal, na paisagem da cidade que ele foi encontrar no rio Potengi, na praia da Redinha, nas ruas e becos, na vida noturna e boemia; e no sertão onde o pai trabalhava como classificador de algodão e ele viveu a infância das férias.

3 DUARTE, Ticiano. Newton e a rapaziada. In: ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: Edufrn, 2013

4 MADRUGA, Woden. Navarro um homem da cidade. In: ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: Edufrn, 2013

Navarro nasce então um artista atento à produção cultural do seu tempo, e os motivos passam das suas telas, para os poemas, para as suas crônicas nos jornais diários. Frequentador de todas as rodas, as intelectuais, a dos jornalistas e dos boêmios, a dos pescadores e a dos marinheiros, Navarro estará em todos os lugares da cidade recolhendo traços e a vida de cada dia que, no encantamento do seu lirismo, verterá em obras de arte, seja nos desenhos, seja na escrita. Navarro procurará de forma original ao se filiar a uma proposta brasileira de explorar o Brasil, na linha de Portinari, Di Cavalcanti, Pancetti, também ao escrever as suas crônicas e contos (Navarro foi poeta, cronista e contista), acompanhar a literatura expressa na poesia e nas crônicas de Vinicius de Moraes, nos romances de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, entre outros, seus contemporâneos. No teatro, além de realizar montagens com o grupo de teatro amadores, da peça de Sartre, *O muro*, e de Ariano Suassuna, *Cantam as harpas de Sião*, foi autor de suas próprias peças, cenógrafo, figurinista, diretor e ator. O teatro efervescente dos anos 1950 e 1960 teve seu espelho no Rio Grande do Norte por obra também de Newton Navarro Bilro⁵.

Navarro participou de tudo. Quando surgiram as escolinhas de arte, que se fundaram em todo o Brasil, Navarro trouxe o modelo para Natal e instalou a Candido Portinari em 1961. Foi quando conheceu Salete, professora de artes, com quem se casaria. Ao mesmo tempo que dispersava todo o seu poder criativo, Navarro também sorveu a vida como um torvelinho, era frequentador de todos os bares da cidade, onde reunia amigos. A vida boemia foi vivida nos seus extremos, Navarro se considerava um existencialista e entendia que o poder de criação pertencia a entrega à vida, o clima de poesia e boemia eram fruto do poder de inspiração. Navarro considerava a atitude boemia imprescindível à arte⁶ e gastou a vida como ninguém,

5 FERNANDES, Marcelo. Navarro, o ator, a cena e o teatro. In: ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: Edufrn, 2013

6 LYRA, Carlos (Coord). *Memória Viva de Dorian Gray Caldas, Newton Navarro Bilro, Leopoldo Nelson*. Natal: EDUFRN, 1998

e produziu como nunca. Os contos inéditos revelam que muito antes da publicação do primeiro livro em 1961, o livro de contos *O solitário vento do verão*, Navarro já escrevia. O que pode levar a crer que ele começou a sua carreira de pintor e desenhista ao mesmo tempo que começou os primeiros passos na literatura.

É a partir da obra literária que Navarro começa a sair do silêncio. Em 1998, a Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte – FIERN lança *Navarro obra completa*⁷, reunindo em dois volumes toda a publicação literária de Newton Navarro até então. Constatam na edição todos os títulos: *Subúrbio do silêncio* (1953), *ABC do cantador Clarimundo* (1955), *O solitário vento do Verão* (1961), *30 crônicas não selecionadas* (1969), *Os mortos são estrangeiros* (1970), *Beira Rio* (1970), *Do outro lado do rio entre os morros* (1975), *De como se perdeu o gajeiro Curió* (1978) – com exceção da sua obra teatral, ainda inédita. Navarro então volta à cena literária, toda a sua obra publicada se encontrava esgotada. O Sebo Vermelho, edições de Abimael Silva, também trata de trazer para circulação em fac-símiles, em 2010, *Do outro lado do rio entre os morros*⁸; e em 2011, *Beira-rio*⁹ e *ABC do cantador Clarimundo*¹⁰.

A obra de Navarro passa novamente a circular. No entanto, ainda carece de estudos que se debrucem sobre os aspectos literários, linguísticos, sociais, históricos e biográficos (da cidade do autor e do autor). Na sequência, a editoria da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Edufrn, em edição organizada por Helton Rubiano e Gustavo Sobral, republica *O Solitário vento do verão*¹¹, que integra

7 Navarro obra completa. Natal: Fundação José Augusto: FIERN, 1998, 2 volumes.

8 NAVARRO, Newton. *Do outro lado do rio, entre os morros*. Natal: Sebo Vermelho, 2010

9 NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011

10 NAVARRO, Newton. *ABC do Cantador Clarimundo*. Natal: Sebo Vermelho, 2011

11 NAVARRO, Newton. *O solitário vento do verão*. Natal/RN: Edufrn, 2013

uma coleção com trabalhos inéditos para a bibliografia navarreana.

O Solitário vento do verão ganha um posfácio¹², uma tentativa de apresentar o autor para os novos leitores e de situar a obra no contexto em que foi escrita e publicada; concomitantemente, organizado por Ângela Almeida, Gustavo Sobral e Helton Rubiano, é publicado um volume com depoimentos (fruto de entrevistas) com amigos de Newton Navarro, *Saudade de Newton Navarro*¹³, uma tentativa de recuperação da vida e obra do artista pela memória dos que conviveram com Navarro, e dos que se debruçaram sobre a sua vida e a sua obra em que se revelam facetas pouco conhecidas de Newton Navarro, como a sua atuação no teatro. Na mesma coleção, Paulo de Tarso Correia de Melo e Gustavo Sobral lançam (inéditos em livro) uma coletânea com poemas não publicados e crônicas veiculadas em jornal por Navarro e colecionadas por Paulo de Tarso¹⁴. No mesmo ano, para se somar à profusão de novos trabalhos de e sobre Navarro, a jornalista Sheyla Azevedo propõe um ensaio biográfico: *Navarro, um anjo feito sereno*¹⁵.

A obra de Navarro volta completamente à cena literária do Rio Grande do Norte, movimentando lançamentos dos livros e eventos que evocam a sua produção literária. Durante a Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura- CIENTEC 2013, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o stand da Editora Universitária foi todo voltado à sua obra; e a primeira leitura poética de trechos dos livros publicados é realizada na Academia Norte-rio-grandense de Letras,

12 SOBRAL, Gustavo. Quando sopra um solitário vento do verão... In: NAVARRO, Newton. *O solitário vento do verão*. Natal/RN: Edufrn, 2013

13 ALMEIDA, Angela; SOBRAL, Gustavo. RUBIANO, Helton. *Saudade de Newton Navarro*. Natal/RN: Edufrn, 2013

14 NAVARRO, Newton. *Sete poemas quase inéditos & outras crônicas não selecionadas*. Organizadores Paulo de Tarso Correia de Melo e Gustavo Sobral. Natal/RN: Edufrn, 2013

15 AZEVEDO, Sheyla. *Navarro, um anjo feito sereno*. Natal: Edufrn, 2013

da qual Navarro foi imortal. As últimas duas décadas foram, em se tratando do contexto editorial do Rio Grande do Norte, de republicações e publicações. Navarro paira como unanimidade pela qualidade literária do seu trabalho.

Os temas e a forma explorados por Navarro sobrevivem e a leitura da sua obra permite inseri-lo na literatura moderna potiguar¹⁶. Sua obra plástica também é destaque, no raro contexto de publicação de catálogos e, sobretudo, de uma obra dispersa, a pesquisa, reunião e organização pela artista e pesquisadora Angela Almeida¹⁷, catalogando a obra plástica de Navarro é de extrema importância. Além de dispersa nos acervos particulares e ameaçada de extinção pelas condições materiais em que fora produzida, é pela primeira vez possível de ser vista em conjunto compondo um legado documental e um registro necessário para perenidade de Newton Navarro.

A toda esta coleção Navarro, que a editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte imprime o seu mérito de registro, promulgação e divulgação, parte integrante do acervo patrimonial literário do Rio Grande do Norte, a oportuna publicação destes contos inéditos, *O boi careta e a morte do cavalo baio*, vem não só a acrescentar mais uma bibliografia, mas também propor um novo olhar sobre a obra literária de Newton Navarro. O livro consta de sete contos escritos entre 1949 e 1966, ou seja, compreendem o período anterior à publicação dos seus dois primeiros livros em versos, o livro de poemas *Subúrbio do silêncio* (1953) e *ABC do cantor Clarimundo* (1955) e os livros de contos *O solitário vento do verão* (1961), e antecede o seu último livro de contos *Os mortos são estrangeiros* (1970).

16 DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de (Org.). *Literatura do Rio Grande do Norte: antologia*. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria de Tributação, 2001

17 ALMEIDA, Angela. (org). *Newton Navarro: os frutos do amor amadurecem ao sol*. Natal/RN: Edufrn, 2015

O livro *O boi careta e a morte do cavalo baio* traz sete contos e segue a mesma estrutura dos anteriores¹⁸. Paulo de Tarso Correia de Melo fez a escolha do título. Outra característica comum aos livros anteriores, todos eles trabalham a mesma temática: solidão, incerteza, violência, angústia, são alguns temas, e se desenvolvem no mesmo estilo literário, são textos curtos em que predominam as imagens visuais. Navarro foi um criador de paisagens na literatura. A presença das cores é marcante, a descrição dos detalhes nas cenas literárias também enriquecem o quadro. O primeiro conto, *Boi careta*, é de 1949, mesmo ano da sua badalada exposição, o que leva a crer que o escritor nasceu junto ao desenhista. Se se pode considerar pela data o primeiro conto escrito, Navarro nele já se revela um escritor preparado, com domínio sobre as técnicas de escrita, certo da sua escolha temática e do seu estilo. A estrutura do conto é muito semelhante à dos contos que estão no primeiro livro, o ambiente predominante é o sertão. Navarro explora em *Boi Careta*, a visualidade, trabalha a oposição entre a secura da terra e a chuva que se anuncia, o clarão do dia e o escuro da noite. A cor é uma presença marcante, a terra vermelha, o azulão do céu, o voo preto dos urubus, o escampado cinzento; e os sons: o barulho do chocalho, o urro do boi, o chiado das cascavéis. O discurso indireto livre é outra marca, as personagens, sejam os homens, ou os animais, expressam seus dilemas, incertezas, angústias, medos, solidões.

O cavalo baio de Navarro se encontra com o *Burrinho pedrês* de Guimarães Rosa¹⁹. Ambos, o cavalo e burrinho vivem a velhice, estão à espera da morte, já decadentes, no fim da vida. “Agora, porém, estava idoso, muito idoso. Tanto, que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo a distância: no algodão bruto do pêlo - sementinhas escuras

18 Em *O solitário vento do verão*, Navarro reuniu seis contos; em *Os mortos são estrangeiros*, sete.

19 ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

em rama rala e encardida; nos olhos remelentos, cor de bismuto, com pálpebras rosadas, quase sempre oclusas, em constante semi-sono; e na linha, fatigada e respeitável - uma horizontal perfeita, do começo da testa à raiz da cauda em pêndulo amplo, para cá, para lá, tangendo as moscas”. Era este o burrinho de Rosa, que bem vive o mesmo fim, do cavalo de Navarro: “Da vida, somente, na solidão do ermo ensolarado, o cavalo baio. Um geral de tristeza. No pelo ralo e velho o sinal de um tempo amargo de viver. Tinha os olhos fundos na cacimba das olheiras que as moscas inquietavam. A cauda esfiapada abanando, como se com esse gesto irrequieto ajudasse a soprar do vento vagabundo. As orelhas já não se alteavam mais, caídas que estavam para esconder as oíças dos rumores da pouca vida que o cercava. Era um cavalo dos mais abandonados. Com uma corda de solidão infinita”.

A mesma correspondência está nas cachorras Tainha e Aparecida de Navarro e a cachorra Baleia de Graciliano Ramos²⁰. As cachorras representam a brutalidade do homem, que é muito mais bicho que o animal. Baleia: “A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente”. Tainha, de Navarro: “Silvino atira o pé e chuta o animal magoado. Agora Tainha late alto. Como num choro, quase sem grito. Cai se contorcendo e cisca a areia mole do morro. O brilho alegre dos seus olhos esmaece. As costelas parecem mais expostas sob o couro cinzento. Silvino mantém a mesma indiferença, tira uma baforada forte, bochecha a fumaça e solta num longo espiral de fumo...”

20 RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 109 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009

Graciliano Ramos é uma influência duradoura nesta fase que começa em 1949 com o conto *Boi careta* e termina em 1970 com a publicação do livro *Os mortos são estrangeiros*. A obra contista de Navarro neste período apresenta uma unidade que transpassa divisibilidade nestes três livros. O primeiro, *O solitário vento do verão*, termina na cidade fictícia de Rosário, que aparece em quase todos os contos, e na mesma cidade começa o livro seguinte, *Os mortos são estrangeiros*. Navarro agrupa a sua obra em conto numa continuidade retomada em cada livro.

Se os contos foram separados para cada livro deve-se ter como uma questão de publicação; a obra em conto de Navarro é uma só e deve ser lida em seu conjunto. Uma pista é a republicação, por Navarro, entende-se proposital, de um conto de um livro no outro, firmando ainda mais a continuidade²¹. Outros pontos coadunam para construir esta unidade. Os animais são personagens recorrentes e principais: boi milonga, boi careta, galo amarelo, cavalo baio, e as cachorras Tainha e Aparecida. E quando não marcam a narrativa numa perspectiva simbólica, os patos, no conto *Os patos* que trata da repressão. Também há contos a partir de objetos: *A arma*, *Pão de milho* e *A cadeira*.

Temas que também permeiam o livro de poemas *Subúrbio do silêncio*: o morto e a morte, a composição em que se destaca o cenário, poesia que Navarro exercita em trânsito com a sua ficção. Também o mar e os animais estão presentes (sapo, aranha, abelha) motivos que continuam a aparecer nos poemas esparsos. Navarro não interromperá com este livro a sua atividade poética, que coexistirá com a suas crônicas, os seus contos e os seus desenhos. *Canto ao poeta Renato Caldas* é de 1966, o poema *As roupas* é de 1950 e *Canção antiga* de 1952 e *Os presentes* (1987)²²; e o livro *ABC do cantador Clarimundo* é de 1955.

21 O conto *Os cavalos* aparece em *O solitário vento do verão* e em *Os mortos são estrangeiros*

22 Todos os poemas publicados no livro *Sete poemas quase inéditos e outras crônicas não selecionadas*. Organizadores Paulo de Tarso Correia de Melo e Gustavo Sobral. Natal/RN: Edufrn, 2013

O conto de Navarro desta fase explora uma só linha temática, um estilo e uma forma. O tema é predominantemente a vida no sertão, a forma é o conto curto, em torno de uma personagem central e do drama vivido. O estilo é conciso, a exemplo do romancista Graciliano Ramos, no entanto, diferente do mestre por um aspecto: Navarro é um grande construtor de paisagens. Navarro não fez uma mera reprodução literária ou apropriou-se da forma deste escritor ambientando-a à cor local. Há inspiração sem prejuízo para originalidade. Nestes aspectos se filia a vanguarda da literatura de sua época, desenvolvendo um estilo próprio tanto na primeira fase, que compreende os três livros de contos *O solitário vento do verão*, *Os mortos são estrangeiros* e *O boi careta e a morte do cavalo baio*; quanto na segunda, em que se juntam os livros *Beira-rio*, *Do outro lado do rio* e *A morte do gajeiro Curio*.

Navarro trouxe para a sua literatura a sua capacidade de observação do desenhista e pintor. O pano de fundo, o quadro, e muitas vezes a história do conto é o próprio ambiente criado por ele com a presença da cor e as mudanças sutis que tornam os contos da primeira fase peças de extrema beleza e apuro descritivo. A literatura é a expressão em que reuniu toda a sua multiplicidade artística, o escritor está impregnado pelo artista plástico e pelo teatrólogo. Navarro tinha 21 anos em 1949, neste período a ficção regionalista de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego imperava. Navarro também procura estabelecer contato com escritores brasileiros; fragmentos de correspondência nas orelhas dos dois volumes de *Navarro obra completa*²³, sinalizam, de alguma forma que os romancistas Jorge Amado e Érico Veríssimo e o poeta Carlos Drummond leram os seus contos.

Jorge Amado: “Caro Newton, você é um porreta. Bom no desenho, bom na literatura. ‘Pão de milho’ é um conto muito bonito, assim como ‘Os mortos são estrangeiros’, duro e denso. Em realidade, gostei de todo o livro. ‘Os cavalos’, por exemplo, com
23 *Navarro obra completa*. Natal: Fundação José Augusto: FIERN, 1998, 2 volumes.

o menino Pedro a olhar as ancas dos animais. Parabéns.” Érico Veríssimo: “Newton Navarro: Eu quisera ter mais tempo para lhe dizer do quanto gostei de seu *Os mortos são estrangeiros*, a começar pelo título. Santo Deus! Esse Nordeste brasileiro é um viveiro de escritores. Creio que é dessa zona que nos tem vindo os melhores narradores. Sua prosa, meu caro Newton, é de uma precisão, duma concisão que me lembra a do Graciliano. Seca e despojada como a paisagem nordestina. Mas rica e bela não apesar mas por causa disso... Parabéns!”. Carlos Drummond de Andrade: “Prezado Newton Navarro: Seus contos foram para mim uma surpresa boa. A começar pelo caso do Boi Milonga, com traços paisagísticos que iluminam a narrativa (‘o grupo esguio das carnaúbas que espana o claro do tempo’) e a notação rápida, dizendo mais que a circunstanciada informação da morte do animal (‘o rastro da cobra na areia frouxa’) Vi imagens de cinema em suas histórias. A bela gravura sensual de ‘Os cavalos’ deixa marca na lembrança. Você soube ligar terra, bichos e gente em trama sensível de palavras. Pena que o livro seja tão breve: fica-se desejando mais”.

Navarro fará uma opção por este caminho literário. O sertão é a porta de entrada e o caminho em que traçará a sua literatura pelos próximos vinte anos (1949-1970). No entanto, na contramão de Rachel de Queiroz de *O Quinze* e de Graciliano em *Vidas Secas*, Navarro construirá a sua literatura não como imitação de estilo, mas com períodos literários em que não só importam as ações e os fatos para a composição de uma narrativa. O conto é um gênero predominantemente narrativo, e ganha em Navarro a construção de um cenário e a composição de cenas cinematográficas. Navarro é capaz de descrever as cenas em planos. A paisagem também tem movimento que Navarro alcança sem perder a força da expressão e sem perder a concisão. O conto *Boi careta* se passa entre a mudança do tempo, o dia está claro e o céu anuncia nuvens, uma chuva virá? E a passagem do dia para a noite. O vocabulário é outro destaque na sua obra. Navarro, além de pecar pelo preciosismo, empregando os

termos próprios do universo do sertão; também se vale da oralidade, há ocorrências de “tou”, para “estou”, “pras”, para “para as”, entre outras, alcançando a verossimilhança.

Os contos de Navarro têm este movimento independente da ação das personagens. O conflito em cena é, senão, solitário, na presença apenas do homem e do animal, ou de apenas um deles e do pensamento, como a história do boi careta. Chico sai à procura do boi perdido, desgarrado do rebanho naquela seca, e vai aflito, temendo a tragédia que se anunciará; só há Chico, o espaço e os seus pensamentos. Navarro filia-se ao realismo em voga, com Graciliano aprende a extrair a dor, a violência, o conflito, a resignação. Chico está conformado quando encontra o animal morto. Como Graciliano, Navarro faz do seu personagem, também um narrador.

E assim será em todos os contos que se inscrevem nas obras desta nomeada primeira fase. Navarro encontrou um campo propício na cidade para a literatura. Entre 1944 e 1961, diversos lançamentos apresentaram uma nova geração de escritores e poetas que farão a literatura do Rio Grande do Norte nas décadas seguintes: Zila Mamede, Sanderson Negreiros, Berilo Wanderley, Celso da Silveira, Myriam Coeli, Luís Carlos Guimarães, Défilo Gurgel, Augusto Severo Neto, Oswaldo Lamartine de Faria. Acompanha também, no caso de Navarro, a instauração definitiva da arte moderna em Natal. Navarro é um caso raro, e talvez único, de um artista que produziu com originalidade, continuidade e qualidade notável tanto desenho e pintura quanto literatura. Numa terra de poetas – ele mesmo publicando um livro de poemas – e de cronistas, ele mesmo um cronista diário, Navarro fará uma opção acertada na literatura pelo conto. Um gênero pouco explorado e sem notoriedade na literatura do Rio Grande do Norte até então²⁴.

Newton Navarro praticará a crônica nos jornais à Rubem Braga e Vinicius de Moraes, com o tema do cotidiano, a vida na cidade, não

24 GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001

bastasse, firmar-se-á um agitador cultural da cidade aliado ao clima propício do governo municipal nas mãos de Djalma Maranhão, que institui as Praças da Cultura, inclusive construindo uma galeria de arte (depois demolida) na praça André de Albuquerque, na Cidade Alta; e no governo estadual, que publicará uma coleção de ensaios e poesia promovendo também o I Festival do Escritor Norte-riograndense²⁵. Navarro também criará as condições propícias para que a cultura, arte e literatura movimentassem a cidade. Navarro promoverá exposições coletivas, incentivará o trabalho dos artistas, escreverá crônicas para os jornais, apresentará peças e escreverá peças, publicará livros de poesia e contos, participará de um concurso literário²⁶, fará desenhos de capa para os livros dos amigos, balançará a vida cultural da cidade, e também será parte integrante da primeira antologia de contistas do Rio Grande do Norte (1966)²⁷.

O livro de contos *Os mortos são estrangeiros* (1970) encerra a primeira fase da sua literatura. Uma segunda fase totalmente lírica, que se considera de difícil categorização em gênero, se crônica, se conto, se ensaio biográfico, se guia da cidade, se memória, em que se funde a poesia, o conto e a crônica. Todo o exercício literário anterior prepara esta fusão que redundará em dois livros: *Beira-rio* e *Do outro lado do rio entre os morros* que se completam. Mais uma vez são trabalhos independentes que se constituem como partes de um livro só. Apenas o rio os separa. Misto de biografia da cidade, história

25 CASTRO, Marize. *O silencioso exercício de semear bibliotecas*. Natal/RN: Una, 2011

26 *O ABC do Cantador Clarimundo*, vencedor do primeiro prêmio de poesia Câmara Cascudos, concurso promovido pela prefeitura municipal de Natal no ano de 1955.

27 CASTRO, Nei Leandro de (org). *Contistas do Rio Grande do Norte*. Natal/RN, 1966. Capa de Newton Navarro. Estão presentes contos de 13 contistas. O conto “Os Patos” que sairia no livro de contos *Os mortos são estrangeiros* consta nesta antologia. Na apresentação do contista Newton Navarro, Nei Leandro escreve que aquele tempo, 1966, Navarro era já autor de uma novela ainda não publicada, só seria em 1976, *De como se perdeu o Gajeiro Curió* e do livro de crônicas nunca publicado *Três negros e um samba*.

da praia do cais, do rio e da praia da Redinha, as personagens são ele mesmo Navarro e os seus temas, o mar, o rio, os pescadores e os boêmios, a vida na beira do rio, seja no cais, ou na outra margem (o cenário e o ambiente dos dois livros) é a própria literatura despojada das amarras. Navarro deixa o sertão e segue a caminho do mar.

Navarro já é dono do próprio traço literário compondo uma narrativa híbrida e sem igual na literatura do Rio Grande do Norte. Ninguém nunca fará um *Beira-rio*. Navarro abandona os mortos, os conflitos, a dor, o sofrimento, a angústia e o sertão da primeira fase e vem a abraçar a vida da cidade. São os tipos pitorescos de quem encontra na leitura de Jorge Amado uma chave para composição de um quase romance. A literatura de Navarro passa a ser ele. Os capítulos despojam-se de títulos. O livro é um contínuo. Uma única história, a da própria vida. Navarro está impregnado da vida e compõe uma ode à Redinha: “Da pedra mais afoita do cais, pedra limosa e escura, o sujeito procura descobrir, ao certo, de onde chega a noite anoitecida. Se dos altos cumes da cidade, se da linha do mangue, com a bocarra húmida de suas gamboas; se das encostas verdes do Refoles ou quem sabe, das bandas do Forte dos Reis Magos, onde a barra entre pontos de luz, é saída e entrada para os longes do mundo?”²⁸, e literalmente se consagra um escritor da cidade.

A cidade é a sua vida e dela extrai os seus motivos, seja a paisagem do rio, as ruas, o cais, a praia, o mar, o folclore, os amigos e o bar, a literatura de Navarro passa a ser o registro de bordo da cidade e da sua vida, para finalmente assumir a sua condição de mito e pairar na lenda como personagem da cidade: “estas anotações, à maneira de um ‘logbook’, poderiam começar na Confeitaria de Olívio Domingues – ‘mestre’ Olívio, continuar seus curso até à casa do compadre Zé Arruda (caldo de feijão verde, panelada, buchada, manjuba frita, que o ‘tio’ Vitor traz da Barra), alcançar o meio da Avenida, no balcão hospitaleiro de Araújo, onde Silvio Caldas deu entrevista, bebeu e cantou e onde o Poeta Sanderson distribuiu 28 NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal:Sebo Vermelho: 2011, p.13

amostras grátis de Poesia; e por fim o nosso BEIRA-RIO, porto de ir-e-voltar, hospedaria, acolhida, chegada dos “guerreiros” ...”

Beira-rio é um espaço literário. Se Rosário, a cidade fictícia em que se desenlaçam a maioria dos contos ambientados no sertão, é a recriação do sertão de Angicos, terra da sua infância, Beira-rio é o Potengi e o cais. Aqui a literatura de Navarro se revelará em toda a sua experimentação, conquistada a partir do primeiro conto. Aparecida é um emblema, um elemento dessa fusão dos seus textos que torna a sua literatura uma continuidade, um quase romance composto por contos que compartilham de um mesmo universo. Aparecida se repete tanto em *O boi careta e a morte do cavalo baio* quanto em *Beira-rio*. Comparar os dois textos que tratam de Aparecida é também encontrar o percurso de um autor nas suas questões e escolhas. Navarro lega assim na literatura o próprio exercício da escrita quando se confrontam supressões de parágrafos, acréscimos, escolha de palavras, construção de frases; Navarro revela a literatura não só na obra criada, escrita e publicada, mas também na própria engenharia do fazer literário. Assim é possível pensar Navarro por completo.

GUSTAVO SOBRAL é escritor, advogado e jornalista, Mestre em Estudos da Mídia (UFRN,2012), autor de “Arquitetura Moderna Potiguar” e outros livros.

A PROSA MEMORIALISTA NA OBRA DE OCTACÍLIO ALECRIM

Clotilde Tavares

*Notas de leitura sobre “Província Submersa” **

É sempre um prazer falar sobre livros e literatura, prazer que exerço da forma como os verdadeiros prazeres devem ser exercidos: com calma, gosto, e muita imaginação. Gosto mais de livros do que de gente. Desde novinha sempre vivi rodeada de livros e eles fazem parte da minha vida, tendo determinado esta mesma vida: meus gostos, minha trajetória, minha ocupação, minha paixão. Vivo com os livros e com tudo o que se refere a eles. Ao longo de décadas, pessoas entraram e saíram da minha vida, a maioria sem deixar nenhuma saudade; mas meus livros e eu temos um relacionamento duradouro, cheio de respeito, atenção, dedicação integral, fidelidade e, principalmente, prazer – qualidades que a maioria dos casamentos não tem.

Para o tema desta comunicação, escolhi o escritor Octacílio Alecrim, mas como falar sobre tão excelente autor, tão destacado intelectual, sem ter desenvolvido nenhum trabalho específico sobre ele, nenhuma pesquisa, tendo a me sustentar nessa empreitada apenas a paixão por um dos seus livros, “Província Submersa”? Resolvi então ignorar o “apenas” e considerar que a paixão por um livro é motivo suficiente para que se fale ou escreva sobre ele. Para isso, contei com a ajuda de textos escritos sobre Octacílio Alecrim por intelectuais de destaque, cujas ideias me iluminaram e ampliaram a minha compreensão, entre os quais cito Vicente Serejo, Nelson Patriota, Ticiano Duarte e Ivan Maciel de Andrade.

Começo citando Nelson Patriota. Em artigo na Tribuna do Norte em março de 2009, ele lamenta que toda uma geração de

escritores e intelectuais norte-rio-grandenses tenha ignorado a obra crítica e memorialística de Octacílio Alecrim; complementa que essa falta de conhecimento não é proposital, mas acontece pela falta de reedições de seus livros. Aí é preciso ressaltar o trabalho do Instituto Pro-Memória de Macaíba, nas pessoas de Valério Mesquita e Olímpio Maciel, em parceria com o Senado Federal na gestão Garibaldi Filho que tornaram possíveis essas reedições, com o lançamento da “Província Submersa”; “Ensaio de Literatura e Filosofia”, “Fundamentos do Standard Jurídico” e “O Sistema de Veto nos EUA”, todas obras de Octacílio Alecrim que estavam a merecer publicação. Estava prevista ainda, em março de 2009, quando Patriota escreveu o artigo, “a reunião dos diversos estudos sobre Marcel Proust que Octacílio publicou no suplemento “Jornal de Letras” do diário carioca Correio da Manhã, no triênio 1948-1950. ‘Ideias e Instituições no Império – estudo comparativo das influências francesas’ é outra obra de Octacílio que está a demandar republicação. Sem mencionar o rol de artigos que deixou nas páginas de A República, quando de sua atuação nesse jornal, nos anos de 1920.”

Eu mesma, embora morando no estado e me interessando bastante pelas suas letras e autores, dos quais tenho razoável coleção, só o conhecia “de nome”. Foi então que o macaibense Karl Mesquita Leite me deu de presente a “Província Submersa”, que devorei com grande prazer, tendo ficado tão entusiasmada com o livro que a ele dediquei pequeno artigo no Correio da Paraíba, onde assinei coluna semanal durante alguns anos.

Octacílio Alecrim nasceu em Macaíba, no dia 11 de novembro de 1906. Seu pai chamava-se Prudente Gabriel da Costa Alecrim, fazendeiro e comerciante. Tinha prensa de algodão e armazém onde vendia cereais e ferragens. Na fazenda, criava gado e plantava algodão, feijão e milho. Sua mãe, Ana Pulcheria de Melo Alecrim, tinha prendas domésticas, mas gostava de ler romances e tocar piano.

Foi criado na rua da Conceição, em casa de gradil, com quatro janelas. Fez os primeiros estudos na escola de D. Joaquina e depois frequentou o Grupo Escolar de Macaíba, e em seguida o Colégio Santo Antonio, em Natal. Formou-se em Direito, pela Faculdade de Direito do Recife. Após concluir o curso, radicou-se no Rio de Janeiro e só retornou ao Rio Grande do Norte no final dos anos 1940, já consagrado como pensador e intelectual. Além dos artigos e ensaios sobre literatura e filosofia, também escreveu análises de temas do Direito que o consagraram como jurista.

Segundo Vicente Serejo, ele “... foi talvez o maior proustiano do Brasil no seu tempo, ao longo das décadas de quarenta e cinquenta. Sua importância não se consagra apenas nos textos que escreve e publica mas na grande presença nas bibliografias dos estudos impressionistas e acadêmicos sobre o romance de Marcel Proust.”

Octacílio Alecrim faleceu no Rio de Janeiro em 2 de setembro de 1968, aos 62 anos de idade.

Mas, vamos ao livro.

Permitam-me antes fazer uma análise do objeto-livro, da coisa-em-si. Sim, porque o livro não é somente o seu texto, mas inclui os chamados paratextos editoriais – prefácios, epígrafes, textos das orelhas, dedicatórias, texto da contra-capas, ilustrações, notas – tudo isso como que “veste” o texto principal e me chamam sempre a atenção, estimulando a editora, a fabricante de livros que sou, já tendo editado vários, meus e dos outros, e seguindo uma tradição de tipógrafos que começou com meu avô, o jornalista Fernandes Tavares, na Maceió do início do século vinte e depois no Recife, e que continuou no meu pai, o também jornalista Nilo Tavares, primeiro no Recife e depois em Campina Grande. Esmiuçar o livro enquanto objeto, formato, textura do papel, tamanho da fonte, prefácio, apresentação, sumários e orelhas, dedicatórias e agradecimentos, são como as preliminares do ato amoroso, que assim se completa e se concretiza com extremo prazer.

A primeira edição de “Província Submersa” é de 1957, editada pelo Proust Clube do Brasil e teve tiragem limitada e fora de comércio com exemplares numerados e assinados pelo autor, e ilustração interna de Poty que, penso eu, deve ser a mesma que adorna a capa da edição atual. Esta sobre a qual falo é uma edição de 2008, sóbria, com projeto gráfico agradável e enxuto, convidando à leitura, com margens generosas. Os olhos se acomodam facilmente à letra em corpo 12, e os dedos ao papel Vergé Areia que não dói na vista e é suave ao tato como a pele da pessoa amada, tão diferente desses papéis off set brancos demais ou do famigerado papel couché, brilhante, agressivo, ofendendo os olhos, bom apenas para livros de arte, mas que continua sendo a paixão de gente sem noção e que não entende das coisas, que perturba o editor exigindo o papel couché para tudo, porque acha que é chique, mas que deixa o livro pesadíssimo, ruim de ler e de manusear.

Na página de rosto, a citação de Renan nos dá o norte para a leitura: “Um paraíso perdido é sempre, quando assim desejamos, um paraíso reconquistado.” Segue-se a nota editorial assinada por Valério Mesquita e Olímpio Maciel, a quem o Rio Grande do Norte nunca vai agradecer o suficiente pelo resgate que fizeram da obra de Octacílio Alecrim e pelo trabalho que ambos desenvolvem a favor da literatura do Estado.

E então, na página 11, nos deparamos com o ensaio do jornalista e acadêmico Vicente Serejo.

Ele registra: “Octacílio Alecrim faz parte do pequeno elenco dos estudiosos das influências francesas no Direito Constitucional Brasileiro e ensinou ao Brasil a ler Marcel Proust e Anatole France.” Completa Serejo: “... Foi jurista, crítico literário, filósofo, polemista (...) um intelectual requintado que venceu os limites do território literário brasileiro ao ser eleito para a sociedade dos Amigos de Proust, na França, pelo seu olhar inovador sobre o mundo de Combray.”

Após a introdução de Vicente Serejo, Octacílio Alecrim nos brinda com um pequeno ensaio intitulado “Temática do Souvenir” e levanta as divisões possíveis dessa temática que gira em torno das lembranças e registros do passado: a autobiografia, a biografia romanceada e a literatura das reminiscências.

Há uma diferença entre a autobiografia e o livro de memórias. Na autobiografia o autor está externo à narrativa, olha para a sua vida como se estivesse contando a história de outra pessoa, e resvala quase sempre na tentativa de se justificar, no desejo de, como se diz hoje na linguagem popular, de “ficar bem na fita”. O autor de uma autobiografia sempre seleciona os episódios que vai contar, e os interpreta. Não é uma vida: é uma invenção do vivido e, para mim, só tem credibilidade quando relaciona também fatos desagradáveis sobre o autor, onde ele reconhece suas imperfeições e as narra, de coração aberto.

No livro de memórias a narrativa é fragmentada, é como um mosaico, um patchwork, e o autor não tem a ambição de reconstruir os fatos. É uma reconstrução poética da vida. Também se pode fazer o romanceamento do passado, como se o autor fosse outra pessoa, é o que se vê em Joyce e em Proust.

Aqui cito o escritor e acadêmico Alberto da Costa e Silva: “A autobiografia justifica, explica, louva; o livro de memórias acalma saudades, refaz o tempo, vinga-se de alguém, abranda remorsos. E também dá testemunho de uma época. Falamos não sobre o passado mas sobre o que ficou como construção do passado, construção emotiva.”

No ensaio de Octacílio Alecrim “Temática do Souvenir” vemos citações e referências literárias abundantes, que denunciam uma vida de leitura, mas uma vida de leitura disciplinada, anotada.

Ele analisa as obras sempre na ótica do memorialismo, mostrando sua intercorrência com a ficção regionalista de autores, como Graça Aranha, Zé Lins, Graciliano e outros. Todo o texto é

uma afirmação de que a reminiscência literária poetiza e edulcora o passado e Alecrim conclui o ensaio com algumas deliciosas páginas sobre Proust.

É fácil se emocionar com a leitura de memórias e reminiscências, uma vez que é quase espontânea a nossa identificação com as doces e suaves recordações de infância, que evocamos através da leitura da infância dos outros. Vendo desfilar na tela da nossa mente o passado de outra pessoa, imediatamente vemos correr na nossa frente também o nosso passado, sobretudo se são lembranças agradáveis. Os cheiros, os sons e as cores, as paisagens e as descrições, tudo isso parece mais vívido porque é colorido com as tintas sempre vívidas da emoção.

Octacílio Alecrim constrói um delicioso relato da sua infância e juventude, que extrapola o simples memorialismo e, nas entrelinhas dos fatos pessoais, retrata a história sócio-cultural e econômica daquela região, nas primeiras décadas do século XX, quando se ia de Macaíba a Natal de barca, pelo rio Jundiá, que afluía ao Potengi. São histórias de famílias, descrição de tipos populares, relatos de brincadeiras, códigos de comportamento e vida social, descrições tão reais e detalhadas que parecemos estar vivendo junto com o autor os fatos que descreve. E isso sem abrir mão nem por um instante da prosa elegante, da sintaxe escorreita, das imagens vívidas, tudo denotando um memorialista completo, bem no espírito da “Recherche...” de Proust, de quem Octacílio Alecrim foi um dos mais competentes exegetas. É um livro que agrada ao intelectual e ao estudioso, que se deleitam com a erudição demonstrada, os achados estilísticos; e o leitor comum também encontra aí a história de um menino, um menino como os outros, nascido e criado no interior, tal como o Carlinhos de Zé Lins, e com ele se identifica, pois todos nós fomos um dia meninos e meninas, mergulhados na doce inocência da infância, e sentimos, através das memórias de Octacílio Alecrim, o cheiro suave de lavanda que emanava do colo da nossa mãe, o gosto do leite morno tomado ao pé da vaca em caneca de

flandres, o contato áspero do tropical agajota do terno do pai, a feira, as cavalhadas, as histórias ouvidas da boca das empregadas e amas, o mistério das noites estreladas de uma infância onde não havia shopping-centers, nem computador, nem videogames.

A paixão me conduziu na leitura deste livro, uma leitura afetiva, amorosa, deslumbrada, como se visse um mundo novo completo e acabado de nascer ali na minha frente, em todo o seu esplendor. Um alumbramento, uma epifania, uma revelação. A província amada flutua na luminosa névoa da lembrança, como miragem real, mais do que uma evocação: uma invocação da terra natal, nas palavras do próprio Octacílio Alecrim:

“Macaíba emerge agora como uma saga da memória do filho cinquentão, como se um trecho da terra interior houvesse escapado da sua represa afetiva, sob o impacto da erosão do tempo.” (p.34)

Felizes daqueles que têm a “Província Submersa” nas suas estantes e que já o leram. Sempre poderão percorrer novamente as suas páginas. Talvez ainda hoje, no final da tarde, vendo o anoitecer cair sobre a paisagem ou ainda na noite profunda, antes de se entregarem ao sono.

Aos que o têm na estante e ainda não o leram, a minha inveja pelo prazer que vão ter, de fazer a leitura inaugural desta obra espetacular.

Àqueles que não o possuem, que sonhem com ele, que o desejem, e que venham um dia a fazer a viagem nessa província submersa, densa de surpresas e recordações.

* Palestra proferida na Academia Macaibense de Letras, por ocasião da comemoração do terceiro aniversário da instituição, no dia 12 de setembro de 2013.

CLOTILDE TAVARES é escritora, dramaturga, atriz, professora de teatro e pesquisadora em cultura popular. Publicou mais de 40 títulos entre peças teatrais, livros e folhetos de cordel. Seus textos curtos e crônicas estão no blog e mantém ativos seus perfis no Twitter, Instagram e Facebook, sempre com temas culturais.

MOSSORÓ E TIBAU EM VERSOS:

ANTOLOGIA POÉTICA DE DAVID DE MEDEIROS LEITE E JOSÉ EDÍLSON SEGUNDO

Thiago Gonzaga

A literatura do Rio Grande do Norte esteve carente durante anos de antologias poéticas. Nossa história literária comprova que poucos livros foram publicados com esta característica, destacando-se as antologias de Ezequiel e Rômulo Wanderley, todavia elas se sobressaem mais pela condição de registro histórico do que pela qualidade literária. No final dos anos noventa vieram as antologias de Assis Brasil e Constância Lima Duarte e Diva Cunha dando um panorama do que se tinha publicado no Estado até então, com rigor mais crítico. Veio também uma antologia temática – *Poesia Viva de Natal* – organizada por Manoel Onofre Jr.

No início do século XXI junto comum número expressivo de editoras e uma nova geração de escritores no Estado surgiu a necessidade de novos trabalhos, neste aspecto, pois além da importância histórico-literária, antologias são fontes de referências e consultas por pesquisadores e estudantes. Eis que, em momento oportuno, os escritores David de Medeiros Leite e José Edílson Segundo publicam uma antologia, que, embora enfoque apenas poetas que versaram sobre Mossoró e Tibau, tem todos os méritos pela importância histórica e significativa qualidade literária.

Na obra, os organizadores se preocuparam não apenas em reunir poetas das duas cidades homenageadas, mas uma boa parcela de escritores do Estado que versaram sobre elas. Versos variados de poetas que cantaram as cidades, desde a época da abolição em Mossoró

como Paulo de Albuquerque, passando pelos celebres Othoniel Menezes, Martins de Vasconcelos, e outros importantes nomes da nossa literatura como Homero Homem, Deifilo Gurgel, Rizoleta Fernandes e Paulo de Tarso Correia de Melo, dentre outros que adotaram e foram adotados pela cidade de Mossoró como Cláudio Arcanjo e Aécio Cândido. Destacamos também a poesia de caráter mais popular como a de Zé Saldanha, Crispiniano Neto e Antônio Francisco. A nova geração também está presente em bons momentos com Josseline Marques, José de Paiva Rebouças e Leonam Cunha, todos os três com poemas bastante contemporâneos.

É evidente que algum leitor mais exigente ache que entre muitos poemas bons, alguns outros não mereciam figurar numa antologia. Mas precisamos compreender pontos importantes, como, por exemplo, o fato de se contextualizar o poema na época em que foi escrito, além da necessidade do próprio registro e homenagem ao poeta incluso. Ademais, há poemas com estilo mais artístico e outros mais populares; e por bem é sempre bom lembrar a famosa frase de Manuel Bandeira segundo a qual, querendo ou não, uma antologia é feita por escolhas pessoais. Para compreender trabalhos como este precisamos, além dos devidos cuidados citados, estarmos também sensíveis à causa.

Esta antologia poética constitui mais uma amostra de que estamos também com o pensamento e a preocupação na revalorização da nossa história literária. É uma iniciativa louvável e que merece ser imitada por outras cidades e outros Estados.

***THIAGO GONZAGA** é escritor e pesquisador de literatura potiguar, autor de “Impressões Digitais - Escritores Potiguares Contemporâneos” Vol 1 & 2 e “Presença do Negro na Literatura Potiguar & Outros Ensaios” e outros livros.

**A
POESIA
E
O
POEMA
DO
RIO GRANDE
DO NORTE**

moacy cirne

24 rãs
largas
carybas...
Vá e vem...
Vai e vem de...
Professores de vigília...
Índia dos amores alondristinos...
Grande... largi e forte... ora assali
Berço de grande raça

S
U
E
P
E
N
S

A POESIA E O POEMA DO RN: MOMENTOS DECISIVOS

*Por Marcel Lúcio Matias Ribeiro**

A obra *A poesia e o poema do Rio Grande do Norte*, publicada originalmente em 1979 e relançada em 2014 pela editora do Sebo Vermelho, apresenta uma contribuição valiosa para o estudo da literatura potiguar. Seu autor é Moacy Cirne, poeta-processo, crítico literário, estudioso de história em quadrinhos, professor universitário, um homem com um talento poliédrico que infelizmente deixou o plano terreno no ano passado.

Utilizo bastante os escritos de Moacy Cirne na minha atividade docente, principalmente, para responder a uma questão que surge frequentemente nas aulas sobre literatura (e também em conversas com os companheiros do espaço acadêmico): “Existe uma literatura do RN?”. Vou tentar responder aqui a essa indagação provocativa a partir das observações de Cirne no mencionado livro.

Sempre temos uma dificuldade enorme na universidade de perceber a produção do RN como um sistema literário, estrutura que possui autor, obra e público dialogando entre si ao longo da história. São defendidas as teses da descontinuidade e das manifestações isoladas como contrapontos à ideia de uma literatura do RN. Em *A poesia e o poema do Rio Grande do Norte*, o múltiplo Moacy Cirne constrói um cânone/contracânone para a produção poética do RN, interligando poetas e assinalando os momentos decisivos do poemário norte-rio-grandense.

A poesia e o poema do Rio Grande do Norte é uma obra composta por cinco ensaios (na primeira parte) e por um projeto para uma antologia radical para a poesia do RN (na segunda parte). Dentre

os ensaios, há um que se chama “De Jorge Fernandes ao poema-processo”. Neste, Cirne aponta que existem dois momentos de maior plenitude para a poesia do RN: a publicação do *Livro de poemas* de Jorge Fernandes em 1927; e o lançamento local da poesia concreta em 1966, com seu posterior desdobramento no poema-processo.

Antes de pontuar mais detalhadamente os elementos relativos ao poemário potiguar, Cirne apresenta o aporte teórico para o ensaio. Assim, observa aspectos sobre o conceito de vanguarda (a diferença que há da aplicação do termo na Europa e no Brasil, pois, no Brasil, o termo engloba a prática artística e social, enquanto que, na Europa, é observado apenas o aspecto estético) e a distinção entre poesia (sensação abstrata despertada pelo texto) e poema (o texto em sua forma concreta, ou seja, conforme se apresenta em seu aspecto gráfico e visual).

Voltando a tratar dos períodos decisivos para a produção poética do RN, Cirne assinala que, com a obra de **Jorge Fernandes**, o Rio Grande do Norte inseriu-se na prática literária modernista em evidência naquele contexto histórico (anos vinte do século XX). Por isso, afirma que: “A poesia do Rio Grande do Norte, a rigor, começa com Jorge Fernandes. Isto é a poesia entendida como produção de signos concretos (no caso, verbais), em busca de uma dada linguagem fundada no ato poético da invenção literária”. Podemos notar na escrita de Jorge Fernandes a utilização de onomatopeias, a exploração do aspecto gráfico do poema, como ocorre no famoso poema “Rede”, e a crítica à estética parnasiana.

Jorge Fernandes rompeu com a “tradição mofenta” dos poetas que utilizavam os versos lineares/discursivos na província e sequer perceberam a revolução da Semana de Arte Moderna de 1922. Depois do caminho aberto por Jorge Fernandes, destacaram-se: nos anos 30 e 40, **José Bezerra Gomes**, que cultivou a linha oswaldiana, atingindo uma dimensão nacional com sua poesia sintética; e **Zila Mamede**, que provocou um impacto produtivo na poética do RN

com a publicação de *O arado* (1959), obra que apresentou uma poeta capaz de realizar invenções linguísticas inovadoras, como as que Guimarães Rosa realizou na prosa.

Em 1966, ocorreu a **exposição-homenagem em Natal dedicada aos dez anos da poesia concreta**. Até então, apesar das inovações dos anos vinte, a poesia era tida como expressão de sentimentalismo, Cascudo era a grande expressão cultural da cidade do Natal, o “impressionismo literário” predominava nas críticas publicadas nos jornais da época, desconheciam-se na província a poesia concreta. A insatisfação de jovens poetas com o cenário descrito motivou a organização da exposição. Assim, a poesia concreta chegava a Natal com dez anos de atraso por meio do manifesto “Por uma poesia revolucionária, formal e tematicamente”, assinado por Anchieta Fernandes, Jarbas Martins, Moacy Cirne, dentre outros. “Na ocasião, **Nei Leandro de Castro** lançou um poema decisivo para a vanguarda norte-rio-grandense: o *1822*, colagem de marcas de produtos estrangeiros constituindo a data de nossa independência”; **Anchieta Fernandes** publicou o poema *Pedro Pedra*. E, assim, como fez Jorge Fernandes no contexto dos anos vinte, os poetas dos anos sessenta rompiam com o provincianismo e abriam as portas para o lançamento do poema-processo que aconteceria simultaneamente em Natal e no Rio de Janeiro no ano seguinte (1967).

Ao traçar o percurso do poema nas letras potiguares ao longo do século XX, Moacy Cirne consegue provar que há uma continuidade entre os momentos da literatura do RN e, conseqüentemente, responder positivamente à pergunta formulada anteriormente: “Sim, existe uma literatura do RN!”. E, desse modo, a obra *A poesia e o poema do Rio Grande do Norte* se constitui como referência fundamental para os estudiosos e curiosos sobre a produção literária em solo norte-rio-grandense.

MARCEL MATIAS é professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do IFRN – *Campus* Natal Cidade Alta.

ENTRE TAPAS E FARPAS:

AS BRIGAS DOS INTELLECTUAIS POTIGUARES

Maiara Juliana Gonçalves da Silva

Durante a realização das últimas eleições presidenciais no Brasil, entre os meses de agosto e outubro de 2014, acompanhamos intensos debates travados nos meios de comunicação atuais. O discurso político, tanto encenado pelos apoiadores da presidente Dilma Rousseff, quanto pelos defensores do candidato à presidência, Aécio Neves, foi protagonizado por expressivos nomes da intelectualidade brasileira, onde cada um pretendia defender, com veemência, o seu discurso. Constantemente, algumas destas disputas se desdobraram em trocas de insultos. Ora, gente inteligente também briga.

Este é um fato. O universo intelectual é movido por disputas, conflitos, brigas, discussões. Para além das discussões travadas durante a campanha presidencial brasileira, observamos constantes disputas nos espaços destinados a aglutinar a intelectualidade. Tais contendidas são marcadas ora por debates calorosos de ideias, ora por egos insuflados que destilam ataques pessoais. Todavia, este é um fenômeno antigo...

Na história da vida literária da nossa capital potiguar, identificamos algumas polêmicas literárias travadas nos jornais, ou seja, situações em que os debates entre os homens de letras expressaram oposições, discordâncias, conflitos e, até mesmo, violências físicas. Na década de 1920, as páginas dos jornais potiguares foram movimentadas pelas polêmicas protagonizadas pelo jornalista Nascimento Fernandes, e o escritor Luís da Câmara Cascudo, e, ainda, pela contenda entre os literatos Armando Seabra de Melo e Aduacto da Câmara.

A primeira contenda literária mencionada iniciou no ano de 1921, após a crítica produzida por Nascimento Fernandes, redator do jornal *A Notícia*. O jornal, dirigido por Amphilóquio Carlos Soares Câmara (1889-1957), tinha em Nascimento Fernandes a função de redator principal do periódico. Durante o ano de 1921, Fernandes tumultuou as páginas do jornal com a publicação de suas colunas acerca da obra *Alma Patrícia*, de autoria de Luís da Câmara Cascudo, recém-lançada na capital potiguar.

Durante a década de 1920, o exercício da crítica literária já estava mais desenvolvido na literatura potiguar. Nesta mesma década, Armando Seabra publicou a obra intitulada *Ensaios e críticas literárias* (1923), voltado exclusivamente para o exercício de crítica às produções dos escritores norte rio-grandenses. O próprio livro *Alma Patrícia*, de Câmara Cascudo, endossa o argumento de que os literatos da cidade passavam a dedicar maior importância à produção de crítica literária. O livro de Luís da Câmara Cascudo foi uma das primeiras obras que se propuseram a construir uma leitura sobre o movimento literário no Rio Grande do Norte daquela época.

A primeira edição de *Alma Patrícia* foi publicada em 1921, por esforços próprios do autor, no Atelier tipográfico M. Victorino A. Câmara & Cia, localizado no bairro da Cidade Alta, na Rua Pedro Soares, nº 2 – atual Rua João Pessoa. A obra foi anunciada no ano de 1919 como projeto de Cascudo e do literato Murilo Aranha. A proposta era produzir um livro de crítica, de “imprecisão paciente e forte à vida intelectual do Rio Grande do Norte”²⁹. Contudo, o projeto não pode ser realizado em conjunto uma vez que no mês de junho de 1919, Murilo Aranha veio a falecer. Por consequência disso, o livro acabou se tornando um projeto solitário de Câmara Cascudo. O próprio autor justifica a importância do livro pela falta de algum volume de crítica que sintetizasse o movimento literário no Rio Grande do Norte de então. Em contrapartida, Cascudo adverte que seu próprio livro não foi capaz de preencher essa lacuna.

29 CASCUDO, Luís da Câmara. Em vez de prefácio. In: _____. *Alma Patrícia – crítica literária*. Natal: Fundação José Augusto, 1998. p. 9

Para o colunista Nascimento Fernandes, a recepção da obra cascudiana não foi das melhores. A primeira publicação de Nascimento Fernandes acerca da obra pioneira de Cascudo foi na coluna *Irreverencias*. Percebemos que toda a crítica de Nascimento Fernandes foi orientada pelo questionamento acerca da própria noção do que viria a significar “crítica”. Nas palavras de Nascimento Fernandes:

O Sr. Luis da Câmara Cascudo, jovem de vinte e pouco annos, acadêmico perpetuo de uma escola superior, jornalista por temperamento e orador por *snobismo*, acaba de enfrentar, com aquella superioridade que todos lhe reconhecemos, a ferocia terrível dos pseudos críticos indígenas, dando á estampa um volumoso livro, a que deu o titulo de *Alma Patricia*. Accentuemos, preliminarmente, que nos não separam ódios nem antipathias pessoaes, para que deste modesto entendimento literário possa resultar uma polemica irritante e sem finalidade. Livro de critica e de observação, pacientemente elaborado para solidificar, cada vez mais, os creditos intellectuaes do seu autor, não seria justo deixássemos em silencio essas cento e muitas paginas, onde estudos especiaes são feitos sobre aquelles que se reputam homens de letras entre nós. O que, porém, nos resta apurar é se houve selecção criteriosa e honesta na explanação dos assumptos escolhidos³⁰.

O colunista acusou o jovem Câmara Cascudo de não ter promovido uma seleção criteriosa. Nas publicações que se seguiram, Nascimento Fernandes acusa o livro *Alma Patricia* de promover mais elogios do que uma análise crítica voltada para obras e autores. A cada publicação da coluna *Irreverencias*, Nascimento Fernandes alimentava suas críticas:

30 FERNANDES, Nascimento. *Irreverencias*. *A Notícia*. Natal, 04 set. 1921.

Reencetemos as ponderações que vimos fazendo sobre o *Alma Patricia* do Sr. Luis da Cama Cascudo. Livro sem ideas, de estylo dogmático e pedante, destituído do critério que orienta as intelligencias dedicadas ao mister de estudar, reflectir e tirar conclusões de assumptos tão subteis e complexos – nelle não descobrimos outro objetivo senão o de pôr em evidencia o triumpho das nullidades entre nós. Parace-nos (e não foi outro o alvedrio do jovem escriptor) que ao serem tracejadas as paginas da elegante brochura, um pensamento fixo o empolgou: comprar elogios a troco de elogios. Se nos houvesse promettido um trabalho em que fossem estudadas individualidades literárias sob os aspectos das relações pessoaes, seriamos os primeiros a acha-lo coherente e, por isso mesmo, nada diríamos a seu respeito. Deixa-lo-iamos seguir o seu destino, no desempenho da cordial missão de, cada vez mais, estreitar os laços affectivos que ligam o autor ás pessoas nelle apreciadas. Não seriamos nós tão rebeldes que viéssemos desfazer as illusões plantadas no espírito de alguns patricios, simples dilettantes das letras. As consagrações fáceis, tão próprias do feito intellectual do Sr. da Camara Cascudo, nos não estimulariam á analyse de sua obra³¹.

O redator de *A Notícia* não poupou palavras. Emitiu uma opinião e a tornou pública, criticando autor e obra. Além do questionamento se a obra poderia ser ou não classificada no gênero de crítica literária, Nascimento Fernandes censurou a análise que o autor de *Alma Patricia* dedicou a Segundo Wanderley, partindo prontamente para defesa e importância do poeta médico. Em 24 de setembro de 1921, o jornal *A Notícia* publicou em nota a carta

31 FERNANDES, Nascimento. Irreverencias. *A Notícia*. Natal, 11 set. 1921.

em nome de Raymunda Wanderley, esposa do escritor Manoel Segundo Wanderley, e filhos, agradecendo a “defesa carinhosa que fez à memória do seu esposo e pai, enviando-lhe protestos de agradecimento”. O periódico *A Notícia* transcreveu a carta em sinal de congratulação pelo trabalho crítico de Nascimento Fernandes.

Apesar das palavras que minimizaram a obra de Câmara Cascudo, as críticas de Nascimento Fernandes não abalou a amizade entre os dois. Câmara Cascudo continuou sendo visitante, como de costume, da redação de *A Notícia*. Mesmo durante o período em que as críticas de Nascimento Fernandes são veiculadas no jornal, em momento algum se cessaram a cumplicidade entre Cascudo e os redatores do jornal *A Notícia*. Em maio de 1921, o jornal de Amphilóquio da Câmara, *A Notícia*, ofereceu uma solenidade que tomou o aspecto de uma grande festa intelectual dedicada às colaboradoras do periódico Izabel Dantas, Carolina Wanderley, Julia Alves Barbosa e Alice Cavalcanti. A festa de *A Notícia* contou com a presença de Luís da Câmara Cascudo que, na ocasião até pronunciou um discurso em homenagem às escritoras.

As críticas de Nascimento Fernandes estenderam-se até o mês de dezembro de 1921. A resposta de Cascudo veio momentos mais tarde, em 11 de junho de 1922, por meio do jornal *A Imprensa*, dirigido pelo seu pai, o coronel Francisco Cascudo. Em sua coluna *Bric-à-brac*, o jovem escritor fez a sua réplica: “do meu caminho, via que escolhi e seguirei, não será bico de pena ou arruído de tinta pródiga em doesto que forçará a retrocessos e recuos”³².

No mesmo ano, 1922, antes da réplica apresentada por Luís da Câmara Cascudo, *A Imprensa*, de janeiro a abril, publicou cartas e opiniões de intelectuais elogiando a obra de Luís da Câmara Cascudo. Identificamos, entre eles: o literato potiguar Uldarico Cavalcanti, o redator João do Norte, da revista Fon-fon (Rio de Janeiro), Afrânio Peixoto, João Ribeiro, Conde de Afonso Celso,

32 CASCUDO, L. da C. Bric-à-brac. *A Imprensa*. Natal, 11 jun. 1922.

Rodrigues de Carvalho, Gustavo Barroso, Claudio de Souza e Henrique Castriciano³³. Em especial, o jornal do coronel Cascudo publicou a opinião do poeta carioca parnasianista Alberto de Oliveira: “Alma Patrícia”, o trabalho de crítica de Luiz da Câmara Cascudo, despertou um rumor de *sympathia* em todos os centros literários do Brasil”³⁴. Na ocasião, o poeta carioca solicitou ao escritor Luís da Câmara Cascudo a utilização das notas bibliográficas e históricas do livro *Alma Patrícia* para a composição do Dicionário Literário da Academia Brasileira de Letras.

Após as publicações de 1922 do jornal *A Imprensa*, nada mais foi falado sobre o caso, por parte do redator Nascimento Fernandes. Como prometido, e publicado nas páginas do jornal *A Imprensa*, o jovem Cascudo recebeu, respeitosamente, às críticas direcionadas a sua primeira obra e seguiu em sua notável trajetória intelectual. Mas nem todas as polêmicas ocorridas no mundo literário natalense utilizaram o tom respeitoso e réplicas conduzidas com sutilezas.

Em alguns casos, os debates que começaram nas páginas dos jornais viraram caso de polícia. Os escritores Aducto Câmara e Armando Seabra de Melo, no ano de 1917, travaram um debate nos jornais. Aducto Miranda Raposo da Câmara, nascido na cidade de Mossoró, era formado no curso de Direito, pela Faculdade do Recife. Aducto da Câmara desempenhou, no estado do Rio Grande do Norte, os cargos de advogado, professor e ocupou funções políticas, além de ter sido redator-chefe do jornal *A Nota* (1917) e redator do jornal *A Imprensa*. Já Armando Seabra se revelou importante crítico literário na capital potiguar. Em vida, trabalhou como funcionário dos correios, crítico literário e filólogo. Nasceu em Natal, em 17 março 1892 e faleceu, na mesma cidade, em 22 de agosto de 1920. Este renomado literato também atuou em outros jornais, como *A Tarde* (Salvador), *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), *Jornal da Manhã*, *A República* e *O tempo* (Natal).

33 ALMA Patrícia. *A Imprensa*. Natal, 5 abr. 1922.

34 ALMA Patrícia. *A Imprensa*. Natal, 07 mai. 1922.

O debate entre os dois literatos teve início nas páginas dos periódicos *A nota*, de Aducto Câmara, e *O tempo*, de Armando Seabra. Os dois jornais circularam na cidade do Natal durante os dias de maio de 1917. Armando Seabra de Melo, na época, era conhecido como um dos precursores da crítica literária em Natal, principalmente na década de 1920 quando publicou a sua única obra de crítica intitulada *Ensaio de crítica e Literatura (1923)*. No entanto, por meio do jornal *O Tempo*, Armando Seabra já ensaiava suas críticas escrevendo a coluna “apreciações literárias”. O livro de Rejane Cardoso, *400 nomes de Natal*, menciona a respeito de um juízo construído por Veríssimo de Melo ao crítico Armando Seabra: “Armando era muitas vezes implacável nas suas apreciações críticas. Quase sempre contundente, impiedoso, cuasticante, todavia era sempre generoso e fiel aos princípios que defendia com proficiência”.

Portanto, a discussão sobre questões literárias ocorreram nestes dois jornais, na medida em que Aducto Câmara, em *A Nota*, fazia questão de responder às críticas veiculadas por Armando Seabra, em *O Tempo*. No entanto, nem sempre as contendas literárias ficavam restritas às discussões na imprensa. Em julho de 1917, as discussões de questões literárias, entre os redatores de *O Tempo* e *A Nota*, transformaram-se em agressões físicas.

Armando Seabra e Aducto da Câmara, durante algum tempo, já vinham debatendo acerca de questões gramaticais nos jornais mencionados. No entanto, o debate literário já havia se transformado em ataques pessoais, até que, no dia 9 de julho de 1917, as discussões na imprensa resultaram em agressões físicas. A briga ocorreu no café Avenida, localizado na movimentada avenida Rio Branco, no bairro Cidade Alta.

Um dia após a discussão, o principal jornal da capital *A Republica*, estampou a notícia sobre a confusão:

Já era de toda gente previsto que o desenlace não poderia deixar de ter consequências anômalas. Assim é que, hontem, por volta das 18 horas entrando o Sr. Armando Seabra no Café Avenida, à Avenida Rio Branco, e encontrando se com o Sr. Aducto da Camara, provocou-o indo ambos ás vias de facto, sendo preciso a intervençao de amigos para pôr termo á luta. Momento depois, achando-se os contendores fora daquelle estabelecimento, continuou a provocação, ouvindo-se então algumas detonações que, felizmente não atingiram o alvo nem deram lugar a consequencias lastimaveis³⁵.

As tapas e os insultos trocados pelos dois escritores resultaram em um “convite” para, ambos, comparecerem à polícia, onde os senhores Armando Seabra e Aducto da Câmara prestaram os necessários depoimentos, instaurando-se o inquérito na Delegacia Regional. Desde o século XIX, era muito comum que os debates literários contemplassem questões da gramática. No caso de Armando Seabra e Aducto da Câmara, a discussão literária abarcou os pontos gramaticais e linguísticos, sobretudo pela formação de Armando Seabra no campo da filologia. No mais, esse caso corresponde ao único evento, de que temos conhecimento, que os diálogos travados nos jornais resultaram em violência física.

A briga no café Avenida tomou proporções mais altas, em 13 de julho de 1917, o subdelegado de polícia do bairro da Cidade Alta transmitiu o acontecimento à jurisdição do promotor público de Natal, o senhor Potyguar Fernandes. As palavras noticiadas foram:

35 VARIAS. A Republica. Natal, 9 jul. 1917.

Hoje, o subdelegado de Policia da Cidade Alta conclui e remmeteu ao dr. Promotor publico da capital, para fins legaes, o inquérito que abriu sobre o facto do dr. Armando Seabra, redator d'O Tempo, por volta das 18 horas de 9 do corrente, no estabelecimento denominado Café Avenida, sitio á Avenida Rio Branco desta cidade, aggredido o Sr. Aducto da Câmara, redactor d'A Nota e seu desafecto por questões litterarias, occorrecia esta que já noticiamos em nossa edição do dia 10 deste mez³⁶.

Quatro dias depois, o magistrado Potyguar Fernandes decidiu indiciar o filólogo e crítico Armando Seabra e o redator Aducto da Câmara por “tentativa de morte por se acharem incursos nas penas do artigo 294 § 1º combinado com os artigos 13 e 63 do Codigo Penal da Republica”³⁷.

Os conflitos entre os literatos potiguares, noticiados na imprensa, indicam a existência de fortes hostilidades, beirando, neste último caso, à violência, na dinâmica da vida literária da cidade desta época. Mais do que isso. As discussões literárias mencionadas revelam uma disputa pelos holofotes do ambiente intelectual potiguar das décadas de 1910 e de 1920. Fazer crítica era “dar nas vistas”, era “se fazer conhecido”, e era costumeiro se utilizar os jornais para fazer conhecer tais críticas, questionamentos, insultos. Era como se os jornais fossem um espaço de luta pela sobrevivência, ou morte, na cena da literatura natalense.

A importância destes eventos, que contemplam duas polêmicas literárias, auxilia na desconstrução de uma ilusão de que o universo literário, em particular da cidade do Natal, era (ou é) homogêneo. O ambiente literário da capital norte rio-grandense era de fissuras, assim como era conflitante e heterogêneo, tal qual o universo

36 VARIAS. *A Republica*. Natal, 13 jul. 1917.

37 VARIAS. *A Republica*. Natal, 17 jul. 1917.

intelectual de qualquer tempo e lugar. Desde sempre, os intelectuais costumam a pensar diferentemente um dos outros. E, entre farpas e tapas, eles vão dialogando e convivendo. Uns com mais prudência. Outros nem tanto.

Ainda assim, quando olhamos para a história da Natal de outros tempos, fica a interrogação se essas contendas entre os homens de letras da cidade, com a exceção da briga física entre Armando Seabra e Adauto Câmara, limitaram-se às páginas dos jornais potiguares. Certamente que não. Mas isso já é assunto para outra história...

MAIARA JULIANA GONÇALVES DA SILVA, professora e historiadora.

HOUVE PLÁGIO?

Francisco Martins

Em 19 de fevereiro de 1998 foi sancionada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, a Lei 9.610 que regulariza os direitos autorais, mas se desde 1998 temos garantida por lei a proteção da obra, esteja ela presente em suas mais variadas formas, sabemos que nem sempre foi assim.

Plagiar significa copiar, assinar, uma obra alheia ou parte dela, dizendo que é sua. Quando isso acontece estamos diante de uma violação aos direitos autorais. Há plágios na música, na pintura, nos trabalhos acadêmicos, em obras literárias, etc.

O escritor Manoel Onofre Jr foi vítima de plágio e ele mesmo testifica isso no seu livro “A Servidão Diária”, referindo-se ao romance “Florinda”, escrito por Heloisa Maranhão, que usou várias frases do seu livro “Breviário da Cidade do Natal”, sem citar o autor e a fonte.

Mas, hoje quero trazer ao leitor um nítido caso de plágio, transcorrido num passado não tão distante, entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba, envolvendo dois poetas populares bem conhecidos

Renato Caldas (1902-1991), natural de Açú, é autor entre outros poemas, de Lagoa das Moças, cujo texto transcrevo abaixo, conforme consta no livro “Fulô do Mato”¹

Lagoa das Moças

Vancê tá vendo esse lago,
Pequeno, desse tamanho?
Apois bem, é a lagoinha,
Onde as moças tomam banho,
Quaje toda menhãzinha.

Eu num sei praque razão
Essa água cheira tanto?
Num sei mesmo praque é...
Mas, descunfio e agaranto:
Sê do suó das muié.

-Mas, se eu fosse essa lagôa,
Se ela eu pudesse sê!
Se quando as moças chegasse,
Eu pudesse as moças vê...
Aí, os óios eu feixasse...

Quando n'água elas caísse
Eu pegava, abria os óios,
Uns óios desse tamanho!
Só pra vê aqueles móios
De moça tomando banho

Agora leia A Cacimba, poema de Zé da Luz (1904-1965),
paraibano de Itabaiana, presente no livro “Brasil Caboclo”²

A Cacimbinha

Tá vendo aquela cacimba
Lá na bêra do riacho,
Im riba da ribancêra,
Qui fica, assim, prú dibáxo
De um pé de Tamarinêra?

Pois, um magóte de moça,
Quáge toda menhãzinha,
Foima, assim, aquela túia,
Na bêra da cacimbinha
Tumando banho de cuia!

Eu não sei, praquê razão,
As águas dessa nacente,
As água que ali se vê,
Tem um gosto deferente
Das cacimba de bêbê...

As água da cacimbinha
Tem um gosto mais mió
Nem sargáda, nem insôça...
Tem um gostinho du suó
Dos suváco dessas moça...

Quando eu vejo essa cacimba,
Qui ispio a minha cára
E a cára torno a ispiá,
Naquelas água quilára
Pego logo a desejá ...

...Desejo, praquê negá?
Desejo sê um caçóte,
Cum dois óio desse tamanho!
Prá vê, aquêle magóte
De môça tumando banho!

Nota-se que estamos diante de um poema que indiscutivelmente foi plagiado. A pergunta é: Quem plagiou? Teria sido Renato Caldas ou foi Zé da Luz? Ou então estaria eu errado e o que aconteceu foi uma grande semelhança de pensamento entre os dois poetas?

Renato Caldas viveu 89 anos, Severino de Andrade Silva, o Zé da Luz, 61 anos. A primeira edição de “Fulô do Mato” é de 1940 e “Brasil Caboclo” em 1949 já estava com sua segunda edição, prefaciada por José Lins do Rego. Esses dados não nos permitem chegar a nenhuma conclusão sobre o plágio, mas basta comparar os dois poemas para ver que são notórias as igualdades nas construções de imagens.

RENATO CALDAS	ZÉ DA LUZ
Moças tomam banho pela manhã, na lagoa	Idem, na cacimba
O banho das moças deixa a água perfumada	O banho das moças muda o sabor da água
O suor das moças é a causa da transformação	O suor das moças, vindo das axilas, é a causa da transformação
O eu lírico deseja ser a própria lagoa, com olhos grandes para ver as moças	O eu lírico deseja ser um caçote, com olhos grandes para ver as moças.

Não tive a pretensão de jogar dardos em nenhum dos dois poetas. Mas o desafio fica para que possamos ter a curiosidade e provar o que foi que aconteceu.

REFERÊNCIAS

1. CALDAS, Renato. *Fulô do Mato*. 6ª ed. Natal: Clima, 1984.
2. LUZ, Zé da. *Brasil Caboclo*. 5ª ed. João Pessoa: Acauá, 1979
3. ONOFRE JR, Manoel. *A Servidão Diária*. Natal: CJA, 2014. p.71
4. <https://melnotacho.wordpress.com/2009/08/25/poeta-ze-da-luz-por-jose-lins-do-rego-e-manoel-bandeira/>, visitada em 04 maio 2015

*FRANCISCO MARTINS é escritor e poeta. Guardiã da Biblioteca Padre Luis Monte, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

POLÍTICA E GRAÇA

[UMA ANALOGIA RECORRENTE]

Sônia Maria Fernandes Faustino

Parece-nos impossível no atual estágio da política brasileira associar política à beleza, charme, bênção ou qualquer outro atributo que a palavra graça possa suscitar.

Em um ensaio/conferência sobre a antropologia política grega, o pensador alemão Christian Méier analisa a proeza dos gregos ao mesclar a graça (cháris) à política logo após o término das lutas sangrentas (homéricas) e seculares até a consolidação da democracia como modo de pensar, agir e ser fundado numa ética da polis onde cada cidadão assume a sua autonomia (autarquia), a sua liberdade, sem contudo destruir os hábitos e costumes, e o modo de ser, da aristocracia campesina. O autor ao descrever o processo de desenvolvimento do espírito democrático grego formula a seguinte questão:

“Como foi possível aos estratos populares tão logo que ascenderam ao poder, adotarem características dos antigos senhores?...”

A história demonstra que a conquista da liberdade é tarefa coletiva, a qual não se obtém com facilidade. Quando os gregos alcançaram a sua autonomia política e a democracia foi incorporada à vida da polis determinando um estilo de viver, registrou-se uma relação diferenciada entre a vida pública (exterior) e a vida privada (interior).

O cidadão livre (ateniense) passa a sentir necessidade de cultivar o seu mundo interior, expressão do seu pensamento manifesto através da sua criatividade. Expandem-se assim a filosofia e as artes. É o ideal da graça, beleza e bondade (kalos/kagathia) aliadas ao sentimento

de liberdade. Estar livre de situações constrangedoras, ser digno, generoso, dedicado desinteressado e por nada forçado, esse é o ideal a ser perseguido na democracia grega.

A interseção entre política e graça faz com que o indivíduo não se sinta um des/graçado, muito pelo contrário ele se apresenta como um cidadão honrado, digno e generoso.

No mundo atual globalizado, há de se preservar a essência da democracia no âmbito das liberdades de: pensamento, expressão, locomoção, reunião, preservação do sigilo e da privacidade, enfim os direitos inalienáveis do ser humano.

Para os gregos como para os modernos a graça decorrente da liberdade, há de ser cultivada, mesmo em uma esfera pública com o tempero fascista com leviatãs (monstros) colocando suas patas venenosas sobre nossas cabeças.

SÔNIA MARIA FERNANDES FAUSTINO é professora e escritora, ocupa a cadeira Nº 24 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

ADEMILDE FONSECA, A POTIGUAR NO CHORO BRASILEIRO

Leide Câmara



Nasceu em Pirituba, município de Macaíba-RN, a 4 de março de 1921, foi batizada com o nome de Ademilde Ferreira Fonseca, a nona dos onze filhos (seis homens e quatro mulheres) de Raimundo Ferreira da Fonseca e Maria Amélia da Fonseca. Macaíba, cidade de filhos ilustres nas artes, na cultura, de fama até internacional, entre eles, Augusto Severo (Augusto Severo de Albuquerque Maranhão 1864 -1902), Alberto Maranhão (Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão 1872-1944), Tavares de Lyra (Augusto Tavares de Lyra 1872-1958), Henrique Castriciano de Souza 1874-1947) e a irmã, Auta de Souza 1876-1901), “Seu Mesquita” (Alfredo Mesquita Filho 1901-1969), Octacílio Alecrim 1906-1968), Ademilde (1921-2012) que ganhou notoriedade na música.

Aos três anos de idade, já demonstrava que tinha veia artística, gostava de cantar. Quando tinha quatro anos, seu pai, que era chefe da estação ferroviária, foi transferido para Natal capital do Estado. A cantora passou toda a sua infância no bairro do Tirol e foi aluna do Grupo Escolar Antônio de Souza, e sempre era convidada para cantar nas festas escolares e fazia sucesso.

Natal cidade boêmia na década de 1930/40 ficou conhecida no Brasil, como reduto de violonistas, e de famosas modinhas (muitas incorporadas ao cancionário nacional) e cantadas em serenatas, pelas ruas da Cidade Alta, iluminada por lampiões e pelas estrelas que cintilavam e inspiravam a alma poética dos seresteiros, que saíam em cortejos de violões, em busca de suas musas nas janelas. Ademilde, participou, quando era adolescente, do grupo de boêmios e seresteiros do violonista, Naldimar Gideão Delfino, (1916-1976), que mais tarde, tornou-se seu esposo e pai de sua única filha.

No começo da carreira em Natal, “eu já cantava um choro muito conhecido na época, e que não sei se era do norte ou do sul e quem era o autor”, disse a cantora em certa ocasião”. A vida musical da cidade era de cantar em casas comerciais, em programas de auditórios que aconteciam, nas rádios ou mesmo nos cinemas locais, e nos famosos alto-falantes (que eram mais de trinta) espalhados pelos bairros e pertenciam a Luiz Romão de Almeida, onde Ademilde, se apresentou como profissional e em diversos momentos musicais da cidade e muitas vezes foi acompanhada pelo violão de Naldimar. Surgiu o amor entre eles, do namoro passou para o casamento que aconteceu no dia 15 de julho de 1939, ela passou a assinar como Ademilde Fonseca Delfino. No ano seguinte, em 10 de abril, nasceu a filha do casal, Eimar Fonseca Delfino.

Ademilde nasceu para ser Estrela e o Rio de Janeiro era o caminho a trilhar, assim como tantos outros músicos potiguares que foram para a “Cidade Maravilhosa”, em busca de novas oportunidades e alcançar o merecido sucesso.

Foi morar com a família, em 1941, no Rio de Janeiro, elevou no repertório a famosa música que aprendeu, quando ainda era adolescente, Tico-tico no fubá. A nova vida no Rio não foi tão fácil, com uma filha de colo, um marido boêmio, mas nada a impediu de seguirem busca de uma oportunidade. Participou como cantora do regional do flautista, Benedito Lacerda (1903-1958) que reconheceu em Ademilde um grande potencial pela forma diferente de cantar choros. Benedito foi seu padrinho musical e abriu portas no cenário carioca onde ela chamava atenção pela interpretação da música Tico-tico no fubá, seu “cartão de visitas”. Notabilizou-se como pioneira na arte de cantar ligeirinho e ganhou do próprio Benedito Lacerda o título de “A Rainha do Choro”, que a personalizou. Teve uma carreira brilhante, a pequena mulher de 1,52 de altura, de sorriso largo, com seus saltos altos à lá Miranda, uma verdadeira Diva, bela e elegante mulher. Entrou para a história por ter popularizado o gênero tipicamente brasileiro que até então era instrumental, na belle époque dos imortais chorões: como Chiquinha Gonzaga (Francisca Edwiges Gonzaga 1847-1935), Antônio Callado (Joaquim Antônio da Silva Callado 1848-1880), Ernesto Nazareth (Ernesto Júlio de Nazareth 1863-1934), Patápio Silva 1880-1907), Pixinguinha (Alfredo da Rocha Viana Filho 1897-1973), entre outros do mundo da música brasileira. Assim, Ademilde escreveu um novo momento, com a forma singular de cantar chorinho. Disse um dia: “Não foi à toa que me chamaram de a cantora de mil palavras por minuto”.

O disco de estreia, o primeiro da carreira foi a gravação do choro Tico-tico no fubá, de Zequinha de Abreu (José Gomes de Abreu 1880-1935), composta em 1917, que só recebeu letra de Eurico Barreiros no ano de 1931. Gravado por Ademilde, em 10 de julho de 1942, (selo Colúmbia), em disco de 78 rpm, que foi relançado em 1943 pelo selo Continental, acompanhada pelo Conjunto Regional de Benedito Lacerda e o Rei do Baião, Luiz Gonzaga no acordeom (uma curiosidade). O disco foi sucesso, de vendagem e fez com que as pessoas cantarolassem nas ruas a letra alegre de Tico-tico no fubá. Sendo, portanto, a primeira gravação

dela e a primeira da música com letra. Disse Ademilde: “... grandes coincidências o primeiro estilo de música que aprendi a cantar foi o que acabou me projetando e me marcando para o resto da vida”.

A música ficou tão famosa e popular que recebeu duas letras, uma brasileira, de (Eurico Barreiros), gravada por Ademilde e outra letra (de Aloisio de Oliveira), gravada por Carmen Miranda, nos Estados Unidos em 1945. Tico Tico no Fubá, ganhou fama rendeu vários musicais e seis filmes, um no Brasil que conta a estória da própria música, em 1952.

Os anos que se seguiram foram de realização de uma carreira brilhante que durou 71 anos; ela, atuou até um dia antes de sua morte aos 91 anos. Ademilde costumava dizer: “Música e palco é uma combinação que me deixa jovem novamente”...

...“Os críticos da música popular brasileira, sempre destacaram entre suas qualidades mais notáveis, a extraordinária capacidade de cantar em alta velocidade, com dicção perfeita, com ritmo e afinação de instrumento...”

A voz da Rainha do Choro silenciou no dia 27 de março de 2012, mas permanecerá eternizada nos clássicos do chorinho como, Brasileirinho, Sonoroso, Tico-tico no fubá, Apanhei-te cavaquinho, Pedacinhos do céu, Delicado, entre outros.

A Potiguar no Choro Brasileiro, será sempre amada pela Nação Potiguar e permanecerá como mulher pioneira da Música Brasileira. Foi amada e reconhecida, pelo povo do Rio Grande do Norte que tantas homenagens lhe prestou. Destacamos a Medalha do Mérito Alberto Maranhão (em 1959), Comenda dos Reis Magos, Diplomas, Placas vários Troféus, entre eles o Hangar de Música do Produtor Marcelo Veni, Musiarte Potiguar, diversas homenagens em Macaíba, foi enredo da Escola Imperatriz Alecrinense, entre outros,

Sempre era convidada para shows no estado, participou de várias edições do Projeto Seis e Meia, abriu o Projeto Serenata para Natal, no Show “As Estrelas Cantam”, com Glorinha Oliveira (as Rouxinóis). Fez parte da Caravana Cultural (dos artistas do estado)

que residiam no Rio de Janeiro. Trazidos pelo Governador Cortez Pereira , em 1975, realizaram shows, na capital e inaugurando obras do governo na ocasião, gravaram o LP Reencontro , com de K-Ximbinho, Trio Irakitan, Paulo Tito, Fernando Luiz, Raymundo Olavo, Roberto Lima, entre outros, e com a participação da atriz Rejane Medeiros (filha de Acari).Entre outros momentos de honra e glória da música potiguar.

Como compositora, assinava A. Fonseca.

Rainha do mar (marcha) Ademilde em parceria com J. Piedade, O. Gazzaneo, gravado em 24/10/1958.

Cortina do meu lar (samba), Ademilde/J.Piedade/G. Campos/ N.R. Oliveira.

Esquece de mim(samba) Ademilde/ com o potiguar, Enock Figueiredo

É o fim (bolero) Ademilde / Geraldo Serafim .

ADEMILDE GRAVOU MÚSICAS DOS POTIGUARES:

Enock Figueiredo:

Esquece de mim(samba) Ademilde / Enock Figueiredo

Carnaval na lua (marcha), Enock Figueiredo/Jorge de Souza

Cláudio Paraíba:

Marcha do pinica, Cláudio Paraíba/Xavito

Tô de bobeira, Cláudio Paraíba/Altário Celso Teixeira.

Fernando Luiz da Câmara Cascudo:

Prece ao vento, Fernando Luiz da Câmara Cascudo, Alcyr Pires Vermelho e Gilvan Chaves.

K-Ximbinho:

Sonoroso,(choro) X-Ximbinho/Del Louro

Sonhando,(choro) X-Ximbinho/Del Louro

Raymundo Olavo:

Vão me condenar,(samba)Raymundo Olavo/Oldemar Magalhães

Papel queimado, Raymundo Olavo /J. Cândido

Ademilde Fonseca, em sua trajetória artística, deixou como legado: a cantora Eymar Fonseca, sua filha, fiel escudeira e parceira musical desde o ano de 2000. Uma obra de mais 45 discos (carreira e coletâneas) e a participação em vários discos de cantores nacionais. São 400 gravações catalogadas no Instituto Acervo da Música Potiguar – AMP.

LEIDE CÂMARA: Pesquisadora de música brasileira, autora do Dicionário da Música do Rio grande do Norte. Membro da Academia de Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Feminina de Letras. Em 1996 fundou o Instituto Acervo da Música Potiguar-AMP. É diretora da Anasps/RN.

RELEBRANDO GILBERTO AVELINO E ALVAMAR FURTADO

Valério Mesquita

N uma noite perdida das marés de Macau, diante do “mar aceso em lua”, proferi em louvor do poeta Gilberto Avelino uma saudação inesquecível. Palavras sopradas pelo vento leste, que o poeta dizia ser o vento da resistência.

Era o dia oito de setembro de 1983. A cidade inteira compareceu ao lançamento dos seus Pontos Cardeais. Disse naquela hora que o poeta Gilberto Avelino era um argonauta, um navegador impulsionado simultaneamente pelo lirismo e pelo desafio da descoberta de novos mundos. Seus instrumentos náuticos conduzem-no por um caminho de realizações poéticas marcadas por um amor onipresente à cidade de Macau, alfa e ômega de sua criatividade, porto seguro onde consegue fundear sua temática, sua visão de vida e, sobretudo, a explosão do seu talento. Na cidade de Macau é onde estão na realidade fíncados os seus PONTOS CARDEAIS – a rosa-dos-ventos do ser humano e do poeta Gilberto Avelino.

Ele navegou em busca de terras desconhecidas, de universos construídos por sua inesgotável inventividade. Não se conformou, como nunca o fizeram aqueles tocados pela verdadeira vocação poética, com a rotina fácil e repetitiva de um mero artesanato exercido através das palavras. Nos seus versos vibram uma chama, um calor, uma luminosidade que transcendem as situações lineares em que se materializa o estéril cotidiano, a vida que se exaure em experiências efêmeras, a ação inútil e sem sentido que não passa de movimento dirigido à conquista de bens precívalis. Entendo que o poeta é um ser que transcende a si mesmo, que se ultrapassa, que se sobrepõe à sua própria contingência. E nisso é que consiste a sua grandeza. Nós todos estamos mergulhados na transitoriedade de nossas ocupações

e preocupações, nascidas da própria vida prosaica a que estamos indissociavelmente presos por profundos condicionamentos. Gilberto Avelino rompeu, num gesto de libertação espiritual, essas algemas e proclamou a integridade, a dignidade e percepção que somente nós, humanos, a temos.

Na verdade, o poeta resgatou a condição humana, vítima das distorções existenciais, da luta por objetivos aviltantes, das limitações geradas pela reiteração das mesmas atitudes, dos mesmos procedimentos e das mesmas perspectivas. O poeta inaugurou permanentemente em vida um conduto de comunicação encantatória entre o ser e o seu destino, entre o ser e a vida, entre o ser e o contorno social em que se acha imerso. Daí a constatação de um genial poeta alemão: o que permanece, criam-no os poetas.

Concluo com a luminosa definição de Joanilo de Paula Rêgo sobre Gilberto Avelino: “O canto de Gilberto fica para todo o sempre, atravessando gerações e gerações, a bater como um sino, a soar como uma bigorna, a ecoar como um trovão, a comover como uma canção.

O seu canto até hoje é forte e eterno, é claro e belo. Se os tempos são breves e nebulosos, a poesia de Gilberto venceu o calendário e as trevas”.

Quanto a Alvarar Furtado celebrou-se agora o seu centenário de existência. Não desejo fazer nenhum necrológico. Fui seu aluno. Não sou o seu biógrafo nem sei fazer a panegírico. Apenas desejo desenhar com as cores do arco-íris a trajetória de uma antiga amizade desde a velha Faculdade de Direito da Ribeira, ponto de interseção do nosso conhecimento e início de uma admiração que perdurou quase quarenta anos. Para trás, apenas sei que o Atheneu Norte-Riograndense foi a sua Escola de Sagres e ponto de partida de todas as suas descobertas, desde as águas do Potengi, que esculpiram os músculos e o corpo do “Clark Gable Potiguar”, até

a formação humanista do advogado e juiz, que pontuou a sua vida com inteligência, probidade e elegância. Na Faculdade de Direito formava ao lado dos professores José Gomes da Costa e Carlos Augusto Caldas, o triúmviro mais querido dos estudantes, pela acessibilidade e brilho intelectual que fascinava a todos.

Orador primoroso e requisitado em todos os salões e eventos, Alvamar discorria com eloqüência e sabedoria. Lecionando Direito Comercial, tida como uma matéria insípida, ele transformava as suas aulas em lições de vida sem se afastar da matéria. Só ele e Américo de Oliveira Costa sabiam fazer assim, pela indubitável cultura humanista. E logo Alvamar, Juiz do Trabalho, por que não ensinava Direito do Trabalho? Perguntavam-se os alunos.

Convivemos, além da Faculdade, no Conselho Diretor da Fundação José Augusto e no Conselho Estadual de Cultura, além da Academia, quase dez anos. Às tardes das quintas-feiras, às 17 horas, era o encontro marcado de todos nós com Alvamar, para ouvir a sua lucidez, o seu tirocínio, a capacidade de argumentar, de formular idéias e, às vezes, de contraditar, de protestar sobre o que não gostava, sublinhando a revolta com o proverbial exagêro de linguagem que encantava os seus pares. Rotariano, cinéfilo, estudioso da música (principalmente do jazz), pesquisador, escritor, possuía uma cultura pluralista que se revelava na prosa vigorosa e pragmática.

Quando ingressei na Academia Norte-Riograndense de Letras pedi-lhe que me fizesse o discurso de saudação. Cumpriu com a singular competência de sempre. A sua morte representou uma perda tão significativa para a Academia e o Conselho de Cultura que nunca haverão de esquecer a cadeira vazia e a sua voz, que continuará ecoando pelo templo da rua Mipibu.

VALÉRIO MESQUITA é escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

QUEIJARIA

Benedito Vasconcelos Mendes

De um modo geral, toda fazenda do Semi-Árido nordestino tinha sua queijaria ou cozinha de queijo, onde se preparavam a manteiga de garrafa — também chamada de manteiga da terra, a nata salgada e os dois tipos de queijo regionais: o queijo de coalho e o queijo de manteiga. No Piauí e no Ceará, o mais comum era o queijo de coalho, enquanto nos outros estados nordestinos, sobretudo no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, o queijo de manteiga também era muito apreciado. A nata salgada e a manteiga da terra eram manufaturadas a partir da nata do leite cozido, para o consumo diário da fazenda. A nata era tirada diariamente, salgada, batida e acumulada até completar uma quantidade satisfatória, pelo período de quatro a cinco dias, quando então a nata salgada e batida era cozida até atingir o ponto de manteiga líquida, com a consistência adequada e a coloração amarelada. Depois da fervura, a manteiga era coada em um pano de algodão limpo e seco, em seguida acondicionada em garrafas escuras. As garrafas deviam estar totalmente limpas e secas, possibilitando o armazenamento do produto por muitos meses, às vezes, por mais de um ano, à temperatura ambiente, sem se deteriorar. Da mesma forma, as tampas das garrafas, geralmente confeccionadas de sabugo de milho, deviam também estar secas e limpas.

Normalmente a queijaria ocupava uma parte da ampla cozinha sertaneja, onde os apetrechos para a fabricação do queijo, da nata e da manteiga eram guardados pendurados na parede, ao lado da prensa de queijo e do grande fogão a lenha. Na parte de fora da casa, ao lado da janela da cozinha, sobre um grande jirau de varas de marmeleiro, ficavam os volumosos alguidares e as enormes panelas de barro usadas na fabricação de queijo. Usavam-se também urupemas,

colheres de pau, cuias, funis de zinco, ferro de engomar queijo de manteiga (ferro de engomar roupa desprovido de depósito de brasa), panos de cincho, panos de coar leite, coalhos de mocó (*Kerodon rupestris*) ou de ruminantes (parte do estômago – abomaso — de bovino, caprino ou ovino), conchas de quenga de coco e outros objetos usados na cozinha da fazenda.

O queijo de coalho deve esse nome ao processo de coagulação do leite (leite talhado), sob a ação do coalho, que é a parte do estômago de roedores ou ruminantes. Depois de preparados e ferrados com o “ferro” da fazenda, os queijos de coalho e de manteiga eram armazenados na tábua de queijo, que era uma tábua pendurada por relhos, nos caibros da casa, onde os queijos eram curados. Quando secavam eram transferidos para dentro do grande caixão de farinha, onde ficavam mergulhados na farinha de mandioca. O queijo de coalho também podia ser armazenado no interior de porrões (grandes potes de barro), entre camadas de sal. Por ser extremamente higroscópico, o sal sugava toda a umidade do queijo, que ficando duro, só servia para tempero de feijão.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é escritor, sócio das seguintes instituições: Academia Cearense de Letras (sócio correspondente), Academia Norte-rio-grandense de Letras e Academia Mossoroense de Letras.

MEMORIAL DO LEGISLATIVO

Jurandyr Navarro

Há quase dois quadriênios que a idéia foi semeada em solo fértil. Tornou-se, em curto espaço de tempo, árvore frondosa, destilando inebriante perfume de suas flores. A sua súbita inflorescência deveu-se ao ambiente formado e o desvelo a si confiado. É que mãos caridosas, qual o carinho de mãe, dela tomaram conta. O seu verdor, representando o matiz da esperança, jamais declinará o viço e a seiva alimentadora, qual coração palpitante, lhe concederá vida imorredoura.

Este, o seu destino, por constituir o registro histórico da nossa cidadania, simbolizada no Memorial do Legislativo Potiguar, legado que se tornará perene ao infinito da brasilidade.

Em relação ao gênero cultural trata-se de painel majestoso. A sua exposição bem revela a organização encetada a fim de alcançar o objetivo almejado. A linguagem imagística ilustrando uma galeria, sem número, de perfis partidários, construtores do edifício humano da nossa política estadual.

Sem aludir a vasta documentação, tendo o seu ponto alto a legislação histórica, contendo extensa cronologia das Constituições estaduais, de Leis complementares e de Leis ordinárias. Assim, dados biográficos dos Deputados e dos Presidentes da Assembléia Legislativa.

Trabalho edificante procedido em meia dúzia de anos e alguns meses. Todos sabem ser o emprego do tempo concedido a uma finalidade qualquer. Não usando, de modo correto, esse período se dissipa, qual a nuvem que passa, o vento que sopra, a onda que quebra, a chama que se apaga. Não é mais recuperável o tempo perdido. Ele desaparece qual o devaneio imaginativo.

A gestora desse empreendimento notável, historiadora Bernadete Oliveira, além da capacidade criadora e atilada inteligência,

enfrentou, com determinação e operoso trabalho, esse desafio raro da nossa cultura na difícil e trabalhosa área da pesquisa histórica. Ao lado de uma equipe competente e aguerrida, Bernadete Oliveira tem vencido todos os obstáculos na consecução do seu vitorioso projeto. O talento de líder muito impressiona pelo triunfo alcançado, colocando o Memorial do Legislativo um dos vanguardeiros dos últimos empreendimentos culturais da terra dos Reis Magos, considerando-se a brevidade de tempo que foi criado até a brilhante inauguração.

Bernadete Oliveira é a responsável por feito tão grandioso. A devoção por causa tão meritória fez dela artífice principal do celebrado triunfo. Ela fez a escolha de valores, formando uma equipe disciplinada, coesa e inteligente, apta, portanto, para desempenhar os elevados propósitos do cronograma estabelecido.

Dessa forma, a incansável historiadora presenteou, ao Rio Grande do Norte, majestoso modelo do Memorial mencionado, recebendo a unanimidade dos aplausos.

Desde tempos imemoriais que a imagem pictórica tem sido a preocupação permanente da mente humana. A memória dos povos tem sido figurativa no desenvolvimento da cadeia evolutiva. A partir da pré-história, após a era glacial, que a humana espécie acostumou-se em deixar a marca de seus passos, o vestígio da sua passagem pelo orbe terrestre. Nas escuras cavernas em que habitou a sua linguagem gravada ficou através inscrições chamadas rupestres ou de caricaturas e tôscos desenhos. Das inscrições rupestres remontam as raízes do pensamento humano em relação à figuração imagística. Na terra dos Faraós existiu uma biblioteca cuneiforme, cujos livros eram representados por tijolos!

Os Sumérios, antigos povos, usaram a escrita cuneiforme, os egípcios desenharam os hieróglifos e, em seguida, os Fenícios criaram o chamado alfabeto, espécie de código simplificador das escritas antigas, utilizado até hoje, com as naturais modificações operadas ao longo da história dos povos.

As inscrições, desenhos, escritos remotos, acrescidos às placas, fotos e imagens da modernidade cultural, são sinais formadores do registro temporal da humana espécie.

Formam eles o grandioso mural da História dos povos.

Como todos sabem o esplendor artístico da cultura grega immortalizou-se pela sua escultura magnífica, irradiando seus efeitos a outras gentes. Depois apareceu a arte da pintura, embelezando galerias. Em seguida veio a fotografia, que até hoje tem encantado gerações.

Tal encadeamento artístico de espaços pretéritos construiu o colossal arcabouço da história humana, a partir da imagem, de inscrições e sinais outros, tais ponteiros de relógios marcadores do tempo.

Todos esses sinais e escritos em livros, em pergaminho, em papiro e outros materiais, quais os dos dias presentes, utilizados em computadores, enchem os aposentos dos grandes museus mundiais, semelhantes a registros históricos perpetuadores do pensamento humano.

Não fosse essa marca indelével o histórico humano não teria a sua confirmação na cadeia dos séculos nem tampouco a sua importante cronologia cultural.

Das inscrições rupestres das cavernas escuras à fotografia moderna dos iluminados Memoriais, muitos, extensos e variados caminhos foram percorridos.

No momento atual, em nossa terra e no Brasil em geral, raríssimos os construtores de obras magníficas. As ações públicas e privadas, dos dias que passam, na sua acentuada maioria, são irrealizáveis devido a indolência, a corrupção e a mediocridade de seus agentes. Inadiável se faz a mudança desse modelo fracassado.

O Memorial do Legislativo concretiza a obra magnífica do historiador Luis da Câmara Cascudo, sobre o Poder Legislativo Estadual, por solicitação elogiável do Deputado Moacyr Torres Duarte, então Presidente da Assembleia Legislativa.

***JURANDYR NAVARRO** é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

AOS MESTRES, COM CARINHO

Manoel Onofre Jr.

Passando em frente ao prédio da antiga Faculdade de Direito – belo prédio, criminosamente abandonado –, lembrei-me do tempo em que ali estudei, nos anos 60, precisamente de 1963 a 1967. Na verdade, lembrei-me mais dos mestres que compunham o corpo docente da tradicional escola.

Sob a direção do Prof. Otto Guerra, a quem chamávamos, carinhosamente Frei Otto, a Faculdade congregava alguns luminares da intelectualidade papa-jerimum: Alvamar Furtado, Américo de Oliveira Costa, Antonio Soares Filho, Claudionor de Andrade, Edgar Barbosa, Floriano Cavalcanti, João Vicente da Costa, José Emerenciano, José Gomes da Costa, Lins Bahia, Luís da Câmara Cascudo, Manuel Varela, Milton Ribeiro Dantas, Paulo Viveiros, Raimundo Nonato Fernandes e Vécio Barreto, além de Otto Guerra.

De todos eles, era **Raimundo Nonato**, professor de Direito Administrativo, o que mais levava a sério a missão de ensinar. Distribuía, gratuitamente, uma apostila mimeografada sobre Direito Administrativo, a que eu recorria antes de mais nada para estudar a matéria, que me parecia desinteressante, árida.

Nas notas, Prof. Raimundo não era duro, nem generoso, era justo. Grande figura humana. Madeira de lei, como se dizia antigamente. Biotipo sui generis : magro, feioso, desengonçado. Em sala de aula, escrevendo, no quadro negro, a sinopse do ponto em estudo, sujava-se de giz, por vezes deixava a esponja escapar-lhe da mão. Nenhum aluno sequer pensava em troçar dele, todos o respeitavam.

Paulo Viveiros, professor de Direito Romano, advogado famoso, tinha o dom da oratória. Vozeirão, palavras acentuadas

pelos gestos expressivos, tornava-se, às vezes, histriônico. Sim , a palavra que o define é esta.

Dizia-se que, certa feita, no auge do entusiasmo retórico, afirmou:

- Em Roma, cego é aquele que não vê.

A turma gostava dele.

João Vicente da Costa, professor de Teoria Geral do Estado, desembargador do Tribunal de Justiça, aposentou-se por limite de idade, no ano em que eu comecei a estudar. Meu avô materno era tido e havido como autoridade na matéria que ensinava, porém, expressando-se com sobriedade, numa linguagem castiça, nem sempre conseguia transmitir bem os seus conhecimentos. Falava baixo, a turma das últimas carteiras da sala de aula ouvia-o com dificuldade.

Eu, que me hospedava em sua casa, lembro-me de que, à mesa, ele costumava, dizer :

- Falem baixo, falem baixo.

E eu, com os meus botões:

- Pois, sim...

Manuel Varela, professor de Economia Política, tinha certo prestígio por haver sido, tempos atrás, candidato ao Governo do Estado, com apoio do então Governador José Varela, seu parente. Além do magistério, integrava o Ministério Público Federal, exercendo o cargo de Procurador Regional da República. Mentalidade conservadora, dizia-se “ um homem chumbado à lei” . Expressava-se mal, tinha uma voz de taquara rachada. Certa vez, perguntou-me, com um sorriso irônico:

- E sapo canta?

É que havia lido o meu conto “A Cruviana”, em que eu fazia referência à “cantoria dos sapos e cágados no açude”.

Quando republiquei esse conto, tirei dele os sapos cantores.

Edgar Barbosa, professor de Direito Constitucional, Juiz de Direito aposentado, escritor famoso, era o mestre mais querido da turma, tanto assim que, no final do curso, foi eleito paraninfo.

Repito aqui, com pequenos acréscimos, o que disse sobre ele num dos capítulos do meu livro “Alguma Prata da Casa”:

Admirava-o sobretudo pela inteireza e pela bondade, virtudes que ele, por uma espécie de pudor, procurava esconder. Era tímido e tão discreto que até parecia esquivo.

Como professor de Direito Constitucional, o seu papel, em plena ditadura militar, quando a Constituição do país era constantemente vilipendiada, teve grande importância. E o desempenhou de maneira exemplar. Não poupava críticas aos militares detentores do poder discricionário. E nenhum destes tentou colocar-lhe uma mordaca, tanta a autoridade moral, tanto o respeito que infundia.

A turma toda adorava mestre Edgar, apesar da sua austeridade, do seu jeitão de D. Casmurro.

Lembro-me de um fato que diz bem da sua generosidade. Quando eu ainda era seu aluno, pedi-lhe que prefaciasse o meu primeiro livro, “Serra Nova”. Pois ele não apenas fez um belo prefácio, como ofereceu-se para ir comigo à presença do reitor Onofre Lopes, para solicitar-lhe a publicação da obra através da Editora Universitária. E assim, graças ao bom padrinho, pude estreitar em livro.

Quando publiquei o meu quarto livro, “A Primeira Feira de José”, enviou-me carta, cuja leitura me sensibilizou profundamente, de modo especial um trecho, que não resisto à tentação de transcrever. Disse:

“Orgulho-me de ter adivinhado, nos bons tempos da nossa Faculdade de Direito, sua vocação para um ofício tão nobre, qual seja o de escrever e pintar a fisionomia da nossa gente no que ela possui de mais pitoresco e característico. Seu destino manifesto é continuar.”

Com este incentivo, continuei.

E hoje tenho a honra de ocupar a cadeira nº 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da qual ele foi o primeiro ocupante.

Floriano Cavalcanti, professor de Introdução á Ciência do Direito, havia sido meu professor de História no Atheneu Norte-rio-grandense. Ele não dizia meia dúzia de palavras sem indagar, com toda a ênfase:

-Entendeu você ?

Alguns dos seus alunos – irreverentes e gaiatos – atribuíam-lhe frases esdrúxulas. Por exemplo:

-Queríeis regredir à era do Neandertal, entendeu você, quando o hominídeo sugava a medula, entendeu você, óssea.

Floriano Cavalcanti de Albuquerque foi um dos mais ilustres intelectuais potiguares, pioneiro dos estudos filosóficos em nossa terra. Suas aulas – lembro-me bem – eram verdadeiros discursos, de uma oratória retumbante. Quando ele as terminava, batíamos palmas. E ele, vaidoso, gostava.

Era um tipo imponente, vasta cabeleira encanecida e uns modos patriarcais. Expressava-se num português irrepreensível.

Havia então um ditado bastante difundido no Grande Ponto e alhures:

- Pouco importa que a mula manque, eu quero é rosetar.

Pois, uns gozadores transpuseram-no para o linguajar do Prof. Floriano. Assim:

-Pouco se me dá que a alimária claudique, apraz-me acicatá-la!

Mas, todos nós, seus alunos, muito respeitávamos o grande mestre.

Para encerrar esta galeria – *last but not least* : **Luís da Câmara Cascudo**. Escritor, etnógrafo, folclorista, *primus inter pares*, ensinava Direito Internacional Público. Havia grande interação entre o mestre e os alunos. Cascudo era extrovertido, bem humorado, contava pilhérias. Muito generoso, era um dos poucos professores que davam nota 10.

Suas aulas eram mais conversas do que propriamente aulas. Ele tinha o dom da palavra, enriquecido pela adequada gesticulação; toda a classe ficava ligada à sua fala.

Quando ensinava História no Atheneu Norte-rio-grandense, Cascudo foi criticado por discorrer, em suas aulas, sobre elementos da cultura popular, como lobisômem e mula-sem-cabeça. Já na Faculdade de Direito isso não poderia acontecer. Ao longo de suas explanações sobre Direito Internacional Público, ele enveredava, às vezes, pela cultura popular, prendendo a atenção da classe, o tempo todo.

Devo dizer que ele não era um especialista na matéria que lecionava. No entanto, com a sua inteligência fulgurante e ampla cultura, desempenhou a contento a sua missão na cátedra.

***MANOEL ONOFRE JR.** é escritor, autor de Chão dos Simples, Ficcionistas Potiguares e outros livros, ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras

DEUS E JESUS CRISTO, MÉDICOS DOS MÉDICOS

[MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS PELOS 45 ANOS DE
FORMATURA DOS MÉDICOS DA TURMA DE 1969 DA UFRN]

Padre João Medeiros Filho

Hoje estamos aqui reunidos também para prestar nossa homenagem ao primeiro, maior e melhor médico da história da humanidade: Deus! Ele é o patologista, o microbiologista mais perfeito conhecedor do corpo humano. Todas as células e tecidos, órgãos e sistemas, foram concebidos por Ele, que conhece a sua criação melhor do que todos nós. É o médico por excelência, de todas as especialidades da medicina. Vejamos alguns exemplos:

Deus é o primeiro cirurgião da história da humanidade. Realizou a primeira intervenção cirúrgica de toracoplastia, quando fez a ablação de uma das costelas de Adão e dela formou sua mulher Eva (cfr. Gn 2, 21).

Ele também é o protagonista da anestesia, pois antes de retirar aquela costela fez “Adão cair num sono profundo” (Gn 2, 21). Teria usado Ele fármaco ou hipnose?

O nosso Altíssimo é um obstetra com perfeição, tocoginecologista ou especialista em reprodução humana. Conhecedor profundo das técnicas e métodos de fertilização! Fez com que Sara – mulher estéril e menopáusicas – concebesse e lhe concedeu a graça de ter filhos (Gn 12, 1 ss)!

Jesus, o filho de Deus, igual a Ele, é o precursor da pediatria na história das ciências médicas. Começa seu tratado com a seguinte frase: “Deixai vir a mim as crianças, porque delas é o reino de Deus!” (Mt 19, 14).

Reumatologista impecável, Cristo curou um homem com a

mão ressequida ou mirrada. Segundo alguns especialistas, tratava-se de um portador de osteoartrite das articulações interfalangeanas distais (Lucas 6, 6-11; Mt 12, 9-14; Mc 3, 1-8).

Jesus mostrou ser um grande oftalmologista, realizando em Jerusalém, o primeiro caso de cura em dois cegos de nascença, de que se tem conhecimento, até os dias atuais (Jo 9, 10ss).

Ele é também um exímio intensivista e emergencista realizando, literalmente, uma ressuscitação cardiopulmonar, quando usou como desfibrilador as suas palavras, cheias de vida e amor, ao proclamar: “Lázaro, vem para fora!”, e pelo poder delas, ressuscitou seu amigo, que já havia falecido, há quatro dias (Jo 11, 11ss).

Revelou-se como clínico ao curar a sogra de Pedro de uma hipertermia, que desapontaria qualquer infectologista ou pneumologista, apenas estendendo a sua mão e debruçando-se sobre o seu leito. Não é Ele o protagonista da clínica, pois *kliniké* (em grego) significa “debruçar-se sobre o leito”? (Mc 1, 29-31; Mt 8, 14-15; Lc 4, 38-39).

Cristo, na sua sabedoria, já ensinara aos nutrólogos e gastroenterologistas aquilo que eles hoje prescrevem diante da intolerância ou alergia a glúten. Jesus dissera: “Nem só de pão, vive o homem” (Lc 4, 4).

Ao curar a jovem filha de Jairo não agiu Cristo como um endocrinologista diante de uma hipoglicemia de uma portadora de diabetes infanto-juvenil, segundo os exegetas modernos? (M 9, 18-26; Lc 8,40-56 e Mc 5, 21-43).

Aos cansados, estressados, taquicárdicos ou bradicárdicos, Jesus revela-se como modelo do cardiologista: “Vinde a mim, vós que estais tensos (sobrecarregados) e eu vos aliviarei, pois o meu fardo é suave” (Mt 11, 28 ss).

“Tirarei o vosso coração de pedra (doente) e vos colocarei um novo coração” (cfr. Ez 36, 26), afirma Javé, o Deus Todo-Poderoso, renunciando a cirurgia de transplante cardíaco, concretizada, no

Brasil, pelo Mestre Euryclides de Jesus Zerbini e seu discípulo Adib Domingos Jatene.

Cristo é pioneiro da otorrinolaringologia moderna, pois devolveu a audição a um surdo severo. Implante coclear? (Mc 7, 32 ss). Seu tratamento: o poder de seu amor.

Jesus também é o maior psiquiatra ou psicanalista da história. Há mais de dois mil anos curou um jovem com graves distúrbios de mente e comportamento, tido como possesso. Usou apenas o poder de sua palavra e se absteve de benzodiazepínicos, antidepressivos e outras drogas potentes! (Mc 9, 17ss).

Cristo revela-se pleno conhecedor da neurologia. A um jovem com sintomas de disritmia (epilepsia), devolveu-lhe a saúde (Mt 17, 41ss). E o que dizer de tantos portadores de sequelas de acidentes vasculares cerebrais e isquemias, os quais fez caminhar (Mt 9, 1-8; Mc 2, 1-12; Lc 5, 17-26)?

E por que não chamar Deus do melhor catedrático em ortopedia? Juntou um monte de ossos secos em novas articulações e deles fez um grande exército de homens. E o que dizer, quando Ele falou a um homem coxo: “Levanta, toma a tua maca e anda”. E ele andou! Não será o tratamento ortopédico de quadril mais efetivo, já relatado na história da medicina (cfr. Ez 37, 1-10)?

A primeira evidência científica sobre a hanseníase está na Sagrada Escritura. Já é descrita no Antigo Testamento! Mas é Jesus que realiza a sua cura e mostra-se como o dermatologista mais sábio das narrativas da medicina, pois curou instantaneamente dez homens que sofriam desta doença (Lc 17, 11ss).

Deus lembra aos oncologistas que curou o Rei Ezequias, sem quimio ou radioterapia, dando-lhe uma sobrevida de mais de quinze anos, como podemos verificar no Segundo Livro dos Reis (2Rs 20, 1-8).

Não há dúvidas, Cristo foi um brilhante hematologista, pois com um toque apenas curou a coagulopatia de uma mulher que sofria de hemorragia havia mais de doze anos e gastou todo o seu

dinheiro com outros médicos em tratamentos sem sucesso (Mc 5, 24-34). Além de tudo, Jesus é o maior doador de sangue do mundo. Doador universal, pois numa transfusão mística e miraculosa, oferece seu próprio sangue, a todos sem distinção. “Este é o meu sangue que será derramado por todos vós” (Lc 22, 20).

Deus e Cristo são médicos acima de todos os convênios e do SUS. No seu consultório não há espera, nem é necessário marcar consulta, esperar para ser atendido, pelo contrário, Eles já estão à porta nos esperando. E quem abrir a porta do seu coração, Eles entrarão e farão uma grande festa. O tratamento que Eles nos oferecem é mais do que a cura de uma doença física, é uma vida de paz e alegria aqui na terra e uma eternidade ao seu lado no céu!

E a todos, após 45 anos de labuta intensa e dedicação à causa médica e à humanidade, quando a idade avança e as forças talvez comecem a definharem, convém rezar como o salmista: “E agora, na velhice, não me abandones, Senhor, até que eu anuncie teu poder, as tuas maravilhas às gerações que virão” (Sl 71, 18).

A Deus e a Cristo – inspiração do agir de muitos profissionais potiguares – reconhecimento e gratidão. Que Eles abençoem seus filhos e irmãos do Rio Grande do Norte, que, há mais de quatro décadas, imitam os gestos divinos e como Eles procuram aliviar a dor e o sofrimento dos outros.

Que Eles recompensem e iluminem a todos, neste tempo de luz e de paz, quando celebramos o Natal do Senhor. Que Maria Santíssima venha colocar nos braços de cada um dos senhores, na Noite Santa, o Menino Jesus e que Ele possa lhes sorrir e lhes dizer o que está escrito no seu Evangelho: Tudo aquilo que fizestes ao menor dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes (Mt 25, 40).

FELIZ NATAL. NOSSOS PARABÉNS

Natal, 12 de dezembro de 2014.

Festa de Nossa Senhora de Guadalupe.

JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote católico, escritor e professor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

CASA DO ESTUDANTE DO RIO GRANDE DO NORTE, BREVES ANOTAÇÕES

Carlos Roberto de Miranda Gomes



SUMÁRIO: Palavras Introdutórias. Cenário do acontecimento. A fundação da Casa do Estudante no RN. O início da luta para a sua consolidação. Primeira sede. Apoios e dificuldades. A segunda e atual sede. Da ocupação na “marra” à doação legal. As crises e o SOS Casa do Estudante. Natal, maio/2015.

1. Palavras introdutórias

A elaboração deste modesto trabalho não pretende contar a história da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte, mas apenas coletar os dados marcantes da sua criação e o contexto em que a ideia surgiu entre os estudantes potiguares.

Para o conhecimento exato de sua trajetória é indispensável a leitura de dois livros básicos – o primeiro elaborado pelo antigo

residente Aluisio Azevedo, “Pirata”, que traça os detalhes oficiais da entidade; o outro é o livro de Manoel Medeiros, “Memé”, também ex-residente, este apresentando a amplitude de retratar Natal do tempo da guerra, o Carnaval de então, a presença da força militar americana na cidade, além de recantos, pessoas e costumes daquele tempo memorável e o indiscutível valor cívico da Casa, para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e assim permitir o ingresso em cursos superiores, fato registrado em ambos os livros com ricos detalhes.

Pretendo ao escrever este pequeno texto, despertar as entidades governamentais e fazer ressurgir entre a população e nas classes produtivas do nosso Estado, a necessidade de reerguer esta Casa de tantas glórias, agora com o olhar de simpatia e apoio mais forte da imprensa.

2. Cenário do acontecimento

O gradual retorno à normalidade política internacional, com o término da 2ª Grande Guerra, permitiu os primeiros movimentos reivindicatórios para projetos e programas consistentes em todos os recantos do mundo.

O Brasil, no mesmo passo que os demais países, despertou a partir de 1945 os primeiros ideais libertários e de retomada da ordem e do progresso, ansiados pelas classes empresarial, trabalhadora, cultural e estudantil, esta última que tivera atuação fundamental para que o nosso País se definisse pelo ingresso no palco da guerra junto aos aliados, agora ressurgiu para enfatizar a necessidade de se criar organismos de amparo à classe estudiosa, com o ideário programado em face do término do ciclo da ditadura que já perdurava desde 1930.

Com a queda de Getúlio e a eleição do Marechal Eurico Gaspar Dutra, foi aprovada em 18 de setembro de 1946 uma nova Constituição, conhecida como da redemocratização, restituindo, de maneira mais evidente, a possibilidade do atendimento das

reivindicações dos estudantes, criando-se, em vários estados brasileiros, as Casa ou Albergues de Estudantes, ainda que a intolerância política ainda persistisse no novo governo.

3. A fundação da Casa do Estudante no RN

No Estado do Rio Grande do Norte, a classe estudantil se estruturou a partir do “Comitê da Juventude Potiguar”, organismo vinculado à Comissão Executiva do Partido Social Democrático que, em sua sede no Edifício Bila, sala 204, no tradicional bairro da Ribeira, em reunião preliminar realizada no dia 7 de outubro de 1945, com a presença do estudante Wellington Xavier Bezerra, jornalista Romildo Fernandes Gurgel, do advogado Joanilo de Paula Rego e Antônio Barbalho, membro do Ministério Público do Estado discutiu-se o assunto, se somando a um contingente de jovens idealistas que, de imediato, buscavam do novo governo um compromisso para abrigar os estudantes pobres vindos do interior, conforme ficou registrado na ata da referida reunião.

Contudo, a efetiva fundação da Casa somente ocorreu em 02 de junho de 1946, com a presença de sete estudantes: Wellington Xavier Bezerra, Erildo L' Erestre Monteiro, designado *ad hoc* para secretário da sessão, Djalma Nunes Fernandes, Dary de Assis Dantas, Pedro Diógenes Fernandes, José Maria de Souza Luz e Pedro Xavier de Carvalho.

No dia 30 de junho do mesmo ano foi aprovado o primeiro Estatuto, já com o nome de Casa do Estudante do Rio Grande do Norte e sigla C.E.R.G.N., levado ao registro em Cartório, que corresponde ao 2º Ofício de Notas, sendo publicado. Em até 14 de abril de 1957, foi aprovado um novo, revisado, do qual não localizamos nenhuma averbação ou novo registro. Assim o Estatuto Oficial estipulou seis categorias de sócios: fundadores, beneméritos, honorários, efetivos, beneficiados e contribuintes (artigo 29).

A primeira Diretoria escolhida foi composta pelos estudantes Wellington Xavier Bezerra, sucessivamente reeleito por 10 anos; Dary de Assis Dantas, Diretor de Assistência à Secretaria; Erildo L'Erestre, Diretor de Cultura e Publicidade; Djalma Nunes Fernandes, Diretor de Expediente; José Maria de Souza Luz, Diretor de Contabilidade; Pedro Xavier de Carvalho, Diretor da Biblioteca e Pedro Diógenes Fernandes, Diretor Cooperativista. Eram secundaristas, quase todos oriundos do tradicional Atheneu.

Esses eleitos logo iniciaram gestões para dar execução aos projetos de funcionamento da Casa, liderados por uma Comissão formada pelos componentes da Casa, que lideraram as iniciativas preliminares nas pessoas dos jovens Dary Dantas, Wellington Xavier e Djalma Nunes que, desde logo, verificaram a necessidade de se encontrar um local para abrigar os estudantes e conseguir móveis e utensílios essenciais ao começo do seu funcionamento.

4. O início da luta para a sua consolidação

A luta inicial foi conseguir recursos para o funcionamento da Casa, tendo os estudantes se mobilizado junto ao comércio e indústria locais, logrando algum êxito, mercê do espírito de colaboração que então reinava. Em seguida, foram ao então Interventor do Estado, Senhor Ubaldo Bezerra de Melo, de tradicional família potiguar, que justificou as dificuldades do Estado para qualquer tipo de ajuda mais substancial. Entretanto facilitou a liberação de uma importância de Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) para aquisição de passagens para que os estudantes fossem procurar ajuda na Capital Federal, então instalada na cidade do Rio de Janeiro. Na luta para a consolidação da Casa, que perdeu a expressão “Pobre” na sessão do dia 29/4/1946, antes da aprovação do primitivo estatuto, e o modesto apoio governamental, contou, também, com a atenção do Dr. Claudionor Telógio de Andrade, Secretário-Geral do Estado, do Professor Severino Bezerra, Diretor do Departamento de Educação e do Dr. Teódulo Avelino, Diretor do SERAS, alcançando um

resultado alvissareiro, graças ao apoio obtido do jornalista Orlando Dantas, do Diário de Notícias do Rio de Janeiro, dos parlamentares do Rio Grande do Norte e da Colônia Potiguar ali residente, além de doações substanciais do Major Vaz, Comandante da Base Aérea de Natal, que contribuiu com algumas camas beliches e da Legião Brasileira de Assistência, que concorreu com a doação de utensílios de cozinha, panelas e talheres.

Com a ajuda recebida partiram no navio Comandante Ripper ou no Baipendi em 25/7/1946, havendo divergência sobre o fato e ao chegarem ao seu destino tiveram a orientação do advogado Carlos Augusto Teixeira Fernandes, espécie de representante do Governo do Estado no Rio de Janeiro. Este orientou a Comissão e encaminhou os estudantes para local de hospedagem e programou visita aos parlamentares representantes do nosso Estado.

Houve, dessa maneira, excelente contato com os deputados José Augusto Bezerra de Medeiros, Café Filho, Dioclécio Duarte, José Varela, Ferreira de Souza e Georgino Avelino, tendo este último entregue aos jovens estudantes um 'livro de ouro' para colherem assinaturas das pessoas que pudessem ajudar na empreitada, a começar dos próprios parlamentares potiguares e de outros que foram apresentados, conseguindo-se imediatamente uma ajuda de Cr\$ 7.000,00 (sete mil cruzeiros), mais outra doação da empresa Salmac, de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), do Almirante reformado da Marinha de Guerra do Brasil Armando Monteiro, residente no Rio de Janeiro, que condicionou a sua substancial ajuda a ser mantido no anonimato, alcançando-se, ao final, a quantia de Cr\$ 37.200,00 (trinta e sete mil e duzentos cruzeiros).

5. Primeira sede

À esse tempo o Estado do Rio Grande do Norte mantinha um contrato de locação do prédio da Rua Seridó, 455, pertencente à Senhora Francisca Dantas, viúva do Dr. Manoel Dantas, onde

mantinha menores pobres em forma de abrigo com a denominação de Abrigo Melo Matos. Terminado o contrato em 10 de setembro de 1946 o Estado não o renovou, transferindo o referido abrigo para outro prédio na Av. Hermes da Fonseca, próximo ao estádio Juvenal Lamartine, oportunidade em que os estudantes se aproveitaram para tentar ficar no prédio, como sua primeira sede, mediante locação.

Certamente que ocorreriam obstáculos em razão da falta de segurança para o pagamento dos aluguéis, exigência natural do procurador da proprietária, Sr. Osório Dantas, problema que foi resolvido com a ajuda e o aval do Desembargador Tomaz Salustino, que ainda emprestou Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) para pagar as dívidas já contraídas com a Padaria de João Lourenço (Padaria Natal), embora este, mesmo com crédito a receber, nunca suspendeu o fornecimento de pão no café matinal e noturno. Há informações de que também colaborou na garantia da locação o conhecido empresário Luiz de Barros.

Assim, os estudantes já estavam engajados para instalarem sua primeira sede e por esse fato, comemoraram festivamente aproveitando a ocasião da Semana da Pátria, realizando no dia 8 de setembro de 1946, com a colaboração de outras entidades, um baile *matinê* dançante nos salões do Atheneu feminino, acontecimento que marcou simpaticamente na sociedade o início do seu funcionamento.

Ocupado o prédio, constatou-se o seu estado precário de habitabilidade, quase uma favela. Mas o esforço e as ajudas recebidas naquele momento permitiram uma reforma de emergência e a Casa pôde ser inaugurada no dia 13 de outubro de 1946, contando mais com grande ajuda em materiais doados pela indústria e pelo comércio locais e outros colaboradores.

A solenidade de inauguração constituiu-se em outro acontecimento marcante, eis que prestigiada por inúmeras autoridades, jornalistas, educadores, estudantes, familiares, com

destaque para o Professor Severino Bezerra, figura respeitável e muito estimada, que também representou o Interventor Ubaldo Bezerra, o Prefeito de Natal Sílvio Piza Pedroza, dos Doutores Claudionor Telógio de Andrade, do Chefe de Polícia Dr. Manoel Varela de Albuquerque, do Juiz de Menores de Natal, Dr. Carlos Augusto Caldas da Silva, do Delegado de Ordem Política e Social, Dr. Arnaldo Simonetti, do Dr. Túlio Fernandes de Oliveira, Presidente da LBA, do Padre Eugênio de Araújo Sales, representando o Bispo diocesano de Natal, do Dr. Otto de Brito Guerra, representante da Escola Doméstica, do Sr. Richard A. Godfrey, Cônsul dos Estados Unidos em Natal, dos representantes das entidades estudantis CEP (Centro Estudantal Potiguar), Ginásio 7 de Setembro e Colégio Nossa Senhora das Neves, tudo culminando com a realização de um grande baile, novamente nas dependências do Atheneu feminino, desta vez animado pela famosa orquestra paraibana Tabajara, de Severino Araújo, cujo cachê foi muito alto, mas com a atração pela aquisição das senhas, que logrou a venda de todas as mesas, ao final, deu um bom lucro de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros). Sobre este assunto há divergência, pois alguns historiadores afirmam que Severino Araújo veio por solidariedade e nada cobrou.

Creemos que a versão mais aceitável é a de que a orquestra tenha feito concessões com um custo à altura das dificuldades da Casa.

Esse acontecimento veio marcar positivamente a instalação da nova Instituição, facilitando, num primeiro momento, a obtenção das atenções e doações de muitos membros da nossa sociedade.

6. **Apoios e dificuldades**

Até o final de 1947 a Casa viveu de recursos próprios, mercê das ajudas conseguidas. No entanto, a partir daí, o Governo começou a ajudar a pagar algumas contas, com verba compartilhada com o Abrigo Melo Mattos.

A alimentação se apresentava precária, tendo por cardápio

uma concha de feijão, outra de arroz e, às vezes, um pedaço de carne morta, conhecida por “langanho” e de uma banana anã.

Diante das dificuldades que afligiam a Casa, surgiram importantes apoios de agremiações como o Centro Estudantal Potiguar (CEP), dirigido por Boanerges Soares de Araújo e da Rádio Educadora de Natal (depois Rádio Poti), que reservou um horário para servir de órgão informativo e elo com a sociedade. (O primeiro programa radiofônico aconteceu em 16/6/1946, num domingo, das 13 às 13,30 horas, tendo a participação de pessoas ilustres como do historiador Luís da Câmara Cascudo e do jornalista Eider Furtado de Mendonça e Menezes).

Para seu melhor funcionamento foram eleitos outros estudantes para darem apoio estratégico ao funcionamento da Casa, como no caso de um Diretor de Esportes, na pessoa de Guilherme Ventura Guedes em 26/11/1946 e Diretor de Disciplina José Geraldo Moura da Fonseca, em 13/4/1947.

Em março de 1947 foi necessário um ordenamento para os residentes e começou a seleção com o preenchimento de fichas de 29 internos e 34 externos, que no início nada pagavam, mas depois sendo estipulada uma quantia mensal simbólica de Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros), que nem todos podiam pagar.

Conta-se que o ex-Ministro José Dantas, por ser muito carente, pagava a sua estadia com a prestação de serviços.

O fluxo de interessados aumentava cada vez mais e a moradia tornou-se precária, utilizando-se até a caixa d'água desativada. A carência obrigava a se utilizar, algumas vezes, os tanques-piscinas da Praça Pedro Velho, que ficava bem próxima para substituir os banhos regulares.

A superação das dificuldades era amenizada com a solidariedade entre os moradores, havendo uma constante socialização dos pertences por todos os estudantes. Por isso a Casa tornou-se conhecida por esta demonstração de boa convivência, de verdadeira amizade familiar, tornando uma época rica de bons princípios e de espírito comunitário.

Com o tempo foi mudando aquela pobreza franciscana, que contava com três mesas e doze tamboretas que obrigavam, na hora das refeições, a formação de um rodízio mediante uma fila para aguardar a vez de ocupá-las para as refeições básicas, obtidas com compra fiada no comércio, em especial à padaria do Senhor João Lourenço de Vasconcelos e o açougueiro Gentil Almeida. (A demora era de 15 minutos para cada grupo, até porque a louça era pouca e precisava ser lavada para servir para o próximo).

A higiene não era diferente, enfim, era crise em cima de crise, razão pela qual surgiu a ideia de fixação de cotas, que teve o empenho do estudante Antonio Rodrigues de Carvalho para a sua organização, a fim de não permitir o fechamento da Casa.

O problema das doenças recebia o tratamento por sugestão dos mais experientes e os conselhos de alguns médicos voluntários.

Mesmo assim as crises periódicas persistiam o que exigia sacrifícios e novas jornadas de pedidos de ajudas, embora já se contasse com a atenção da sociedade, que prestigiava as festas realizadas para angariar fundos, das forças armadas (Exército e Aeronáutica) e da Igreja Católica, através do Padre Eugênio Sales.

Em 22/5/1948 chegou uma ajuda substancial representada pela liberação da 1ª verba federal alocada para a Casa, na ordem de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), que representou uma trégua nas necessidades.



7. A segunda e atual sede. Da ocupação na “marra” à doação legal

Em dado momento o crescimento da Casa passou a ampliar problemas de acomodação e a ideia de se buscar outro local mais amplo. Foi nesse período que a Polícia Militar desocupou o velho prédio da Rua (Praça) Coronel Lins Caldas e os estudantes foram pleitear do Governo a sua cessão, recebendo inicialmente a negativa do então Governador Sílvio Piza Pedroza, que já havia prometido o prédio para abrigar menores infratores, a pedido do Padre Eugenio Sales. Mesmo assim, os estudantes fizeram passeatas e alguns decidiram invadir o prédio “na marra”, fretando caminhões para levarem os seus pertences no dia 22/8/1956, havendo uma divisão entre os seus moradores, pois os fundadores se recusavam à invasão, mas outro grupo entrou em ação quebrando cadeados e se acomodando como fosse possível, dado que o prédio se encontrava em estado precaríssimo.

No outro dia, pelas 6 da manhã, comparece ao prédio o Coronel Luciano Veras para retirar os estudantes, cerca de 150, mas foi advertido que isso só ocorreria com violência e essa atitude iria desgastar o governo que, diante do fato consumado, aceitou a ocupação. Sabendo disso o Coronel recuou e até ofereceu carpinteiros da Polícia Militar para os serviços emergenciais na parte da cobertura do prédio.

Para evitar confronto foi então proposta a divisão do antigo quartel com a Igreja, mas sem concordância do governo. Contudo, face à situação já estabelecida, o Governador foi obrigado a mandar passar um muro dividindo espaços da moradia dos estudantes invasores com os menores do Abrigo Estevam Machado, apoiados pela Igreja, situação que nunca chegou a ser cômoda para nenhuma das partes, ocorrendo conflitos quando os menores pulavam o muro e retiravam pertences dos estudantes.

Nesse ínterim os estudantes procuram os Deputados Estaduais

Patrício Neto, Israel Nunes, Joscelin Villar, Álvaro Mota e Manoel Torres, pedindo apoio e entregando uma minuta de projeto de lei que, após aperfeiçoado, foi submetido ao Plenário que a transformou em lei doando o prédio para a Casa do Estudante, que então contava com muitos oestanos (uns 50) e seridoenses (38), além de outros de regiões distintas.

Com isso o número de moradores chegou a mais de 300, exigindo uma reforma para ampliar as acomodações, que teve início mediante mutirão dos próprios moradores, com material conseguido na praça e a colaboração de pessoas para as tarefas necessárias e que requeriam mais habilidade, inclusive providenciaram a colocação de energia elétrica, obrigando o governador a também participar da apressada reforma. Em razão da existência de alguns pouco alfabetizados, o residente Otávio Pereira de Mello, “Pretinha”, assumiu o compromisso de ensinar aos mais carentes de saber para que pudessem obter o direito de inscrição em algum curso regular e assim cumprir o estatuto como residente da Casa.

A mudança para a sua sede definitiva, prédio histórico do antigo quartel do Batalhão de Segurança do Estado (Polícia Militar), na Rua (Praça) Coronel Lins Caldas nº 678, ficou consolidada e persiste até os dias presentes, tendo acontecido no período de gestão do Governador Sílvio Pedroza, a partir de 22 de agosto de 1956.

Em várias publicações e depoimentos pudemos colher alguns acontecimentos interessantes, como os encontros filosóficos e fraternais entre Leide Morais, Guilherme Ventura, Antonio Serejo e Humberto Xavier, que davam motivação à continuidade da Casa. Também existem relatos sobre a passagem do estudante José Lins, depois exercendo cargo no Ministério Público do Estado, como uma figura que fez história pelas inúmeras presepadas (bem recebidas) contadas e difundidas pelos moradores da Casa, deixando um largo registro da vida daquela comunidade e ainda hoje lembrada pela jocosidade inocente. Também são lembrados os Seresteiros Bianor

Medeiros, Manoel Medeiros e Hamilton Santos, que levavam para a Casa grandes músicos como Vivaldo Medeiros e Luiz Favela (cantor).

Um outro fato tornou-se emblemático quando a renomada educadora Dona Noilde Ramalho, tomando conhecimento das necessidades dos estudantes, tornou-se uma benemérita mandando fazer um verdadeiro jantar (banquete) pelas meninas da Escola Doméstica, fato repetido algumas vezes até que houve um trote infeliz de um morador da Casa que fez terminar aquela valiosa colaboração, fato que mereceu apuração e expulsão do “gaiato”. Mas as coisas nunca mais ficaram como antes.

Registre-se a ação dedicada de estudantes encarregados das reformas: José Rangel, Dalton Dantas, Sebastião Cunha, Inácio Cassimiro e Otavio Pereira, reconhecidos pelos seus colegas conforme registros em atas.

Para melhor auxílio à Administração da Casa foi criado um Conselho Deliberativo em 21/01/56, composto de internos, fundadores e pessoas beneméritas como Dr. Silvino Lamartine, Jornalista Eider Furtado e o Sr. João Lourenço.

Com a eleição do governador Dinarte Mariz, a Casa do Estudante recebeu uma atenção especial mercê da sua afinidade com o Dr. Dary Dantas, agora auxiliar do Governo e antigo morador da Casa, surgindo ajudas mais consistentes, inclusive com a providência da retirada dos menores infratores para um outro prédio, o Abrigo Estevão Machado, na cidade de Parnamirim, superando os transtornos de uma convivência pouco amigável. A atenção de Dinarte lhe rendeu a concessão do título de “Governador dos Estudantes” conforme placa colocada em 4/6/60, quando Presidente o estudante Edmilson Fernandes de Queiroz, hoje renomado médico.

Novos moradores ampliaram o prestígio da Casa, que passou a ser vista pela sociedade graças a sua participação em eventos importantes, movimentos cívicos, competições esportivas, com

resultados brilhantes. Na época foi elaborada uma reforma estatutária mais rigorosa e atualizada através do estudante de Direito José Daniel Diniz, bem assim um Regimento Interno representando um verdadeiro código de conduta, recebendo o apoio do Dr. Claudionor de Andrade, Secretário de Estado e do Procurador de Justiça Francisco Nogueira Fernandes, havendo a seleção dos moradores e se excluindo os que não preenchiam as exigências estatutárias, botando ordem na Casa. Esses documentos, no entanto, não foram levados a registro embora existam escritos sobre os mesmos.

Infelizmente, quando houve deterioração do prédio causado por um rigoroso inverso, a Secretaria de Estado de Assistência Social, a título de conservar os arquivos da Casa, os levou para melhor guarda, não mais os devolvendo e em buscas recentes os mesmos não foram ainda encontrados.

Muitos fatos interessantes ocorreram, como alguma liberdade com as lavadeiras que serviam a alguns estudantes, a instalação no prédio de uma alfaiataria (pelo estudante Manoel Medeiros), uma marcenaria do estudante Valdir, um pequeno comércio para venda de verduras e mantimentos para complementar as refeições.



A Casa do Estudante preservava a liberdade política e ideológica, mantendo respeito aos adeptos de correntes antagônicas, tanto que teve presidentes de correntes opostas, como Wellington Xavier Bezerra, por 10 anos e Emmanuel Bezerra, que se tornou uma vítima fatal da ditadura militar, como testemunha o ex-residente João

Batista Machado, em trabalhos publicados, relatando que o Golpe Militar de 1964 *perseguiu, prendeu, torturou e matou alguns residentes e ex-residentes da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte, que moravam, inclusive, em outros estados, como Pernambuco*, simbolizando os mortos na memória do companheiro de Atheneu Emanuel Bezerra dos Santos, *massacrado pela brutalidade dos torturadores, em plena juventude*. (Bastidores do Poder: memórias de um repórter, Natal, 2014).

O lado cultural era mantido pelo Grêmio Littero-Cultural Câmara Cascudo, figura das mais ilustres da Província, que comparecia para fazer conferências e palestras, como também muitos outros intelectuais consagrados, como Dr. Otto Guerra, Grimaldi Ribeiro, Hélio Barbosa, Xélio Xavier de Vasconcelos e Hélio Galvão. No ano de 1962 foi criada a biblioteca “Humberto Peregrino”, que trouxe novo alento para os residentes. (Destruída recentemente com uma invernada).

A Casa tornou-se uma referência e por isso foi visitada por muitos governadores – Sílvio Pedroza, Dinarte Mariz, Aluizio Alves, Cortez Pereira, Tarcísio Maia, Lavoisier Maia e Vivaldo Costa seu antigo morador e por pessoas ilustres e consagradas nacionalmente, a teor de Juscelino Kubitschek, Peregrino Júnior e o Ministro da Educação Jarbas Passarinho, merecendo referências de Pascoal Carlos Magno em seus pronunciamentos.

Em 1970 foi inaugurada a quadra que fica defronte a Casa, cuja conservação vinha sendo precária, e de uso limitado, mas presentemente reformada pela atual gestão da Prefeitura Municipal de Natal.

Hospedou centenas de estudantes que se tornaram profissionais excepcionais na Medicina, Advocacia, Docência de todos os graus, Política, Filosofia, Engenharia, Odontologia, Contabilidade, Procuradorias do Estado e da Justiça, Juizes,

Desembargadores, Secretários de Estado de Municípios, Escritores e grandes empresários. Na Casa passaram, também, os Reitores Diógenes e Daladier da Cunha Lima, Domingos Gomes de Lima e Ivonildo Rego; os Magistrados José Dantas (Ministro do STJ), dos Desembargadores Vivaldo Pinheiro, Rafael Godeiro, Armando Ferreira, Hélio Fernandes e Manoel dos Santos.

Um valioso testemunho foi publicado pelo jornalista João Batista Machado, em artigo de jornal e em seu livro Bastidores do Poder, antes invocado, onde relata a importância que a Casa do Estudante do Rio Grande do Norte lhe proporcionou: *Aprendi o exercício do livre arbítrio. A opção entre o certo e o errado. O bem e o mal. Aos 18 anos, estava só em Natal e não tinha a quem dar satisfações de minha vida. Sentia-me dono absoluto de mim. Os veteranos da Casa, na sua quase totalidade acadêmicos da UFRN, davam conselhos aos novatos, orientando-os para a vida, sem esquecer os incentivos aos estudos. Mas a presença deles no recinto já dizia tudo: era um estímulo a quem chegava em busca de um lugar ao sol. ... Serviam de exemplo aos que aportavam na Casa em busca de um porto seguro. ... Com a saída deles, os acadêmicos, como eram chamados na época, para a Residência Universitária, na Av. Deodoro, em Petrópolis, onde funcionava a antiga AABB, houve um decesso qualificativo na Casa do Estudante, que perdeu a sua referência maior.*



O prédio secular, segundo a jornalista Nelly Carlos Maia, em períodos da segunda metade do século 19 serviu como sede do Hospital de Caridade, que se transformou em Hospital de Caridade Juvino Barreto, a Escola e Aprendizes Artífices e depois o Quartel de Polícia, entidades essas que ganharam posteriormente novas sedes. A nota de maior importância histórica é que ao tempo do levante conhecido por “Intentona Comunista”, em 1935, ali era a sede do Batalhão de Segurança.



8. As crises e o SOS Casa do Estudante

Com o andar do tempo e o descaso periódico dos órgãos governamentais, passou a viver sucessivas crises de maior gravidade, perdendo a sua identidade, com a ocupação por pessoas não estudantes até chegar a um ponto de verdadeira degradação, seja pela falta de alimentação, falhas na administração, deterioração das dependências do prédio, dos equipamentos de cozinha sendo obrigada a reduzir drasticamente o uso dos 50 quartos para cerca de apenas duas dezenas, convivendo com a insegurança em razão da proximidade de um bairro onde prolifera droga e delinquentes perigosos, o que motivou registros pela imprensa, inúmeras vezes, mostrando a situação nua e crua.

De certa feita, para minimizar as dificuldades o Governador Sílvio Pedroza chegou a pensar na possibilidade de encampar a Casa, sob a condição de poder escolher os seus dirigentes. Os residentes recusaram, continuando a mantê-la distanciada do caráter oficial, mesmo com o perigo de fechamento de suas portas. Mesmo assim foram celebrados convênios para o fornecimento de refeições, não renovados sucessivamente, fazendo retornar as crises circunstanciais.

Foi diante de denúncias levadas a público que pessoas da sociedade, nas quais me incluo, resolveram intervir de alguma forma.

Da minha parte usei os meios da rede social e os veículos da imprensa local, encetando uma campanha que denominei S.O.S. CASA DO ESTUDANTE, com os desdobramentos de outras matérias e Exposições de Motivos.

Meus apelos foram compartilhados por grande número de amigos e ex-residentes, com oferecimento de ajuda, embora um número insignificante tenha se manifestado contra essa solidariedade sob alegações diversas - a Casa já não tem mais importância; ali existem viciados; já cumpriu o seu papel. Em verdade não atentaram que continuam a existir estudantes carentes; uma Casa guardiã da nossa história e que precisa de socorro.

Tive a oportunidade de ser ouvido pelas entidades de serviço, como o Rotary Natal Sul, que supriu a Casa de mantimentos e material de limpeza durante alguns dias, a promessa do Lions Clube. Mantive contato, juntamente com os dirigentes maiores da Casa Jorge Danilo e Serafim com O Governador Robinson e Vice Governador do Estado Fábio Dantas, da Chefe da Casa Civil Tatiana Mendes Cunha, com alguns Vereadores e Deputados e com o Procurador Geral do Ministério Público de Contas Luciano Ramos que se mostraram sensíveis. Este último expediu a Portaria nº 004/2015, de 19 de janeiro de 2015 determinando a instauração de Procedimento Preparatório, a fim de apurar os fatos noticiados, determinando,

inicialmente, o registro, a autuação e a publicação da Portaria e designação do servidor Murillo Victor Umbelino Machado, Inspetor de Controle Externo do TCE-RN para secretariar o feito.

Também houve contatos com o Ministério Público Estadual e outros órgãos e Entidades.

Como resultado prático, no final do mês de abril deste ano de 2015, a Casa recebeu a visita de duas representantes do MPE orientando procedimentos a serem tomados para a regularização documental e os benefícios desse proceder. Também com uma assistente social e o Diretor da Sethas, que ressaltaram a importância do recebimento das declarações dos moradores (Recadastramento) que ainda não entregaram, para ser possível o fornecimento de alimentação. Ademais foi dito que a Sethas tem interesse de reformar a cozinha e o refeitório para criar um serviço de *self service* gratuito para os estudantes da Casa e da Casa onde residem as estudantes, fornecendo café, almoço e jantar diariamente.

Por derradeiro, o MPE propôs um TAC – Termo de Ajustamento de Conduta que será submetido à Assembleia Geral da Casa para uma definitiva solução.

São notícias que demonstram que as coisas estão se modificando e que gera esperanças para um futuro melhor.

Continuamos dispostos a ajudar na regularização e reconstrução do acervo da biblioteca.

Referências bibliográficas:

ALUIZIO AZEVEDO, *História da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte*, Comp.Ed.RN, 1982.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES, *Casa do Estudante do RN é penalizada*. Artigo publicado em O JORNAL DE HOE,

edição de 18.11.2014.

_____ SOS CASA DO ESTUDANTE, publicado no Blog DO MIRANDA GOMES.

JOÃO BATISTA MACHADO, *Casa do Estudante: abandono e insegurança*. Artigo publicado em O Novo Jornal, (11.12.2014).

_____ *Bastidores do Poder – memórias de um repórter*. Natal, Unigráfica, 2014.

MANOEL MEDEIROS, *Minha passagem pela Casa do Estudante do Rio Grande do Norte*, Gráfica Santa Maria, 1988.

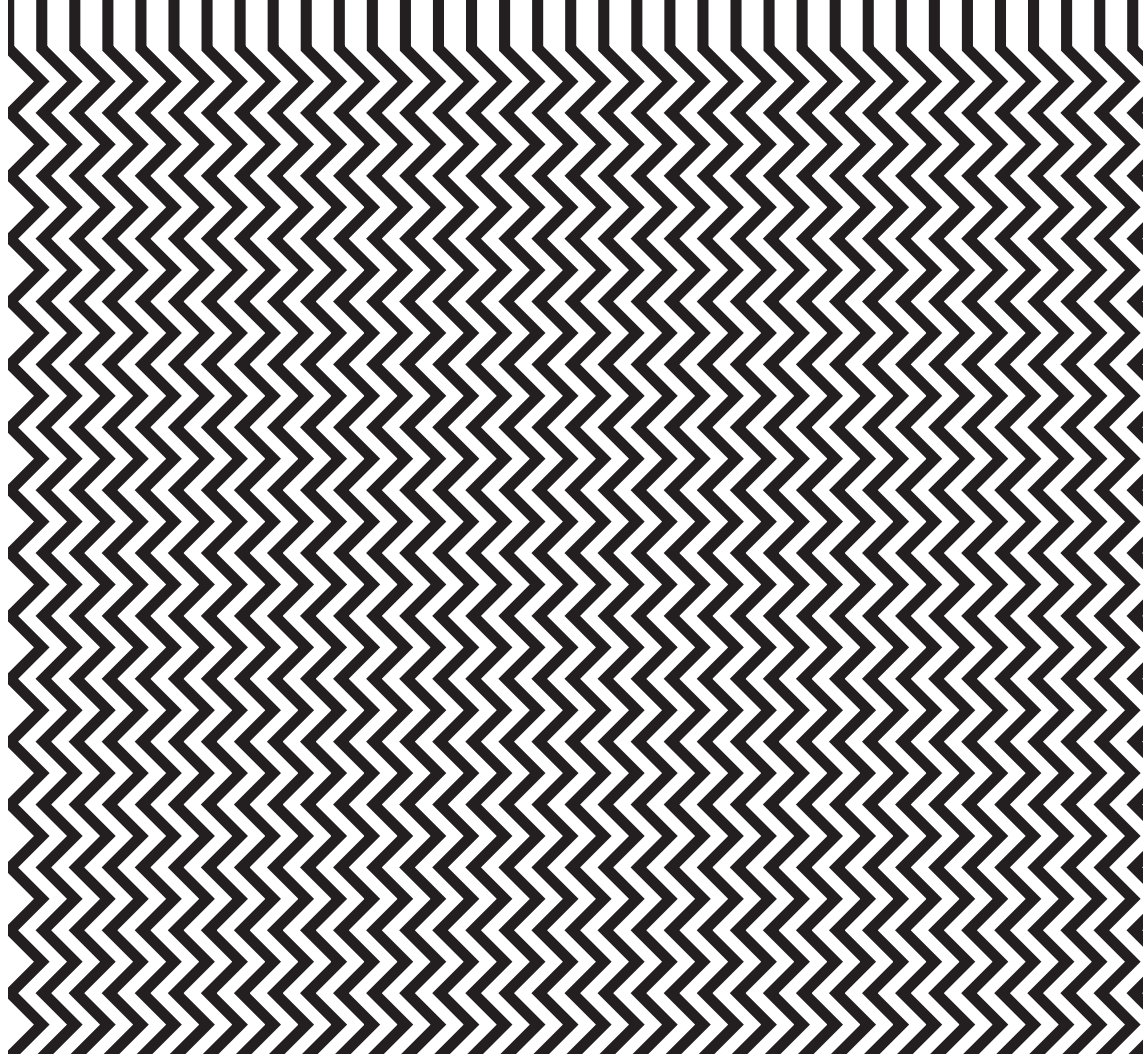
NELLY CARLOS MAIA, *Denúncia: Casa do Estudante, Abandono e Perigo*. Reportagem publicada na REVISTA BZZZ nº 14, agosto de 2014.

REPORTAGENS e NOTICIÁRIOS de a Tribuna do Norte e InterTVCabugi.

Declarações e informações gravadas de residentes e ex-residentes da Casa do Estudante do RN: Wellington Xavier Bezerra, advogado, Edmilson Fernandes de Queiroz, médico, Francisco Medeiros, advogado, Abreu Júnior, empresário, Antônio Filgueira, médico, e José Daniel Diniz, advogado. (TV Assembleia, programa 'Memória', conforme texto e edição de Maralice Freitas, colaboração de Luiz Antônio Porpino e Direção de Diógenes Dantas).

CRÉDITOS DAS FOTOS: **INTERNET**

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES, é advogado, professor e escritor. Presidente da Comissão da Verdade da UFRN. Eleito membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



CONTOS E CRÔNICAS

NA ESTRADA*

*Newton Navarro***

O caminho terminava entre duas árvores. Depois, a cerca de arame limitava um campo seco, com uma pedreira no fim. E mais longe a aba da serra. O moço sentou perto de uma das árvores, que parecia mais cheia de sombra. Era fácil discernir o tempo, porque o meio-dia desenhava a copa das árvores no chão de barro vermelho. E havia somente duas árvores.

Estirou as pernas até sentir pequenas câimbras, que espalhou com a palma da mão, fazendo massagens na barriga da perna. Tirou do bolso um resto de batata e pôs-se a mastigar lentamente, enquanto pensava – “Barra Nova está perto, na certa, vou arranjar emprego na pedreira”. Os dedos colhiam os restos de massa que lhe caíram da boca sobre os pelos da perna. Isso o divertia. Limpou a mão na gola da camisa e relaxou o corpo. Nas varas da cerca, um João-de-barro fazia medidas. Ia e vinha, ora pousando, de leve, ora raspando a asa aberta, como um leque. De longe vinha o rumor da pedreira. Explosões se alternando e a fumaça branca subindo na calma do meio-dia. Imaginou-se logo mais, trabalhando. Vendo de perto os estouros; os estilhaços de pedras; a poeira fina. Os paralelepípedos brilhantes levados em fila, nas caçambas. Era a sua ambição. Assim, teria dinheiro certo no fim da semana. Roupa lavada e canto para dormir. Não essa vida incerta de fazenda em fazenda, pela colheita do algodão, pedindo emprego como quem pede esmola. Tinha seus planos, nenhum instante da vida deveria ser desperdiçado.

Riu e voltou-se de novo para o passarinho, agora, mais longe, a catar gravetos no chão. Deve ter cochilado, porque de repente, o tempo foi amornando. Era então necessário largar-se. Tinha pressa nem se apresentar no escritório àquela tarde. Quanto mais cedo

começasse, melhor. A vida não deveria ser jogada fora um pouco que fosse. Saiu assobiando. As explosões distantes se sucediam. Falou alto um adeus para o pássaro. Desceu a ladeira acompanhando a cerca e se foi.

O campo se perdia de vista de tão grande. Ali, mais tarde, diziam que seria o lugar dos armazéns maiores da empresa. Continuou assobiando. Nem ao certo saberia dizer o que assobiava. Na linha da serra a fumaça dividia em verticais, às vezes alta, outras vezes mais volumosa e baixa. Tão entretido estava que nada pressentiu (caso lhe fosse dado contar) senão o baque. A bocarra do caminhão grande, desgovernado na ladeira, devorando sua sombra e depois o seu corpo magro. As mãos ainda se crisparam, mas o rosto a poeira escondeu de vez e assim foi desaparecendo, sob o peso do carro. O motorista gesticulava entre estúpido e nervoso. Invektivava aos gritos “tinha sido impossível frear. O menino estaria leso para não ouvir toda a carga da buzina?”

Uma explosão maior encheu a tarde. Os homens desceram e se acercaram daquela massa de sangue e pó. Uma coisa disforme que dava náusea. Conseguiram estopas e se arranjaram como puderam.

Levar para onde? Se perguntaram. Decidiram levar para os escritórios da Companhia. Quem sabe não era filho de algum empregado?

O caminhão arrancou. O vento cobriu de poeira as marcas sangrentas do menino. Ao longe, a fumaça das explosões se confundia com as nuvens baixas.

Natal – fevereiro – 1965

***Conto inédito.** Cópia fornecida por gentileza do escritor Gustavo Sobral.

****NEWTON NAVARRO** (1928-1991). Escritor, poeta e artista plástico, pertenceu a Academia Norte-rio-grandense de Letras.

A DIVINAL BELEZA DA MULHER

Elder Heronildes

Uma vez, não faz muito tempo, as areias brancas e cintilantes da praia, confundiam-se com a beleza irradiante da mulher que majestaticamente caminhava, como se a própria natureza lhe conduzisse os passos, fazendo-a mortal como nós. Vendo-a, cabelos revoltos, que tentavam com graça e beleza contracenar com as ondas do mar, que diante de si quedavam-se desamparadas, entorpecentes e genuflexas na admiração contemplativa, como numa adoração divinal; lembrava uma deusa.

A grandeza do mar, a beleza espumante de suas ondas naquele vai e vem incessante, o suave azul do céu, formando um quadro de inexcelsível expressividade, emolduravam-se e extraíam cores que volteavam e brilhavam como constelações irradiantes na ansiedade de igualarem-se àquela beleza.

Beleza, como uma força que se erguia sobre si mesma, fazendo um pedestal de nobreza no formato inconfundível e inimitável de candura e meiguice, lembrando as mais belas divindades que demonstravam querer adorá-la.

Parecia uma adoração recíproca. O belo divinal contracenando com a meiguice, a suavidade e a candura de uma face angelical que se equilibrava entre o ser e o não ser, formando uma aura incandescente, ganhando o firmamento e se entrecruzando com estrelas que irradiavam a sua beleza transformadora.

O brilho fulgurante das estrelas era o seu próprio brilho, numa simbiose transcendental, transformando a criatura, na criação do próprio Criador.

Criatura e Criador, transformados em instrumentos unificados, a serviço de uma beleza que espargia imortalidade, numa fecundação eterna do belo e da natureza, contemplando o infinito.

Ali, na mais pura e sublime devoção ao belo, Deus transformou o humano no Divino, submetendo-se assim, à pureza do Belo, na sua mais legítima e autêntica expressão artística.

O belo arte, o belo natureza, o belo Divino, o belo Deus que, se voltando sobre si mesmo, e contemplando-se na sua magnitude eternizante, quedava-se de joelho diante da beleza por Ele próprio criada.

Não é sem razão, que dizia Schiller que é: “pela beleza que nos encaminhamos para a liberdade.” Porque “somente as relações fundadas na beleza unem a sociedade...”

ELDER HERONILDES é escritor, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e ocupa a cadeira nº 37 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

A LOTERIA

Evane Longo

Vou chamar minha amiga de Zitinha. É um nome fictício, mas pode perfeitamente se incorporar às muitas outras “Zitinhas” mundo a fora.

Pois bem: Zitinha era razoavelmente bonita; forte de corpo e muito mais de espírito.

Casou-se com o jovem pelo qual se enamorou. Passado o tempo, desenamorou, quando, sutilmente, foi chegando a monotonia do invariável. Aquele tão conhecido “cotidiano” que, quando instalado, leva mais coisas do que traz. Aliás, segundo sempre ouviu, a vida é assim mesmo...

Teve cinco filhos - dois homens e três mulheres - lindos, saudáveis, inteligentes e dóceis aos ensinamentos morais e religiosos que ela lhes repassava. Cresceram sadios de “corpo e alma”. Uma benção! (também na época não existiam celular, internet, tablet, facebook, e outros “aplicativos” que ela nem sabia pronunciar).

Estudaram e se formaram, transformando-se em profissionais. Foram inseridos no mercado de trabalho.

Pronto: Sua missão estava cumprida! Agradecia aos céus aquele milagre, uma vez que os recursos disponíveis, embora parcos, cobriram as despesas com tudo: alimentação, estudo e outros itens necessários, principalmente depois que enviuvou e passou a ter controle financeiro do lar.

Casaram-se e foram cuidar de suas novas responsabilidades como chefes de família. Zitinha ficou só. A princípio, aliviada do bulício do entra e sai, das pequenas desavenças familiares, do som alto, do acende e apaga luz, e , de outras coisas que, embora pequenas, incomodam e muito !

Veio a solidão. Esta, se escolhida, é salutar: liberta, alegre, solta, mas dura pouco. Aí, cede lugar à solidão “compulsória”, que oprime, enverga e destroça. Cadê o telefone que não toca? O dia tem vinte e quatro ou quarenta e oito horas? O que vou fazer no imenso tempo que me sobra, se os programas de tevê não me agradam ?

Zitinha lembrou-se de um velho ditado popular que diz “Mãe, merda e melancia”, tudo começa com “M”. Pensou: foi mãe quando criou, educou , alimentou, vestiu, medicou; foi melancia quando consolou, levou alento , conforto, tentou resolver problemas , conflitos e chorou com eles; e agora, é a vez do outro “M”: jogada, esquecida, abandonada como um excremento fétido.

Porque o telefone e a campainha da porta não tocam? Por que o Correio não traz outras coisas senão contas para pagar?

Zitinha continuou com a “vidinha” que a solidão “compulsória” lhe impôs. Saia apenas para compras. Não tinha lazer.

Certa vez, passando numa casa lotérica ensaiou um palpite e, (incrível) ganhou! Era bastante dinheiro. Estava rica!

Passou dois dias matutando, formulando idéias do que fazer com o dinheiro que caiu do céu.

Teve uma ideia, ligou para os filhos, marcando dia e hora para uma reunião. Omitiu a pauta.

Na hora marcada chegaram todos – filhos, genros, noras, netos – apreensivos e tocados pela curiosidade.

Zitinha não quis alongar a expectativa e soltou a noticia, que soou com uma bomba festiva: ganhei um prêmio na loteria!

Depois do alívio, vieram beijos, abraços, vivas. Zitinha passou sua “tropa” em revista e olhando-os com “os olhos de ver”, captou risos e olhares de cobiça, cada um fazendo cálculo mental de quando lhe caberia.

-Quanto? Veio a pergunta, quase em unísono.

Zitinha, jogando “água na fervura” soltou outra bomba (essa

mais devastadora) : não vou revelar o valor. Só daqui a seis meses, quando eu retornar de uma viagem que pretendo fazer.

- Que viagem? - soou o coro.

- Esperem. Só perguntem alguma coisa, quando eu terminar.

- Comprei um carro, contratei um motorista de confiança, e vou percorrer o país todo, durante seis meses, como sempre sonhei. (Aliás, vocês nunca se interessaram pelos meus sonhos, ocupados com os seus). Pois bem: quero conhecer praias, cidades, rios, pântanos, matas, caatingas, cachoeiras, danças populares, artesanatos de cada região, teatro, gente diferente, sotaques, gírias, enfim, povoar minha mente de imagens que só a senilidade vai apagar. Ter, finalmente com o que sonhar!

- Porque não de avião - perguntaram?

- Não escolhi avião, porque já conheço todos os recantos do céu, olhando da janela da sala, onde passo minhas horas de solidão.

Marcou, então, o dia e hora do retorno.

Na volta, Zitinha, viu perplexa, faixas e mais faixas de “boas vindas”. Seus filhos não economizaram palavras de saudade, afeto e dinheiro!

Após os efusivos abraços e beijos da chegada, assuntos em dia, novidades, veio a pergunta que ela já esperava: Quanto para cada um de nós ?

Zitinha levantou-se, foi à estante da sala, pegou cinco envelopes e entregou a cada um dos filhos.

- Isto, meus filhos, foi o que sobrou da minha viagem. Não sobrou muito, mas tudo que eu tinha o dever de lhes dar, vocês já receberam. Estou em paz com minha consciência.

EVANE LONGO é funcionaria aposentada da Fundação José Augusto, onde desenvolveu atividades culturais como assessora da presidência. Mestre em administração pública, atualmente presta serviços a Academia Norte-rio-grandense de Letras.

BALÃO

David de Medeiros Leite

Reconheci-o pelo inconfundível perfil. O manquejado era o que nele havia de diferente. Sem hesitar, parei o carro:

— Balão, entre que deixo você em casa.

— Obrigado. Tenho que andar, foi o médico quem disse.

E segui a caminhada, sem mais uma palavra. Fiquei meio confuso, em dúvida se a negativa à carona seria mesmo para seguir a recomendação médica ou uma demonstração de que preferia manter o distanciamento estabelecido desde o tempo do cinema.

Tenho quase certeza de que ele me reconheceu. Não pelo nome, claro. Mas pela inevitável associação de que eu seria um daqueles meninos que frequentavam o PAX. Ah, disso não tenho dúvida! Como, também, sou levado a crer que, enquanto viveu e circulou pelo centro da cidade, ele deve ter sido abordado por muitos dos garotos de outrora. Sou capaz de apostar todas as minhas fichas de que suas respostas às abordagens devem ter sido quase sempre no mesmo diapasão: curtas e sisudas. Mas, por incrível que pareça, sem expressar uma antipatia gratuita. Dava para perceber que era mesmo o seu jeitão. Sei que a linha é tênue, porém quem conviveu com Balão, mesmo que de forma rápida e esporádica, entenderá o que eu digo.

Na memória afetiva de quatro ou cinco gerações de mossoroenses, a figura de Balão, certamente, estará bem delineada. Seu corpanzil a nos “repcionar” à porta do cine, recebendo o ticket de ingresso e conferindo a carteira de estudante com as nossas fuças.

Tudo isso com a mesma rapidez e precisão com que colocava o papel recebido na urna que lhe servia, também, de suporte para descanso da perna. Sem conversa. Se fosse para barrar alguém, o fazia sem alterar a expressão da face. Balbuciava algo que significava o estorvo à sessão. Ponto.

Para nossos olhos infantis, pouca diferença havia entre Balão e as majestosas pilastras do vestíbulo do PAX. A única diferença era que, daquela “coluna” humana, esperávamos o gesto de concordância para transpormos o umbral. Seria daquele guardião que adviria, ou não, o aceno que delimitaria o êxito do final de semana. Afinal de contas, no correr dos dias, aguardávamos, ansiosos, para vibrar com a pontaria certa de Trinitty, com a esgrima do mascarado Zorro e com as trapalhadas do sargento Garcia. Ou então com O Gordo e o Magro a nos provocar gargalhadas que quase tomavam o nosso curto fôlego. E outros tantos heróis que povoavam as nossas imaculadas mentes. E, sem o “passe” de Balão, tudo estava perdido.

Isso sem mencionar a ansiedade de nos postarmos à frente daqueles ventiladores gigantes que flanqueavam o palco principal, onde desfraldaríamos nossas camisas “volta ao mundo”, antes do badalar que iria nos aquietar nas disputadas cadeiras das primeiras filas.

Depois dessa acomodação, ao escuro que se seguia, esperávamos o zanzar da lanterna que, vigilante, pastoreava as nossas danações. Diga-se de passagem, *danadezas* que nada representavam de gravidade: um assobio com dois dedos na boca (que, confesso, nunca aprendi), um chiclete pregado na parte inferior do assento ou um desastroso derramar das alvas pipocas (involuntário, registre-se, pois ninguém era bobo de fazê-lo a propósito).

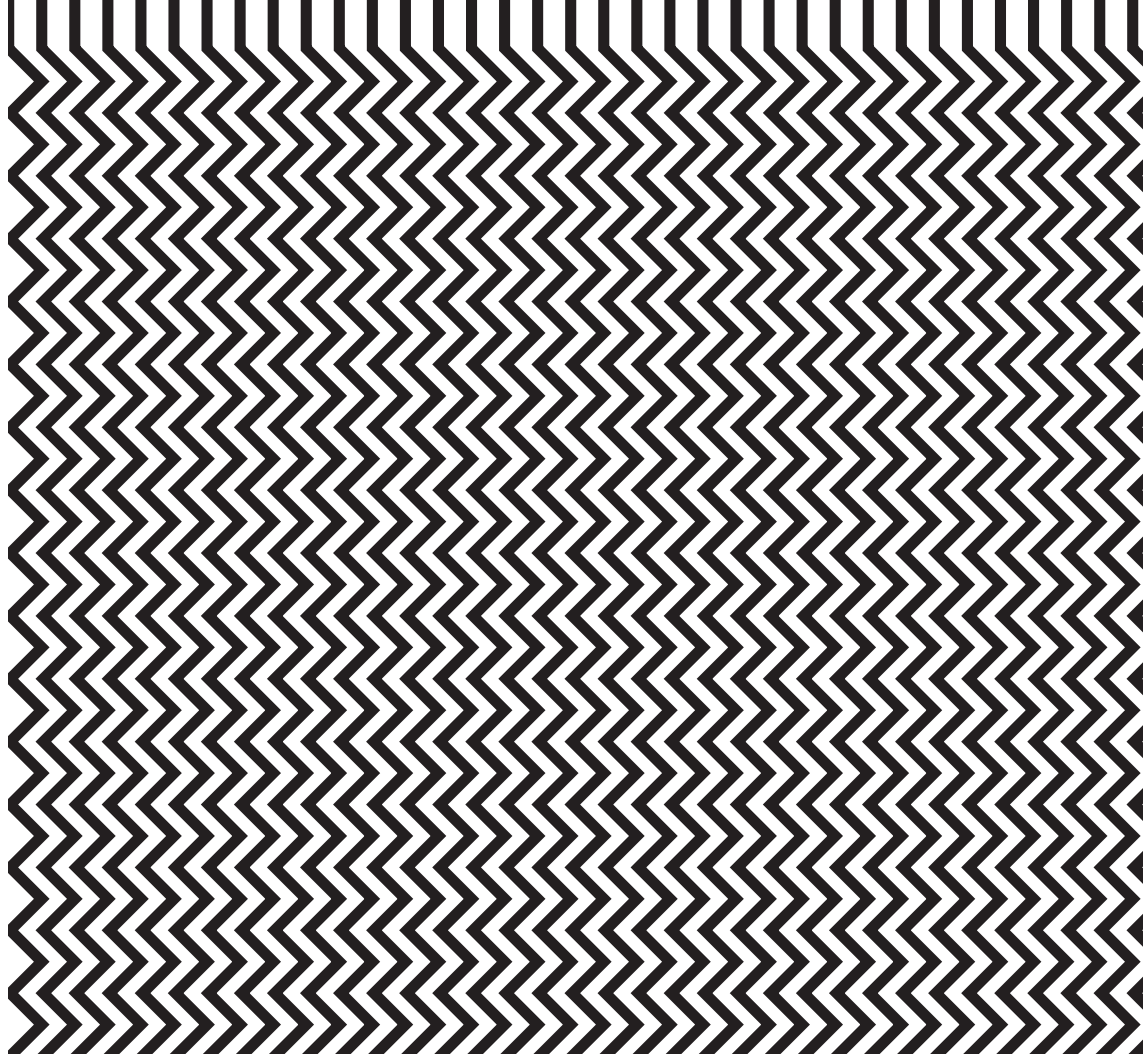
Tudo isso me veio à mente, quando, ainda acomodado no assento do carro, vi-o seguir, em passos lentos, para as bandas do bairro Pereiros. De relance, passou-me pela cabeça segui-lo para ver onde ele morava e insistir em ajudá-lo com algo por conta da enfermidade.

Não reuni coragem. Ponderei que a vida daquele personagem não poderia sofrer invasão. Deveria permanecer enigmática, como sempre o fora. Sem aproximações nem intimidades. Que tudo seguisse como sua própria identidade: nunca revelada.

Balão. Balão do PAX. Só isso bastou para que ele vivesse seus dias nessa dimensão terrena. Creio mesmo que, na única vez que ele mudou de posição, deve ter sido acolhido pelo porteiro do céu com galhardia: “Entre Balão, e escolha o melhor lugar para assistir (e viver) à película da Paz. Desse bilhete de ingresso você se fez merecedor”.

DAVID DE MEDEIROS LEITE é professor, escritor e poeta, membro da Academia Mossoroense de Letras, autor de “Cartas de Salamanca”, “Incerto Caminhar” e outros livros.





POEMAS

OUTROS ROMANCES DE ALÇAÇUS

Paulo de Tarso Correia de Melo

Quando foi inaugurado o Presídio de Alçaçus, alguns habitantes da vila se mudaram por questão de segurança. O turismo incipiente ressentiu-se. Dentro da prisão, que engoliu a paisagem, as atividades são outras que não mais a pesca e a renda que se faziam em liberdade no mar e na vila. Outras são as histórias dentro da prisão. Não mais romances e sim histórias do noticiário policial. A linguagem é lacônica. O lirismo é dórico. O verso é curto.

MACONHEIRO

O Havana
lento se desfaça
em fumaça
branca.

Macio
ao tato
e trato
do lábio.

Sinta
a pele
de folha nova
que o envolve.

Aspire
a chama
que acende
e morre.

BARATO

Canudo
de pó
oni
potente.

Euforia
aspiro
uno
presente.

No banheiro
público
privado
delírio.

Posseiro
único
dois lados
partilho.

PICO

Pico
é pancada
bruta e doce
feito amor.

Seringa
delicada
pica
em dor.

Lento
embalo
do êmbolo
calor

nas veias
explosão
silenciosa
e líquida.

PIERCING

Um cravo
de prata
na língua
que fala.

Um arco
de ouro
no ouvido
que houve.

Uma lancetada
na chaga do lado,
o mamilo,

e pendurado
no umbigo,
um crucifixo.

ENCONTRO NO PAVILHÃO DE AIDÉTICOS

Vinte anos depois
o encontro.
A morte está roendo
o frescor daquele moço.

Aonde a cabeleira
e o sorriso ?
A morte está roendo
os dons de Narciso.

O tempo era seu lago
e os olhos das moças.
O lago está secando,
sobram algumas poças

O olhar seu clareava
a vida inteira.
Os olhos afundaram,
presuntiva caveira.

Ar de decepção
Esconde o rosto magro.
É pedra o coração,
atirada no lago.

NOTA FÚNEBRE DO MOTOQUEIRO

Pranteia este corpo
que tanto custou,
em suor e academia,
até brotar como uma flor
xerófito, um verso curto
e controlado, cem calorias.

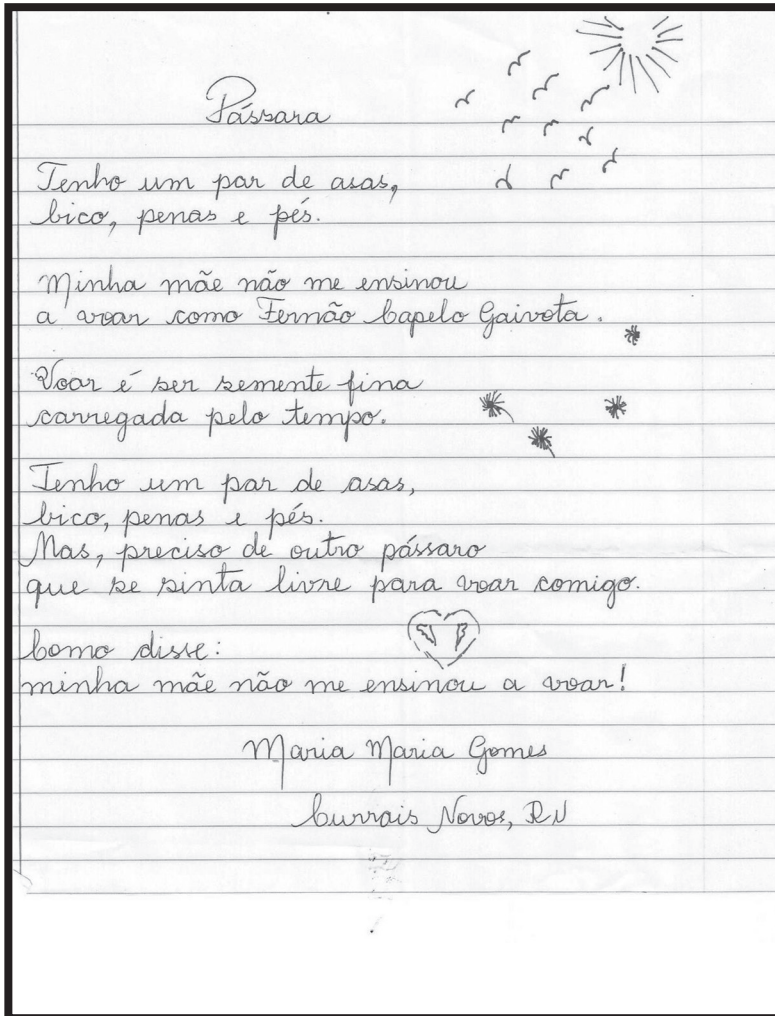
Pranteia o sexo que conheceu,
passageira alegria,
e o cérebro que não se deu
a outras fantasias.

Pranteia o cabelo rente,
a juventude rápida
que caiu da moto
para a alegoria.

* **PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO** é poeta e escritor, autor de Talhe Rupestre e vários outros livros. Ocupa a cadeira nº 11 da Academia Norte-riograndense de Letras.

PÁSSARA

Maria Maria Gomes*



*MARIA MARIA GOMES é professora e poeta, autora de “Propostas de Chuva” e outros livros

MERGULHO MEUS OLHOS INSONES

José de Castro

Mergulho meus olhos insones na terra sonâmbula de Mia Couto.
E viajo nos cadernos de Kindzu.
Embarco na sua canoa do tempo
que veleja nos mares d'África.
Palavras soltas ao vento murmuram
as vozes dos vivos e dos mortos
por entre o vergar das palmeiras.
E rastejam seus louvores ao chão
para que a terra não envelheça.
E para que os dias acordem novos olhos
de esperança por entre os medos.
Por entre a dúvida de saber se o destino
é o desígnio que nos escapa no vão
dos dedos do horizonte e se esvai na lonjura das
horas de escolha entre o sonho e o pesadelo.

E me perco nos escritos e de novo me inauguro
decifrador dos códigos secretos das entrelinhas.
E a terra acorda da cor da corda que enforca
o texto no azul da luz que azula o feminino berço
das escritas que fogem de todos os gêneros.
E são fadas que não têm nome, nem raça e nem cor
e são, assim mesmo, feito um arco irisado em sete véus
de tristeza e beleza bailando e se despindo de mistérios.
E enlaçam América e África num desígnio
de heranças que haverão de costurar nova história.
E depois, vem o silêncio e um soprar de vento

que nos leva a querer, de novo, velejar por
novas rotas menos rotas. E sonhar o futuro de pés
desfincados da estaca da cruz, desse gólgota,
que nos exaure gota a gota o sangue a fluir de veias abertas,
num fino gotejar de silêncio nos tambores de África.

Que soem de novo os tambores por entre as páginas
que me leem, pois insone é a terra sonâmbula
que me veste de encanto e avança feito noite sobre mim.
E despe por dentro meus olhos com os signos
da túnica sagrada de uma África pujante de
cantos e mantras de magos que sabem o segredo
de chorar o pranto que inaugura a lágrima dos rios.
E se transforma no sal dos mares por onde navegam
os dedos magros de Kindzu se fazendo remos e
ramos das recordações do morto-vivo Taímo.
Um barco ousado em longa viagem que tem começo
e tempestade e vento, mas nunca se sabe se chegará ao fim.

Hoje, a terra sonâmbula sou eu, que também navego
sem saber onde é a foz dessa longa e insólita viagem
que se estende por entre o berço das Gerais e o flanco das
terras Potiguares. Dois rios grandes, dois rios doces,
dois continentes que me contêm, que me sustêm e me transbordam
de insones mistérios. E me navegam por dentro.
E multiplicam suas margens. E estendem os seus limites
para além das possibilidades do sonho acordado de serem
leitos de rio que têm a sabedoria de fazer o sertão vir a ser
o que ninguém ainda consegue vislumbrar com olhos mortais.

Hoje, a terra sonâmbula somos nós que nunca dormimos
e sempre temos o sonho de rabiscar nos cadernos da vida
as lições que a escola não quis nos ensinar.
As lições que vêm e se infiltram pelos desvãos da imaginação
dos que sabem que a palavra é o remo e a poesia é o barco
que nos faz avançar pelos mares de sempre.
Os mesmos mares que são a cada dia tão diferentes.
Mergulho meus olhos insones nesses mares que apontam
o destino incerto no brilho insone de estrelas despertas.
Cada um de nós é um pouco de Kindzu, um pouco de África.
Mergulho meus olhos insones numa escrita que tem
o dom secreto e a beleza infinita de jamais se acabar.
E olhos insones são estrelas de continentes novos
que precisamos, mais além, para além de tudo, reinventar.

JOSÉ DE CASTRO, jornalista, escritor e poeta. Mestre em Tecnologia da Educação. Autor de “A marreca de Rebeca”, “Poemares”, e vários outros livros. Membro da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte – SPVA/RN e da União Brasileira de Escritores – UBE/RN.

EU QUASE NUNCA SEI

Tânia Lima

Para Itamar Assumpção, meu igual - meu irmão

Eu quase nunca sei

O que toda teoria vem fazer aqui

e até sei.

Cada uma delas vem

contar sua história.

Eu quase nunca sei que toda poesia

desaparece quando se quer alguma coisa dela

Eu quase nunca sei de nada

Nunca soube de coisa alguma

tenho o cérebro das borboletas

Eu quase nunca sei que a poesia

nunca está de prosa

mesmo quando anda à toa na vida.

Eu quase nunca sei que a poesia é o que é

Minha igual, minha irmã.

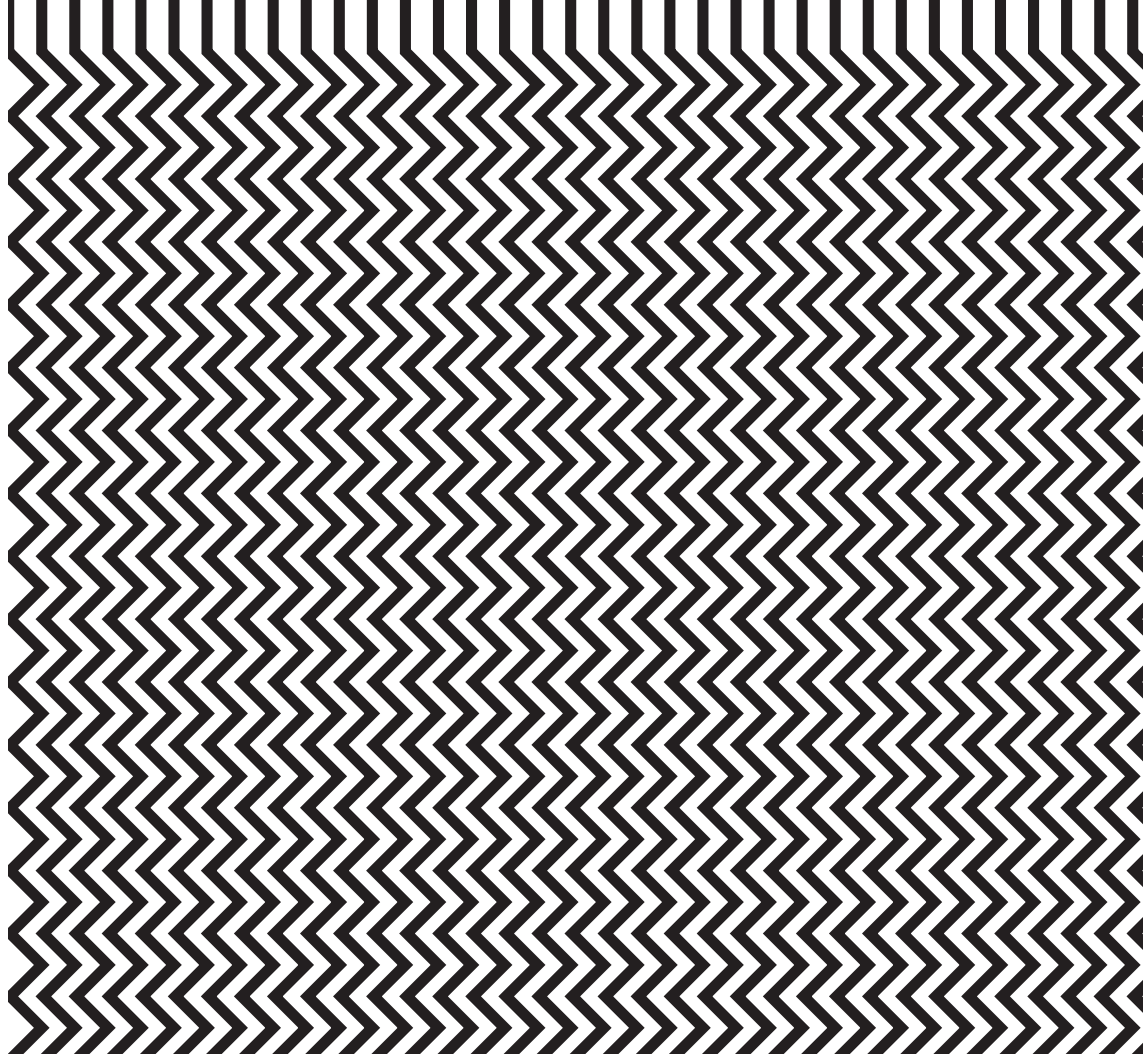
A poesia, às vezes , grita em nome dos silenciados

debocha do tempo perdido

Veza outra, podemos escutar no escuro.

A poesia nunca está em cima do muro
Ela nunca será direitista
Mesmo que alguns poetas
tenham se iludido com o fascismo
A poesia é cem viagens ou sem viagem
Nunca está em em si mesma
mas em todos os lugares do cosmos
Ela é sempre dos lúgubres
mesmo quando brinca de alegria
trapaça oswaldiana
A poesia ,às vezes, aparece por aí
no SUS para tomar vacina contra a dengue.

TÂNIA LIMA é poeta e professora da UFRN. Autora de “Poemas Mal-Ditos”,
“A Bela Estrangeira” e outros livros.



NECROLÓGIO

ANNA REENCANTADA

Sônia Maria F. Faustino

Na série da vida cotidiana está contida a melodia da vida

No epílogo que Ortega Y Gasset escreveu, a pedido do seu amigo Julián Marias, para História da Filosofia, ele nos fala que algumas culturas consideram ser o homem um composto de três elementos: o corpo, a alma e o nome. O nome, na perspectiva do filósofo espanhol, permite pela simbólica palavra, trazer o passado para o presente.

Nesse instante de eternidade escolhi cantar louvaminhas para a amiga que foi, é e será. Porque o presente é o elo que une o passado ao futuro. O presente é nada mais que o momento fugaz cantado por Goethe...

Sempre que surge a oportunidade, trago de volta a ideia do Círculo de Reverberação que formulei no meu discurso de posse nesta academia. Neste momento, o nome da flor chamada Anna pode e deve ser reverberado nos corações dos que compartilharam com ela os acordes da melodia da sua existência.

Assim, o nome Anna Maria é a presença ausente que se faz presente. A sua trajetória biográfica ultrapassa os limites de um discurso acadêmico, até porque, em tempo recente, confrades como Jurandyr Navarro, Manoel Onofre Jr., Ivan Maciel, Iaperi Araújo e o escritor Thiago Gonzaga, prestaram tributos à memória da nossa imortal confeira.

Anna Maria, uma mulher, uma amiga, uma intelectual, cuja vida foi contada e recontada desde o seu nascimento, por meio de crônicas, poemas, cordéis, artigos, entrevistas, discursos, ensaios enfim, sua vida reflete o verdadeiro círculo de reverberações.

Ao fundar a ACADEMIA FEMININA DE LETRAS com Zelma Bezerra de Medeiros e outras companheiras, Anna Maria Cascudo Barreto escolheu como patrona a poetisa Palmyra Wanderley a quem dedicou uma bem fundamentada biografia; em Neblina na Vidraça (p.79) Anna nos disse ser a “casa do seu pai, o ponto de reunião da intelectualidade da época”.

Sendo a cultura, como nos ensina Gabriel García Márquez, a força totalizadora da criação, o aproveitamento social da inteligência humana, foi como sabemos, no ambiente de inteligência que Anna teve o privilégio de florescer.

A escola viva onde Anny foi matriculada a fez a mais querida, a mais admirada e permanente aluna do mestre, um dos Maiores da nossa brasilidade.

Em 1946, a consagrada Palmyra Wanderley dedicou-lhe o poema Anny. (...) “Seu nome tão pequenino, tão doce, tão inocente, encerra um grande destino! Ser a pedra mais cara e fulgurante da coroa de glória de seu pai!”.

Ao pesquisar sobre o processo de inserção de Câmara Cascudo no campo intelectual para o mestrado de sociologia da UNB, complementada no Departamento de História, onde era diretor o nosso colega João Batista Cabral, tive a oportunidade de conversar face a face em duas inesquecíveis tardes com o pai de Anna Maria. Ao término da segunda entrevista, ambas agendadas por sua filha, ele me recomendou: “cuidado, menina! Análise demais desfaz o objeto.” Estávamos na fase do modismo estruturalista que prescrevia desconstruir o objeto pesquisado.

Já na fase crepuscular, anotei uma lembrança de Anna Maria sobre a recomendação do mestre no sentido de abrir a gaiola da pesquisa para que essa pudesse alçar voo. E aqui trago de volta o conceito do *habitus* socialmente construído como marca registrada de cada indivíduo, para identificar alguns aspectos do *habitus* que caracterizou a educação de Anna e a sua consequente iniciação no disputado campo intelectual.

Senão vejamos:

- . Disciplina nos estudos e no trabalho;
- . Ausência de preconceitos;
- . O gosto pelo folclore;
- . Cultivo da música e literatura;
- . Espontaneidade e autenticidade;
- . Colecionadora de amizades;
- . Espírito de gratidão;
- . Um ser alegre e divertido;
- . Amor incondicional à família.

Anna Maria Cascudo Barreto usou o seu dom da narrativa para multiplicá-lo nas inúmeras biografias que nos legou. Vide entre outras: O Colecionador de Crepúsculos e Mulheres Especiais. As suas preferências, foram reveladas e bem anotadas por Diógenes da Cunha Lima no Livro das Revelações. O seu *lattes* está registrado na série memorialística da ANL.

Para ela organizei uma rapsódia nº 5 composta de várias partes: crônicas, canções, louvações e imagens fotográficas, compondo assim, um mural biográfico bem no espírito do tempo presente.

Tempo que passa
mas em passando
permanece
e permanecendo
faz a vida plena, de significado,
para Anna Reencantada conto e reconto
e remeto com carinho
uma flor eterna
que exala sentimentos
“nossos e do mundo”
como ela, única,
uma flor de nome
saudade.

Obras Publicadas:

2003 - Mulheres Especiais

2003- O Colecionador de Crepúsculos

2004 - Neblina na Vidraça

2005 - A Matéria dos Sonhos

2006 - Conquistas Femininas Potigüares

2008 - Sinfonia de Cristal

2010 - O Herói Oculto (Biografia do avô paterno)

Fontes Consultadas

- O Colecionador de Crepúsculos
- Neblina na Vidraça
- Dicionário de Mulheres / Hilda Agnes Hubner
- Críticas e Depoimentos - Mulheres Especiais
- Jornais e Revistas da ANL.

ABERTURA

Ó musa de várias academias
tão logo você partiu
encaminhei um pedido
ao seu amigo Diógenes
que de pronto atendeu
bem no seu estilo lavrou
um edito presidencial
para organizar a liturgia
de praxe da academia
em data e local pré-estabelecidos
convoquei amigos e familiares
para juntos entoarmos
uma singela louvação
em homenagem
à memória de
Anna Maria Cascudo Barreto.

ENCERRAMENTO

Ao chegar ao pórtico do céu aberto
uma comissão-de-frente foi formada
para receber uma nova estrela-guia
quem seria então o mestre sala
por seu pai a ser indicado
no início houve uma controvérsia
ao lembrar-se do *Ludovicus*
Camilo foi o agraciado
o grande cortejo foi formado
para a iniciação de Anna
diante do Senhor do Universo
dele participou gente simples
e consagrada
e assim em celestial chegada
Anna Maria Cascudo Barreto
foi bem recepcionada.

Natal 27 de maio de 2015

Sônia Maria F. Faustino.

AGRADECIMENTO

Agradecemos, comovidos, à homenagem prestada pela Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, à nossa mãe. Anna Maria Cascudo Barreto, nesta Sessão Solene. Através de seu Presidente, o caríssimo amigo Diógenes da Cunha Lima, e da acadêmica Sônia Maria Fernandes Ferreira, oradora, queremos abraçar a todos desta instituição, a qual mãmae tinha tanto orgulho de pertencer. Nossa emoção se mescla com a saudade, neste momento tão singular.

Gostaríamos de deixar aqui, hoje, uma reflexão que se coloca com a vacância de sua cadeira nesta academia, ressaltando que a responsabilidade de substituí-la é mais do que redobrada. A cadeira de número 13 da ANL, ocupada inicialmente pelo seu fundador, Luís da Câmara Cascudo, expoente maior desta casa, teve posteriormente como ocupantes. Oriano Almeida e Anna Maria Cascudo, intelectuais que dispensam comentários. Cumpre-se ressaltar neste momento que nosso maior desejo é que a mesma seja ocupada por alguém cujos méritos literários e acadêmicos justifiquem esta posição, dando continuidade ao trabalho brilhantemente desenvolvido por Anna Maria Cascudo na preservação e difusão da obra cascudiana. Confiamos na escolha dos acadêmicos.

O nosso muito obrigado.

Daliana Cascudo Roberti Leite

Natal/RN, 26 de Maio de 2015.

PATRONOS E ACADÊMICOS

situação em junho de 2015

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauro da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Cláudio Emerenciano
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota (eleito)
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcanti	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto (vaga)
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes

17	Ribeiro Dantas	Deoclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho (vaga)
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Meneses, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado
33	Tonhaça Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine Carlos de Miranda Gomes
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas (eleito)
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

Offset
Gráfica e Editora

Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e
Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em junho/2015.

www.offsetgrafica.com.br